

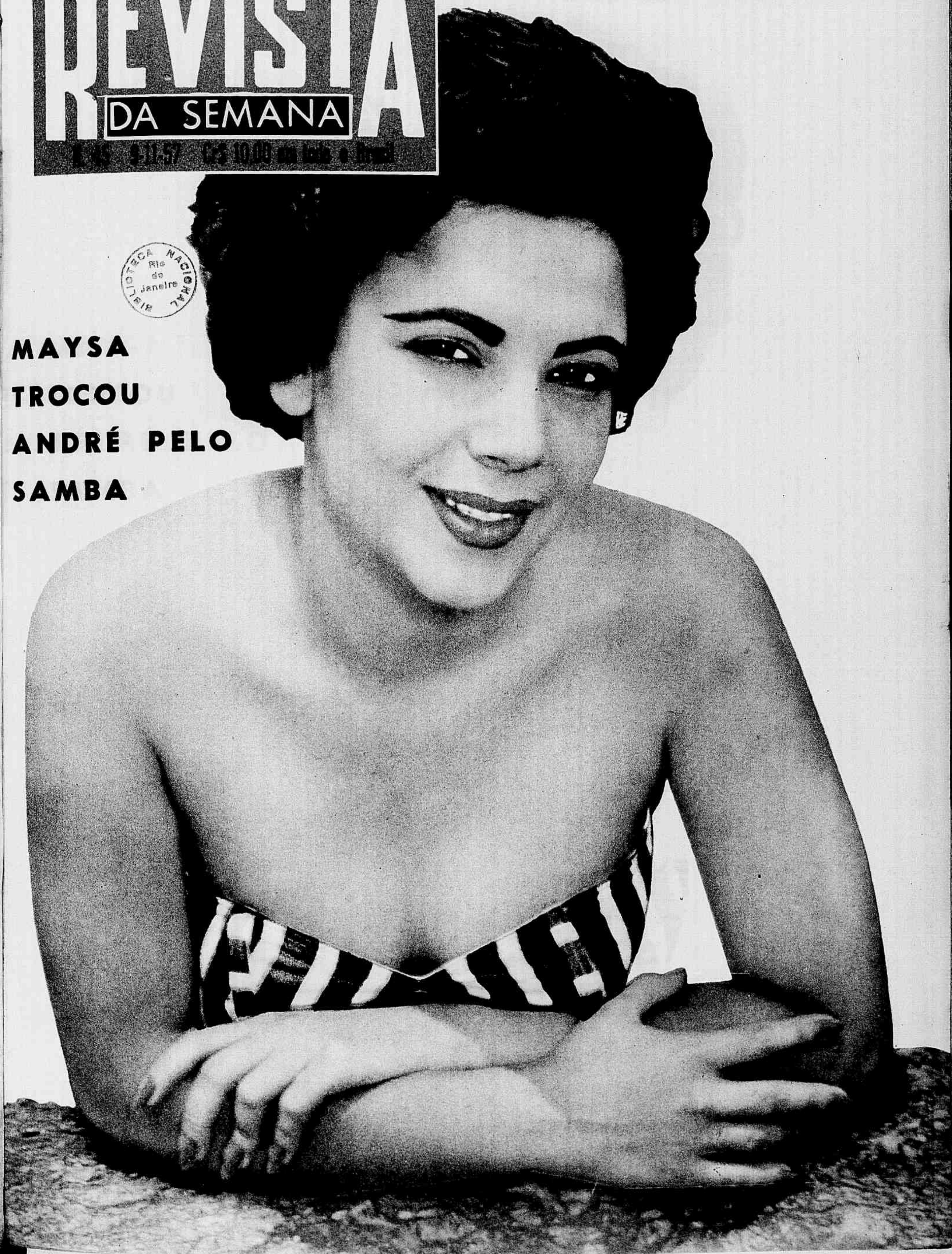
REVISTA

DA SEMANA

A MORTE COBRA TAXA

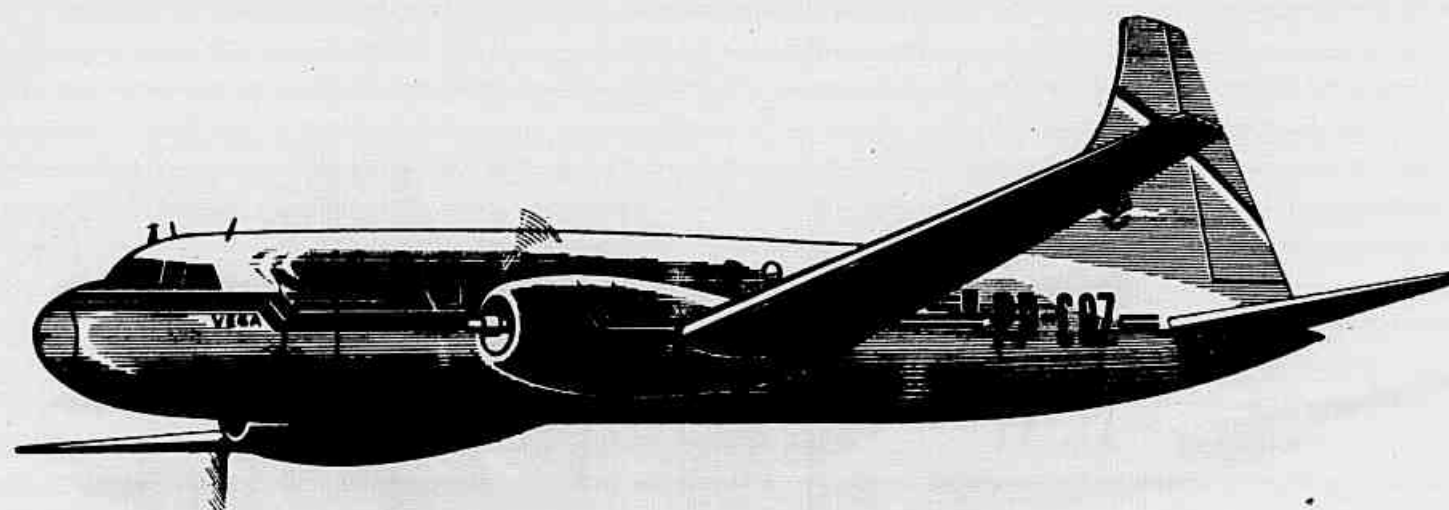


**MAYSA
TROCOU
ANDRÉ PELO
SAMBA**



com alguns cruzeiros por mês
faça o seu cruzeiro aéreo inesquecível
pela Cruzeiro do Sul

voando pelo



'cruzeiro a prazo'



O sistema ideal de crédito que facilita a sua viagem de férias ou negócios. Realize o seu grande desejo, voando para o norte ou para o sul, para leste ou para oeste, pagando suavemente, em prestações mensais pelo plano "CRUZEIRO A PRAZO".

Venha fazer conosco "um roteiro feliz de boas viagens", escolhendo os vôos e as

idades de s/ preferência e os nossos aviões, modernos e confortáveis tornarão realidade inesquecível o seu sonho de ontem.

Faça a viagem mais feliz da sua vida, escolhendo o conforto, a rapidez, a cortezia e a pontualidade como seus companheiros de boa viagem. Prefira os



nossos aviões como cicerones perfeitos da sua excursão de férias ou turismo e de prazer nos seus negócios.

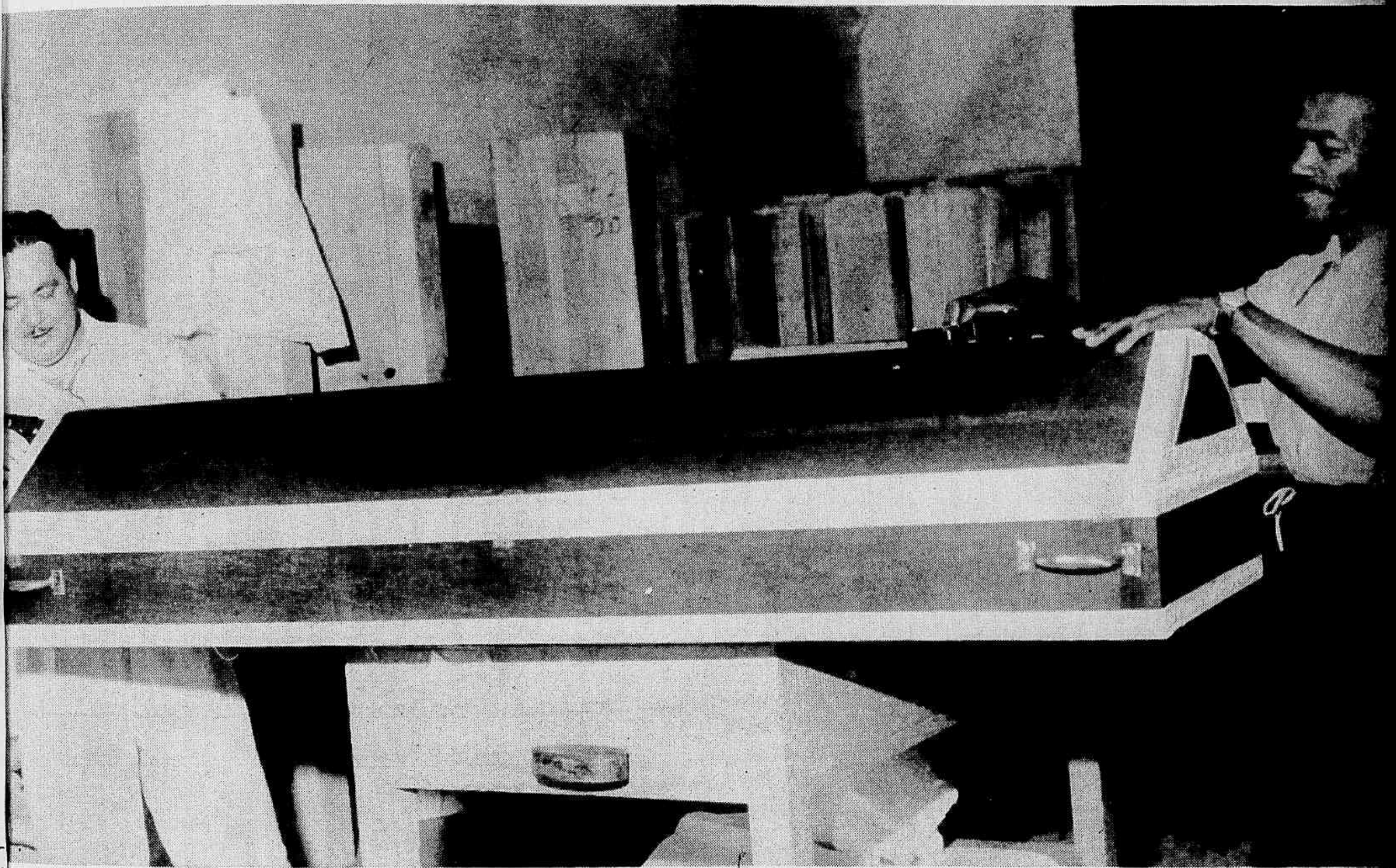
Utilize o "CRUZEIRO A PRAZO" o sistema de "crédito confortável e amigo" que o ajudará a viajar muito, pagando aos poucos.



SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL

Av. Rio Branco, 128 - Tel.: 42 6060 — Av. Nilo Peçanha, 26-A - Tels.: 32-7000 e 42-6060 - R. 206

A MORTE COBRA TAXA



Os caixões de diversos tipos são classificados da seguinte maneira: «A», «B», «C», «D» com os seguintes preços: 1.200, 900, 600,, e 150 cruzeiros, respectivamente

Texto de ABDGARIMO MADLUM

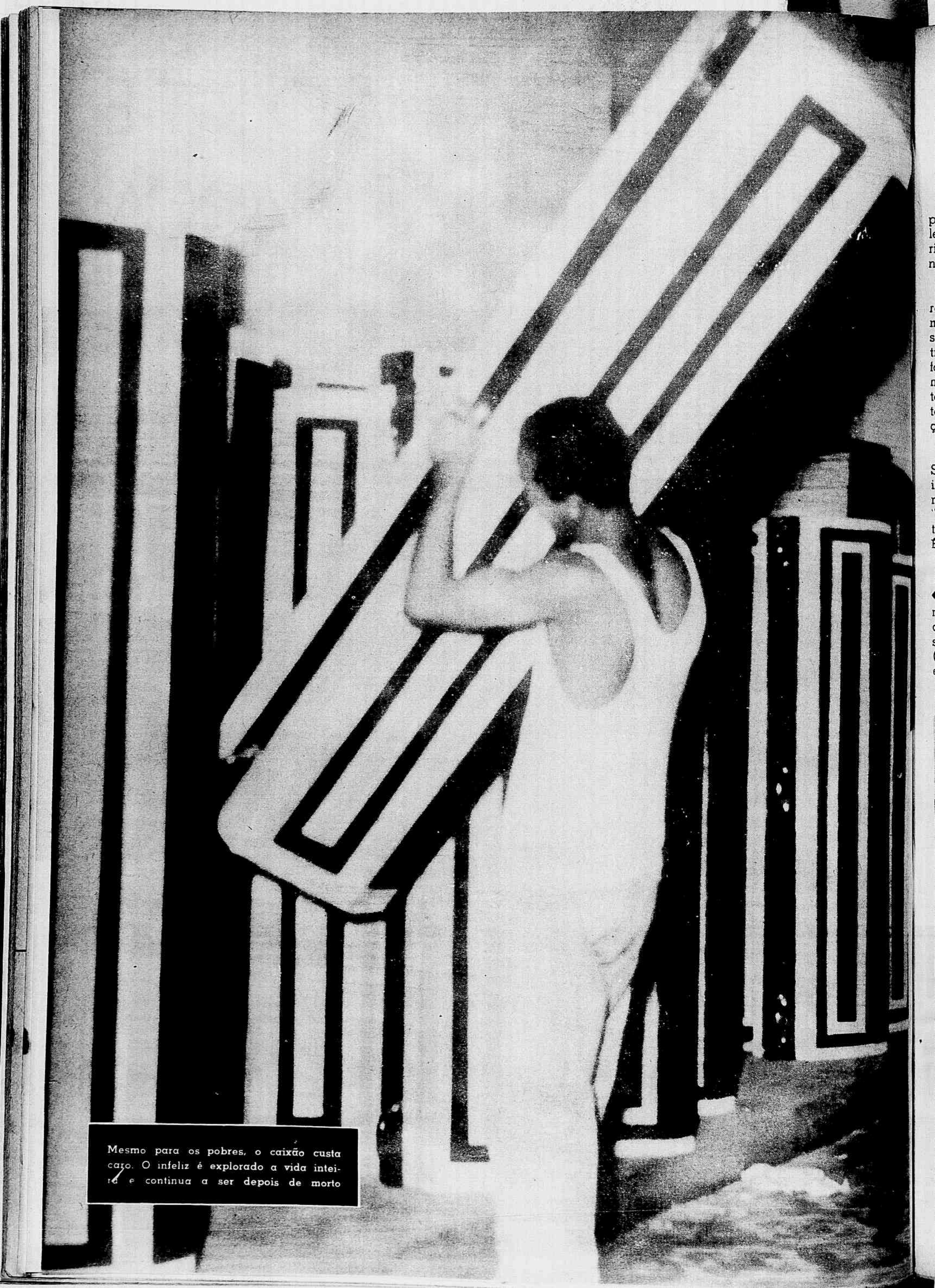
MUITAS pessoas quando pensam em comprar alguma coisa e vêem que o preço não está ao seu alcance, desabafam: "Não se pode mais viver com o alto custo de vida". Seria a ocasião para indagar aos queixosos: "Pode-se morrer em paz, sabendo-se que os preços dos artigos funerários estão tão elevados?" Não. E, assim, o povo nasce e morre sob o signo da carestia.

A quem recorrer?

Os parentes que podiam reclamar contra a desenfreada exploração da Santa Casa de Misericórdia e as chamadas agências funerárias, não o fazem devido ao estado emotivo em que se encontram. As instituições, ou melhor, as comissões or-

ganizadas para fazer a fiscalização não o fazem ou por acomodamento ou porque estão comprometidas com os especuladores.

A 27 de julho de 1953, a Santa Casa de Misericórdia firmou contrato com a Prefeitura do Distrito Federal, pelo prazo de vinte e cinco anos, e a partir daquela data, ela se sujeitou ao disposto na Lei nº 716, de 4-8-52, que estabelecia e classificava os artigos funerários tais como caixões, côches, capelas, etc., em três categorias, além de uma "popular". Não só as classificou como também estabeleceu seus preços, que, segundo denúncias apresentadas, não estão sendo cumpridos ou, se obedecidos, o vêm sendo de maneira aparente, uma vez que, para fugir à Lei nº 716, ela procura criar melhorias não esti-



Mesmo para os pobres, o caixão custa caro. O infeliz é explorado a vida inteira e continua a ser depois de morto

Carro particular só leva flores aos túmulos se pagar uma taxa: até para enfeitar o túmulo o parente do morto é explorado

puladas nas cláusulas contratuais. Desta maneira, ela vem lesando o povo de forma bem flagrante, por serem tais melhorias cobradas ao interessado que trata dos funerais, de maneira obrigatória, como veremos a seguir.

Por que a Santa Casa não dá informação pelo telefone com relação aos preços de seus artigos e serviços, e somente o faz mediante a apresentação dos papéis do finado? Por que tanto sigilo, se ela vem cumprindo religiosamente as cláusulas contratuais? Por que seus funcionários fogem às perguntas que se fazem com objetividade? Quem não deve não teme. Por que os motoristas dos calhambeques que datam de mais de um quarto de século, e alguns até de meio século, fogem quando sentem a aproximação da reportagem? São perguntas que a direção da Santa Casa da Misericórdia não poderá responder.

O monopólio dos cemitérios é feito com exclusividade pela Santa Casa, sem nenhuma concorrência. Se houvesse a livre iniciativa, os mortos poderiam descansar em paz, levando do mundo dos vivos pelo menos uma recordação como conforto: "Fui explorado quando vivo, porém agora eu posso dar meu último suspiro, na certeza de que respeitarão o meu cadáver. Eles não me explorarão nunca mais".

♦ **O MONOPÓLIO** — A Santa Casa tem o monopólio dos cemitérios de S. João Batista, S. Francisco Xavier e de onze outros. Alega a direção daquela organização que os culpados são os "papa-defuntos". Vejamos se nestas insinuações há (pelo menos) um pouco de verdade. Nestes dois cemitérios não é permitida a entrada de enterros, ou melhor de caixão que

tenha sido adquirido em uma agência funerária qualquer, pois só a Santa Casa poderá vendê-lo. Também uma pessoa desprovida de recursos não poderá fazer um caixão para enterrar seu parente, embora obedeça aos mesmos moldes impostos pela Santa Casa. Com esses dois exemplos pode-se verificar que o monopólio é exercido em todos os sentidos.

Afirmam algumas pessoas, que não quiseram declinar o seu nome, que, antigamente, a família dos mortos não estavam, como hoje, sujeita a tão evidente exploração.

Um outro exemplo: um carro particular ou de aluguel que acompanhar um entérro, e que carregar uma coroa de flores, só poderá entrar no cemitério mediante o pagamento de uma taxa.

♦ **AS MELHORIAS FICTÍCIAS** — No contrato que firmou com a Prefeitura do Distrito Federal, quando era prefeito o sr. Dulcídio do Espírito Santo Cardoso, e provedor da interessada o ministro Antônio Carlos Lafayette de Andrade, uma das cláusulas classificou os caixões da seguinte maneira: tipos "A", "B", "C" e "D", aos preços de 1.200, 900, 600 e 150 cruzeiros, respectivamente. Apesar de ser esta a tabela de preços estipulados na lei nº 716, a direção da Santa Casa os desrespeita. Em alguns casos, para não aumentar esses preços, ela cobra em todas as classes cem cruzeiros a mais, sendo que esta importância é exigida a título de melhoria de fôrro do caixão. Em outros casos chega a cobrar o preço superior a melhoria de fôrro. Um exemplo é o caso de um caixão de primeira classe ("D"). O seu preço é de 1.200 cruzeiros, porém é cobrado a 1.300. Esse aumento é atribuído à melhoria de fôrro.

Não fica aí o lôgro. Até os calhambeques também sofreram melhorias, para explorar mais um pouco. Nos casos dos coches também existem quatro classes, sendo para eles cobradas as importâncias de 600, 450, 300 e 225 cruzeiros, respectivamente. Como acontece com os caixões os coches também sofrem aprimoramento (melhoria). E' que as cortinas que adornam o carro, envolvendo-o na parte de sua cobertura foram melhoradas há mais de dois anos. O que acontece é que esta melhoria está sendo cobrada sempre que haja um entérro. E em que consiste esta melhoria de cortinas? São pedaços de fazenda de cor roxa de uns trinta a vinte e cinco centímetros de comprimento, colocadas no lado da cobertura. Se a Santa Casa resolvesse juntar as importâncias provenientes das "melhorias" daria para comprar alguns carros.

Segundo dados fornecidos à reportagem, em todas as classes são cobradas tais melhorias. Nos carros "especiais" dotados de cúpula (penachos em cima), ou especial simples, o preço das melhorias é mais caro. No primeiro caso ao invés de dois mil cruzeiros ela cobra dois mil e trezentos, sendo que o aumento também é atribuído às cortinas. No segundo caso, de mil e quinhentos cruzeiros passa a mil e oitocentos cruzeiros.

♦ **CAPELAS E CARNEIROS** — Quanto às capelas, a exploração é mais flagrante, visto a tabela estipular em oitocentos cruzeiros o preço de aluguel de uma capela, durante vinte e quatro horas. No cemitério de São João Batista, ela chega a cobrar três mil cruzeiros pelo prazo de vinte e quatro horas. No cemitério de São Francisco Xavier o preço é bem menor: 1.800, 2.000 e 2.500 são cobrados por vinte e quatro horas ou fração. Apesar da direção daquela instituição insistir em cobrar "melhorias", quem ler o contrato poderá se certificar melhor de que nada consta com referência a isso. Qualquer dú-



Casa Funerária: aí o comércio também é na base da exploração. O sentimento da família do morto impede o protesto



Santa Casa de Misericórdia: tem o monopólio dos cemitérios da cidade e todos se queixam de que explora demais

QUEM MAIS SOFRE É O INDIGENTE: ÀS VÉZES ESPERA MAIS DE UM DIA PARA SER ENTERRADO

vida poderá ser tirada com a leitura de todas as cláusulas contratuais, que foram publicadas no "Diário Oficial", de 1-8-53, seção II, página 6.417.

Outro absurdo é o que diz respeito aos "carneiros". O fato que abaixo narramos nos foi contado por um celaga de imprensa, que se utilizou dos serviços daquela organização. Há tempos, solicitara a abertura de um carneiro (perpétuo), sendo que naquela ocasião lhe cobraram a importância de 1.800 cruzeiros. O serviço consistia em levantar a tampa da cova para se processar o enterramento de um seu parente. Depois de feito isso, foi novamente vedada com cimento. Entretanto o preço legal seria de mil e quinhentos cruzeiros. Há casos em que são cobrados três mil cruzeiros ou mais. Eis alguns preços de carneiros conforme a cláusula contratual; conforme classificações pelos tipos: "A", "B", "C", 1.500, 1.200 e 900 cruzeiros.

♦ **UM ORÇAMENTO** — Para constatar tais irregularidades, eis um exemplo que foi obtido pela reportagem. O repórter entrou na Agência Funerária da Santa Casa da Misericórdia, na Rua Santa Luzia, e depois de simular um triste acontecimento, pediu ao funcionário que o atendeu que lhe fornecesse um orçamento para um entêro de terceira classe ou tipo "C". A princípio o servidor negou-se a dar informação, dizendo que só poderia fazê-lo com os papéis do falecido na mão. Insistiu o profissional da imprensa, dizendo que o morto era seu amigo, que não tinha parentes no Rio, sendo que era necessário saber o preço, pois iria reunir alguns amigos para uma lista. A muito custo o funcionário cedeu. Eis os preços de um entêro da classe "C": caixão (700 cruzeiros), côche (375 cruzeiros), sepultura rasa (225 cruzeiros). Além

dessas importâncias o funcionário ajuntou: — o senhor terá que pagar cinquenta cruzeiros a mais de melhoria de cortinas. Examinando-se o contrato verifica-se o aumento: o caixão de seiscentos cruzeiros passou para setecentos; o côche de trezentos cruzeiros passou para trezentos e setenta e cinco cruzeiros, como também houve um aumento de cinquenta cruzeiros de melhorias de cortinas. Dessa maneira o aumento foi de cento e vinte e cinco cruzeiros.

♦ **A COMISSÃO** — A fim de fiscalizar tais serviços o contrato determinou que fôsse criada uma comissão composta de um médico, um engenheiro ou arquiteto, um advogado e um contador, sob a presidência do diretor do Patrimônio Municipal, e que tem a incumbência de zelar pelo cumprimento do contrato, devendo ainda apresentar relatório anuais. Agora se pergunta: por onde andar tal comissão que não vê tais irregularidades? Por que se omitiu?

♦ **ENTERRO DE INDIGENTES** — Quanto ao enterro de indigentes que é ao preço de 475 cruzeiros, são impostas as maiores dificuldades, segundo pessoas que nos relataram os fatos. O suplício começa quando o infeliz tem que ir à Santa Casa tratar dos papéis. Para ser despachado tem que apresentar um atestado de pobreza firmado por duas testemunhas, visado pela autoridade policial competente, e outros papéis. Afir-mam os queixosos que para esses funerais só existem dois carros, e que muitas vezes são obrigados a aguardar a vez de ser processado o entêro. Dessa maneira o indigente tem que esperar por mais de vinte e quatro horas para ser enterrado, chegando às vezes a esperar por mais de um dia.

Diretor Gratuliano Brito
Redator-Chefe Reynaldo Jardim
Chefe de Publicidade J. M. Costa Júnior
Paginação Victor Tapajós
Desenhos Alberto Lima
Fotografia Arnaldo Vieira e Alberto Ferreira
Laboratório V. M. Vasconcelos

Redatores e Corretores:

S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Ana

Colaboradores:

Eneida, José Roberto Teixeira Leite, Helio Polito, Jeff Thomas, Haroldo Damasio, L. Junqueira, Nelson Gomes Leite, Octavio Lins, Carlos Normando, Carlos A. Nascimento, Quintino Carvalho.



Propriedade da Companhia Editora Americana —
Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio — Tels:
Redação, 22-4447; Publicidade, 22-9570; Portaria,
22-5602; Gerência, 22-8647; Contab., 22-2550.



ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano Cr\$ 500,00
Seis meses Cr\$ 250,00
Registrada — Um ano Cr\$ 750,00
Seis meses Cr\$ 375,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano Cr\$ 900,00
Seis meses Cr\$ 500,00

O número avulso custa Cr\$ 10,00 em todo
o Brasil, atrasado, Cr\$ 11,00.



Toda correspondência deve ser endereçada ao
Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA
DA SEMANA está organizado. Só publicaremos
colaboração solicitada pela redação. Não devol-
vemos originais, mesmo quando não publicados.
Os trabalhos assinados são de responsabilidade
dos autores.

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spa-
nos, C. Postal 434, Lourenço Marques.
Em Portugal: Helena A. Lima, avenida
Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito,
Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia.,
Constituyente, 1746, Montevideu. Na
Argentina: Interpresa, Florida 299, te-
lefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.
Tem agentes em todas as localidades
do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO
A. Zambardino — Rua Capitão Salo-
mão, 69 — Fone: 34-1569

LÍNGUAS

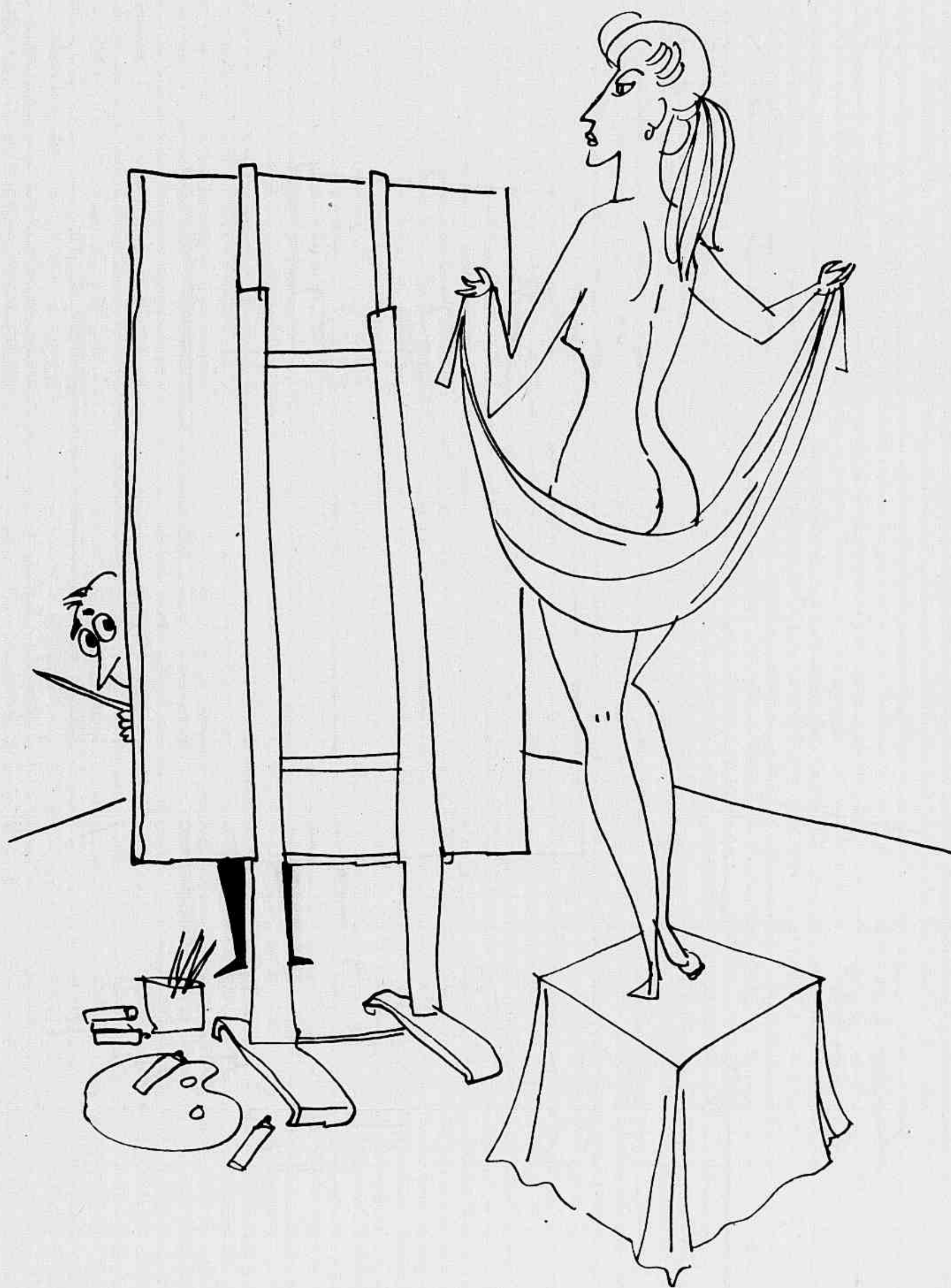
CONTA um escritor humorista francês — Pierre Daninos — que um de seus tios acabou no hospício, porque quis inventar uma língua. E' verdade que era professor de línguas vivas e tinha, portanto, de certo modo, o direito de criar uma sua, própria. A língua criada tornava verbos certos sons, como por exemplo: "bing, bung, boungen". Os alunos acabaram denunciando a loucura do mestre que seguiu direto para um hospício. Inventar línguas não é tarefa nem privilégio de loucos; conheço muita gente, perfeitamente sã de espírito que costuma fazê-lo. Quem não inventou já uma língua especial para falar com o objeto amado que pode ser uma criança, um homem, um cão ou um gato?

TUDO isso me ocorre agora porque leio num telegrama de Goiânia que um senhor chamado Marco Aurélio acaba de organizar um glossário da língua de Marte. Apesar do nome, o goiano que é astrólogo, se diz "marciano de origem, reencarnado na terra por castigo e por missão". O telegrama (infelizmente são muito sintéticos êsses telegramas) não conta se Marco Aurélio acha melhor sua vida de hoje em Goiânia ou se prefere a outra, aquela anterior, quando era um cidadão de Marte. Apesar do laconismo do noticiário sobre tão palpitante assunto, o astrólogo e gramático marciano conta-nos delícias tais como: o que na terra se chama governo já está muito superado em Marte. Como nossos governos são geralmente péssimos, é natural que os cidadãos daquele planeta já tenham acabado com eles. Mas a língua? A língua é difícilíssima tantos os "z", os "ss", etc. Você em português diz "adeus, meu amor"; simples, não? Diga em francês, inglês, alemão, espanhol e até mesmo em russo essa frase e ela parece simples e doce. Em Marte você dirá: "Prebskzz pojiva". Há coisa mais difícil?

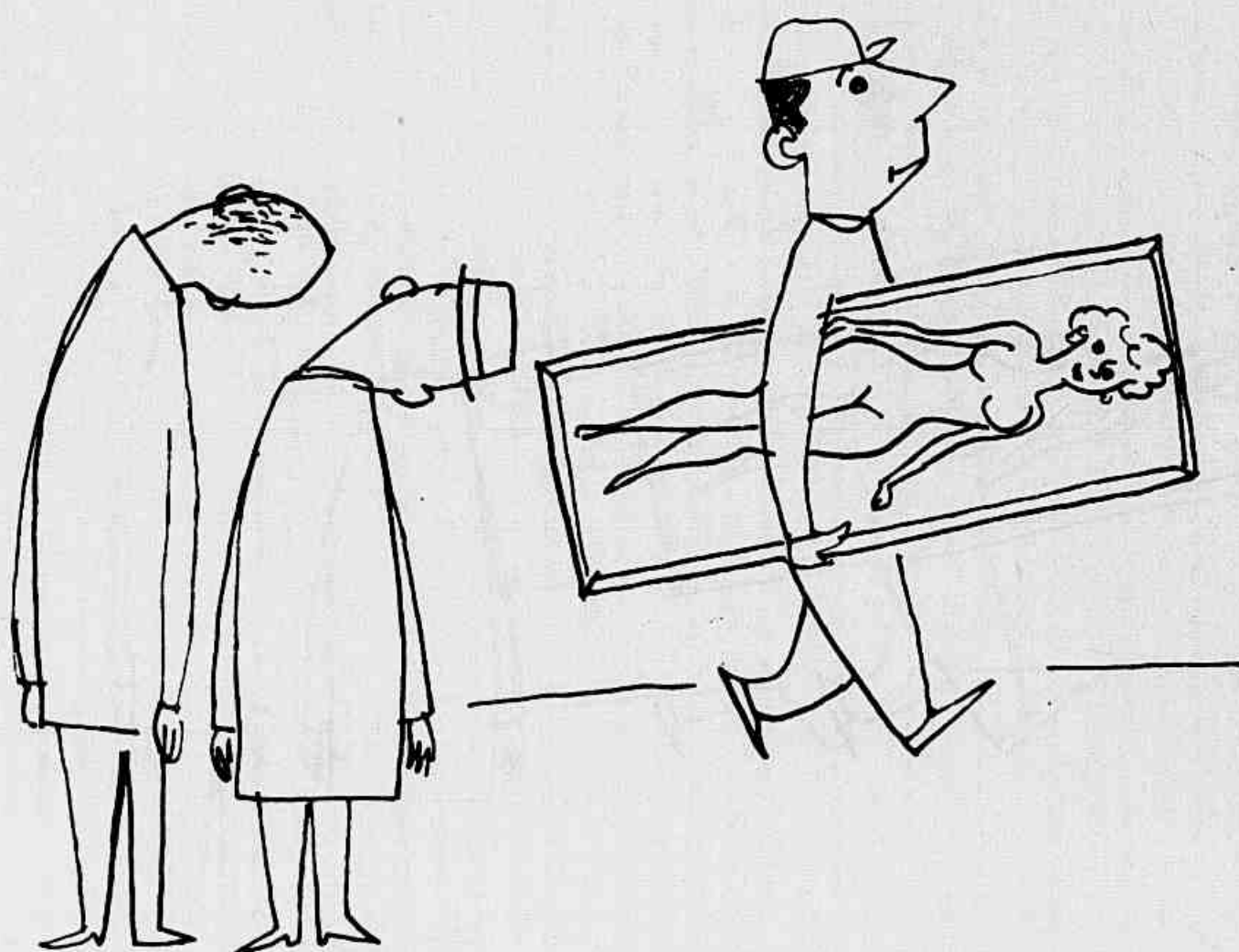
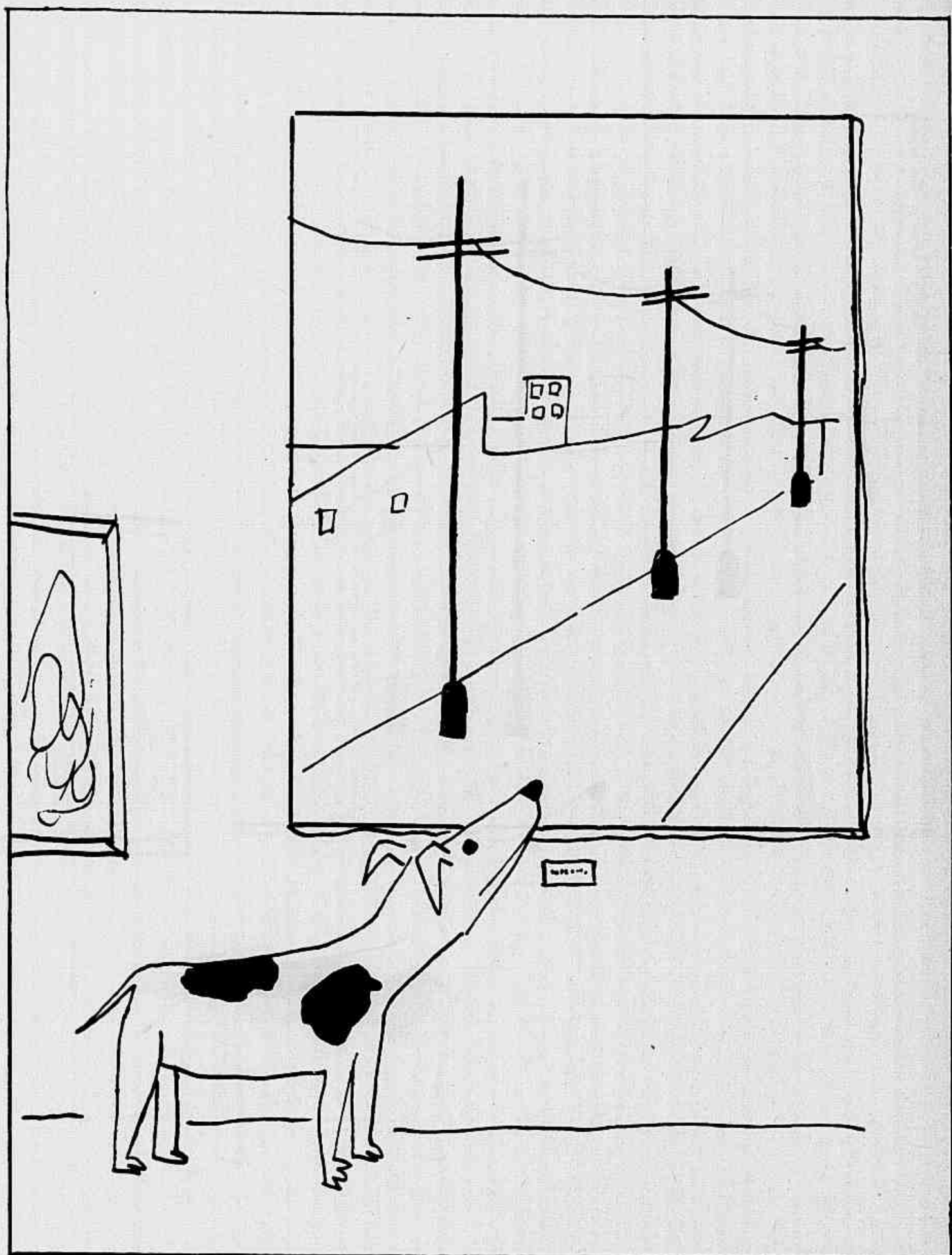
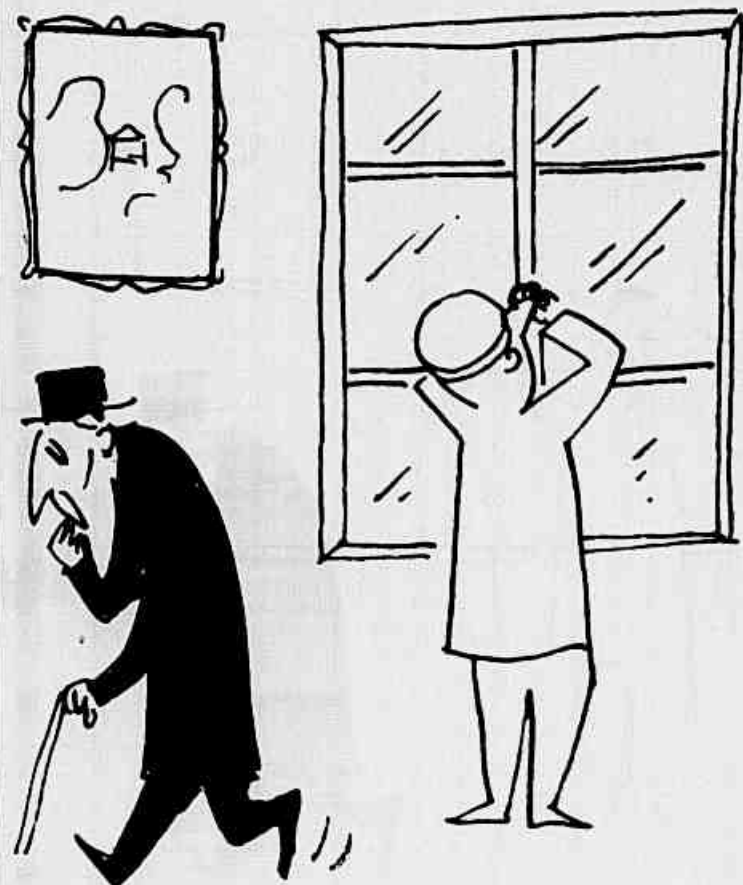
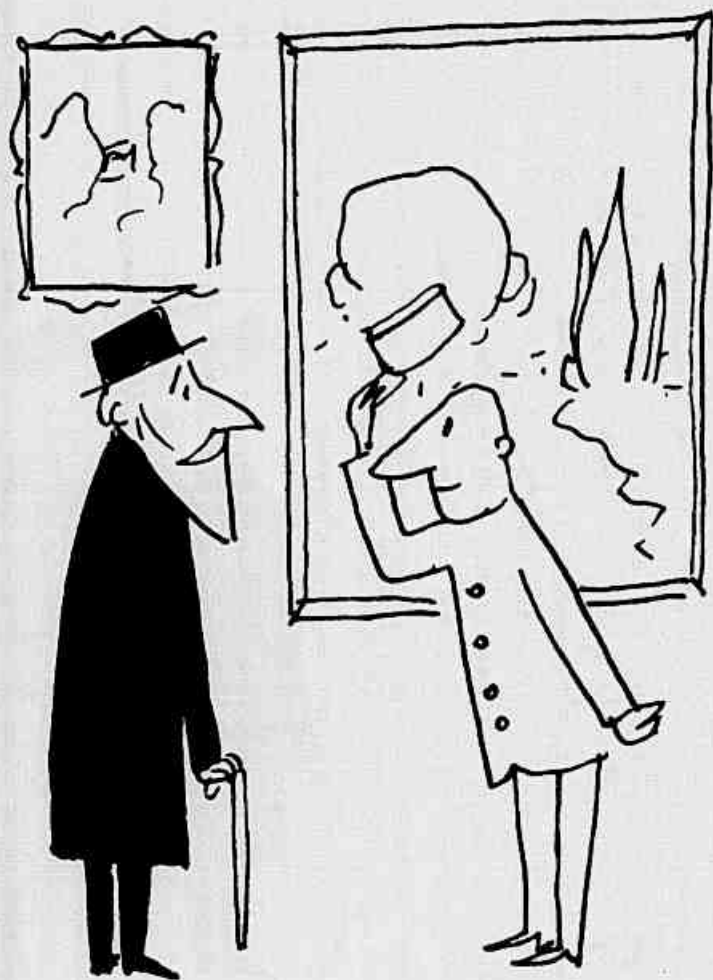
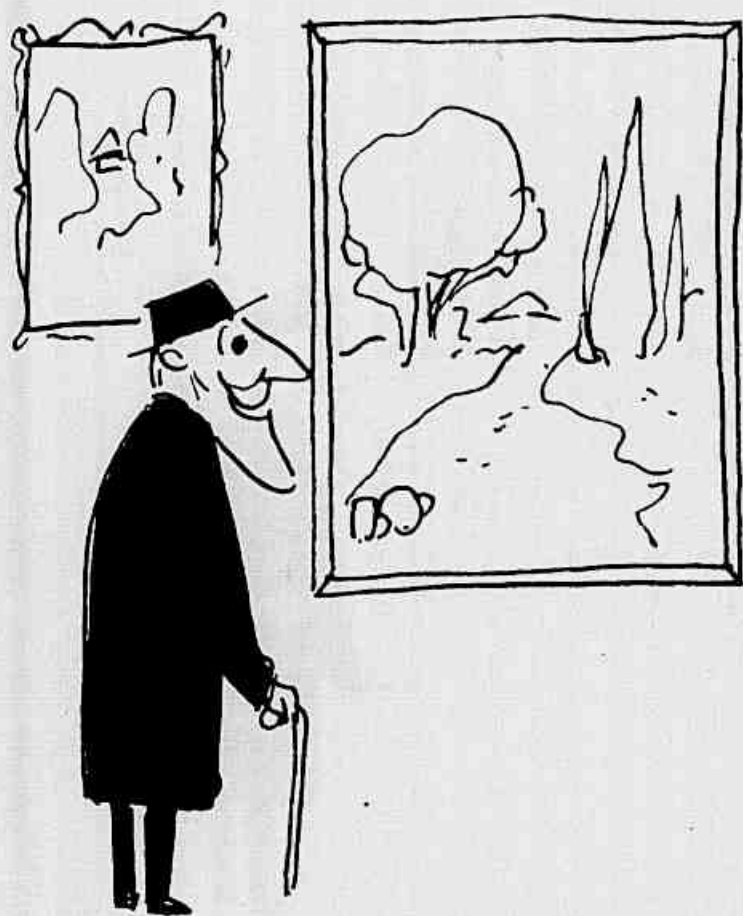
"Pojiva" é amor em marciano; "debskzz" é adeus assim como "kelu" é nós, "Bá" é vós, "tine" é saudar e "Tomzz" é Marte.

NÃO devemos pensar que o sr. Marco Aurélio seja aparentado do tio de Daninos nem que mereça o mesmo fim que ele teve. Nada disso. E' um senhor tão sério, tão respeitável, tão consciente de seus conhecimentos que deve merecer de todos nós os mais profundo acatamento. Um homem que reencarnado neste vil planeta terra, não desaprendeu a língua de sua passada encarnação. Mulher curiosa, — extremamente curiosa —, estou aqui pedindo a meus amigos de Goiás, à uma moça que ali reside chamada Regina Lacerda, folclorista de nomeada, que me faça um favor: mande, com a maior das urgências um glossário de Marte. Quero depressa aprender a língua daquela gente, antes que me apareça um cidadão ali nascido e queira trocar idéias comigo em vão. Preciso, urgentemente uma gramática, o livro, o trabalho do professor Marco Aurélio, cidadão de Marte hoje vivendo em Goiânia.

ENEIDA

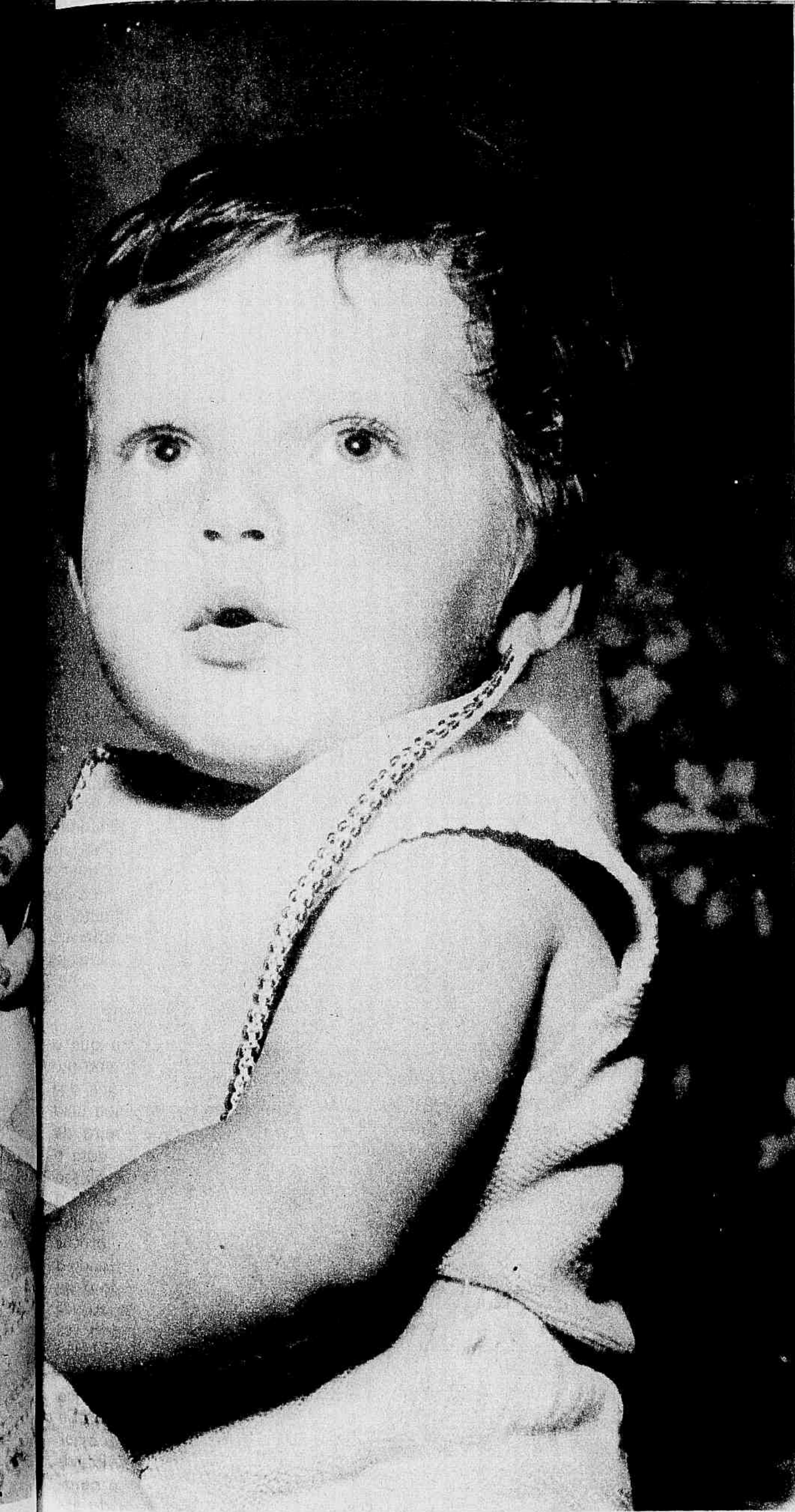


O TÍMIDO





MAYSA (QUE NÃO É MAIS MATARAZZ)



UM DESQUITE QUE NÃO ABALOU
EM NADA O PRESTÍGIO DE UMA
DAS MELHORES CANTORAS BRA-
SILEIRAS — CONTINUA SENDO
«GENTE BEM», CANTANDO BEM E
FREQUENTANDO A SOCIEDADE —
SÓ UMA COISA NÃO TROCARIA
PELA CARREIRA: SEU FILHO

Texto de JEANETTE ADIB

Jaime ficou em companhia de Maysa. Será
educado para viver em um mundo onde
pluridos aristocratizados de André não tem
lugar. (Foto LEONICE)

RAZZO) TROCOU ANDRÉ PELO SAMBA



DESDE MENINA MAYSA PREFERIA NOEL ROSA A CHOPIN, A BATIDA DO SAMBA AOS COMPASSOS DO «Ballet». UMA VOCAÇÃO ARTÍSTICA QUE NÃO ENCONTRA BARREIRAS PARA SE REALIZAR

Maysa ao lado do seu ex-marido, André Matarazzo, numa foto batida por ocasião da assinatura de um contrato em São Paulo. André quis cortar a carreira artística de Maysa e Maysa acabou cortando André de sua vida

O

S parentes conservadores de Maysa, começaram a se scandalizar quando, com apenas 13 anos, ela trocava o "ballet" e a música clássica pelos sambas de Noel Rosa e Ari Barroso. Revelando-se compositora de música popular, compôs o primeiro samba-canção: "Adeus", causando decepções sempre que se recusava a assistir a uma ópera para ficar ouvindo batucada na voz de seus sambistas prediletos. Sua leitura constante era a poesia e os autores Manuel Bandeira e Vinícius de Moraes.

UMA "CANTORA-BEM" REVELADA ENTRE "GENTE-BEM"

Acompanhando-se ao violão, Maysa começou a cantar em festas de sociedade, interpretando páginas da música popular brasileira, constituídas, na maioria, de composições de sua autoria. Os mais severos repeliavam-na, aconselhando-a a se interessar pela música clássica — gênero adequado à sua posição social. Mas a arte superava qualquer argumento — e já não lhe importavam as aparências, os comentários — queria satisfazer o seu "eu" — libertando-se das correntes que dominavam-lhe a vontade e os impulsos. Queria ser cantora.

COMO SE APAIXONOU PELO FILHO DO CONDE MATARAZZO

Ainda menina, Maysa revelou sua primeira paixão por um amigo da família — o filho do conde André Matarazzo. A inconveniência da pouca idade de Maysa era ressaltada por sua mãe — d. Iná. O romance foi alimentado durante três anos até que a jovem se transformou numa das mais bonitas moças da sociedade paulistana, e culminou com um casamento pomposo. Após a viagem de lua-de-mel nos Estados Unidos, o casal passou a circular com intensidade na vida social de São Paulo e Maysa deixou-se contagiar pela vontade firme de ser cantora profissional. Iniciou uma série de recitais com fins filantrópicos e mostrou que podia ir além — muito além.

SURGE A CANTORA-MILIONÁRIA

Uma noite de exibição na "boite" Cave — em benefício do Hospital Central do Câncer foi o bastante para que o nome de Maysa Matarazzo ocupasse páginas de revistas e jornais de São Paulo e desta capital — na mais franca repercussão que abalou sobremaneira alguns membros das famílias Monjardim e Matarazzo. As propostas iniciais para rádio e TV foram recusadas. Havia a natural curiosidade do público em ver e ouvir a cantora-milionária de voz rouca, cantando com um estilo todo seu. Ela apenas concordou em gravar suas próprias músicas, doando os lucros a associações beneficentes. Grande

sucesso em seu primeiro disco, que lhe proporcionou o título de "a maior revelação feminina de 1956", na escolha anual dos cronistas de rádio de São Paulo — para eleger os melhores do ano.

O interesse das emissoras de rádio e TV da paulicéia cresceu — tendo sido, por várias vezes, anunciado seu ingresso no setor artístico. Vinham os desmentidos: nada ficara positivo. Com o nascimento do primeiro filho do casal — (Jaiminho) — Maysa abandonou temporariamente a idéia de se dedicar à vida artística. Passados os primeiros meses da maternidade, voltou com sua voz a contribuir para o brilhantismo das reuniões sociais. Aquilo, porém, não era o suficiente. Ela queria cantar para milhares de pessoas e sentir as emoções que o sucesso proporciona. Estava disposta a cumprir seu intento, rompendo a barreira da oposição, Maysa assinou o primeiro contrato para atuar na rádio e televisão Record, doando os proventos a associações de caridade.

ANDRÉZINHO CONCORDOU, DEPOIS ARREPENDEU-SE

Um tanto inconformado, André Matarazzo consentiu que a esposa atuasse algumas vezes na televisão. Pouco tempo depois, porém, rompeu o acordo. Surgiram as incompatibilidades oriundas das atividades artísticas da "cantora-bem". Seu marido criou uma série de obstáculos ao prosseguimento de sua carreira de cantora — já então em grande evidência. A solução para o caso parecia ser impossível para ambos, de vez que Maysa mantinha irreduzível, seu firme propósito de não abandonar o rádio e a televisão. A moça lançou mão do desquite — que na primeira tentativa não chegou a ser homologado graças à intervenção das famílias Matarazzo e Monjardim, fazendo-o retroceder no seu intento. Veio a reconciliação e quando a serenidade parecia ter voltado à vida do casal, novas rusgas deram margem a que a cantora apelasse pela segunda vez para o desquite, fazendo constar no seu pedido de anulação de casamento: "incompatibilidade de gênios". Outra intervenção das duas famílias, e conselhos de d. Iná fizeram com que Maysa e André chegassem novamente à reconciliação. Da parte a parte, houve promessas no sentido de reatarmos o casamento que parecia estar perdido para sempre, sem que Maysa abrisse mão de sua carreira. Poucos dias depois, a situação se agravou novamente. André não se conformava com o fato da esposa ter ampliado suas atividades artísticas — vindo a fazer também, televisão no Rio — e essas viagens semanais, desagravaram-no. Decidiram reiniciar a ação de desquite — já agora convencidos de que não existe uma fórmula conciliatória capaz de uni-los noutra tentativa de felicidade.



NA PISCINA DO COPA, MAYSA PROCURA MANTER EM FORMA O FÍSICO E A SAÚDE. O EXERCÍCIO MANTÉM-NA SAUDÁVEL DE CORPO E ALMA

MAYSA FIXA RESIDÊNCIA NO RIO

Enquanto aguarda os termos finais do desquite, Maysa fixou residência no Rio — Avenida Atlântica, trazendo Jaiminho — seu filho.

Maysa nega-se a fazer declarações à imprensa, seguindo, talvez, determinações de seu advogado, pelo menos enquanto não estiver concluída a ação de desquite. Mesmo assim, conseguimos obter algumas palavras da cantora.

— Arrependida, Maysa?

— Por que? Fiz as pases várias vezes e não deu certo. Eu preferia não falar neste assunto...

— E' verdade que, depois que você entrou para o rádio e televisão, já não se sente tão à vontade nas reuniões do "high-society"?

— Eu me sinto bem em qualquer meio e não tenho nenhuma restrição a fazer. Pelo contrário...

— Por que desistiu de atuar na TV-Rio?

— Eu não desisti. Apenas meu marido resolveu cancelar meu contrato.

— Sobre seu filho, André se opôs que ele ficasse em sua companhia?

— O que importa é que meu filinho ficará comigo. Gostaria de não abordar este assunto.

— Na sua opinião, o casamento é um estorvo na vida de uma cantora?

— Não... absolutamente! Pode haver perfeitamente uma compreensão entre marido e mulher — tudo dependendo de boa vontade. Em caso contrário, quando os pontos de vista divergem, não há possibilidade de dar certo.

— Você receia os comentários "gente-bem", sobre os motivos que determinaram seu desquite?

— Nada tenho a recear!

— Por que veio morar no Rio?

— Acho o mar uma coisa impressionante, e só gosto das praias cariocas — as mais belas do mundo. Adoro esta cidade onde nasci!

— Como cantora, você encontrou afinal o grande ideal de sua vida?

— Sim. Gosto demais de cantar. Mas o meu grande ideal era ter o garoto que tenho — que por sinal, está comigo e se divertindo a valer.

— Como costuma compor suas músicas?

— Na base da inspiração. Eu componho desde os 13 anos de idade. A minha primeira música foi o samba-canção **Adeus**.

— Depois do desquite continuará usando o mesmo nome artístico?

(Cont. na página 14)

Usando REGULADOR GESTEIRA



A Senhora também poderá **SORRIR**
todos os dias do mês!

REGULADOR GESTEIRA

é um remédio extraordinariamente eficaz no tratamento das menstruações dolorosas e outros distúrbios funcionais dos órgãos femininos.

VALEMIN

— ADULTO —

Um fortificante
de



— INFANTIL —

comprovada
eficiência

Inst. Biológico do Rio de Janeiro Ltda.
CAIXA POSTAL 1202

"Mil" lhe oferece:



BUZINAS Sonoras
TIMPANOS Bim-Bam
ELETRICAS - AVACUM - A AR
Colocação imediata



Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE
R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO

SEM COMPROMISSO

◆ ALGO ESTRANHO NO ESPAÇO

Na extremidade sul da ilha meridional da Nova Zelândia observa-se que algo estranho se verifica no espaço a 112.140 metros de altitude. Calcula-se que o satélite artificial russo e os discos voadores não podem ser responsabilizados pelo que se verifica, mas o fato tem preocupado todos os cientistas do Ano Geofísico Internacional. O dr. Michael Gadsen, do Imperial College de Londres, que se encontra na Nova Zelândia para o programa do Ano Geofísico Internacional e é uma autoridade mundial nas atividades das auroras, declarou que os misteriosos objetos têm sido observados desde 20 de junho nas telas de radar instaladas em Invercargill. As telas de radar do Ano Geofísico Internacional têm um alcance máximo de 1.922,400 metros no espaço, mas os cientistas que operam o equipamento de radar encontram dificuldades para obter a altitude exata de onde se originam os ecos. O dr. Gadsen afirma que o registrado pelo radar não é causado pela atividade solar.

◆ ESCRITORES HÚNGAROS JULGADOS

Oito escritores húngaros estão sendo julgados pela Corte Suprema do Tribunal Popular acusados de terem participado de uma organização «contra-revolucionária» dirigida contra a segurança do Estado. Entre eles encontra-se o famoso romancista Tibor Dery, figura de primeira ordem da literatura húngara.

◆ IEMEN X GRÃ-BRETANHA

O conflito territorial entre o Iemen e a Grã-Bretanha está ameaçando de degenerar num conflito local como a guerra de Omã e Mascate. O governo iemenita já pediu a intervenção dos Estados Unidos na questão. Caso o governo norte-americano não queira servir de mediador, o Iemen deverá apresentar a questão na Assembléia Geral das Nações Unidas.

◆ HISTÓRIA MARÍTIMA NICHOLAS MOSARRAT

Numa excursão de 4 meses por todos os mares, o romancista inglês Nicholas Mosarrat, autor de «Mar Cruel», espera recolher todo o material necessário para escrever «uma volumosa obra sobre a história marítima dos últimos 400 anos». O autor de «A História de Esther Costello» pretende abranger em sua obra desde os tempos de Sir Frances Drake até a atual construção do canal no rio São Lourenço, ligando os Estados Unidos ao Canadá.

◆ PÓLO SUL: ATRAVESSADO

Foi divulgado (em Nova Zelândia) que o dr. Vivian Fuchs, chefe da Expedição Transantártica da Commonwealth, deu o primeiro passo na direção ao Pólo Sul. O dr. Fuchs disse que ele e três membros da expedição partiram dia 8 do corrente da base de Shackleton com destino à base denominada em inglês «South Ice», a 400 quilômetros de distância, que é o primeiro posto avançado para o Pólo Sul. De «South Ice» regressarão de avião ao quartel-general para se juntarem ao corpo expedicionário que atravessará o continente antártico.

MAYSA MATARAZZO (Cont. da página 13)

- Usarei apenas Maysa.
- E continuará doando seus proventos no rádio e na TV para associações de caridade?
- Não tudo, pelo menos uma parcela.
- Você não trocaria nada pela sua carreira?
- Isto depende muito do futuro...
- Prefere o meio social ou artístico?
- Prefiro o meio artístico.
- Você acha o ambiente artístico de certa forma degenerado?
- Não. Em todo ambiente há degeneração.
- E a seu ver, uma mulher é capaz de se apaixonar mais de uma vez?
- Perfeitamente. Quantas vezes fôr possível acontecer.
- Prefere a franqueza ou gosta de contornar os assuntos acomodando-os da melhor maneira?
- Franqueza, ao máximo!

NA "BOITE MEIA-NOITE" E UMA VIAGEM AOS EE.UU.

Desenvolvendo seu trabalho artístico, Maysa aderiu a uma vida noturna e está cantando na «boite Meia-Noite» de Copacabana. Em seus planos para o futuro entra uma viagem aos Estados Unidos, em janeiro próximo — onde fará curta temporada. Assim, Maysa, «née» Monjardim — dona de bonita voz — figura de destaque na sociedade bandeirante, trocou a tranquilidade de um lar fortalecido pelos milhões, pela glória de ser artista.

JORNAL DA REVISTA

ATUALIDADES DO BRASIL E DO MUNDO — REDATOR: AROLD WALL

A

“NOVELA” PRESTES

♦ Segundo o diretor da Divisão de Polícia Política, coronel Danilo Nunes, apenas seis policiais vigiam o edifício “Egalité” onde se encontraria “hospedado” o líder comunista Luís Carlos Prestes, desaparecido desde que o PC brasileiro foi colocado na ilegalidade. Os policiais não têm ordens para prender Prestes. Mas, se o líder vermelho sair do edifício deverão não mais perdê-lo de vista e comunicar o fato a Delegacia Política... De acordo com o que revelou um vespertino, Prestes se encontra no Rio desde segunda-feira, 28, quando aqui chegou procedente de São Paulo, em um carro Mercury, ano 51, para entrar em contato com seus advogados e se apresentar à polícia para prestar depoimento no processo em que é acusado, mas isto somente depois que o juiz Monjardim relaxar a ordem de prisão existente contra ele. Enquanto isso, a polícia vigiará o edifício “Egalité” ou o Igrejinha, ambos em Copacabana, a espera que o líder comunista Luís Carlos Prestes saia calmamente do prédio para espremer ou fumar um cigarro. Mas, as ordens são severas: vigiem o homem, mas não o prendam.





A ONU está preparada para debater a questão da Argélia em face da França não haver ainda tomado medidas decisivas para a solução do caso. Ensanguentada, a Argélia espera por dias melhores.

PREOCUPADO O MUNDO OCIDENTAL COM A CRISE FRANCESA

♦ Com o segundo fracasso consecutivo de Guy Mollet, a França continua, mais de 30 dias depois da queda de Bourges-Manoury, sem governo e o que é pior: sem um partido ou político que possa suplantar as extremas divergências que lavram no seio da Assembléia Constituinte. Felix Gaillard, do partido Radical, foi o quinto político a tentar formar um gabinete, mas suas possibilidades são remotas pois recorda-se que foi sua política financeira de congelamento de salários ou de preços que provocou a queda de Bourges-Manoury. Além do mais, a situação francesa vem causando sérias preocupações no Ocidente em virtude da crise financeira que o país atravessa; a falta de uma política definida para a Argélia, quando se anuncia na ONU o debate da questão e, finalmente, a ausência francesa nas recentes conversações anglo-norte-americanas agravada com a já anunciada reunião da OTAN, em dezembro, a ser realizado no "mais elevado escalão".

JORNAL DA REVISTA

GRAVAÇÃO DA TRILHA SONORA

♦ Uma nova invenção que possibilita aos operadores cinematográficos gravarem diretamente o filme enquanto este está sendo rodado, acaba de ser demonstrada a produtores e técnicos na Grã-Bretanha. Trata-se de uma unidade minúscula de gravação projetada para ser usada com filme de 16mm. Seu caráter compacto foi conseguido graças ao emprêgo de transistores e de pequenas baterias do tamanho de uma cigarreira. O aparelho todo pesa, somente, três libras (1kg.362gr.) e o operador pode amarrá-lo à cintura enquanto filma.

O novo invento oferece considerável economia de tempo e dinheiro em relação a outros métodos de gravação do som. O modelo tem capacidade para gravar com dois microfones e controles separados. As características de gravação podem ser modificadas para palavras ou música. Por meio de uma cabeça magnética separada, dentro do aparelho de adaptação sonora, o som gravado pode ser ouvido em fones de cabeça de alta qualidade, com 1/24 de segundo, o que facilita, enormemente, o controle.

O aparelho apresenta também um medidor de volume ao qual se pode conferir a voltagem da corrente de gravação de bateria. A bateria é uma simples unidade de 7,5 volts que opera, aproximadamente, 60 horas, sem reabastecer-se. O gravador de cabeça de som é uma versão reduzida de um gravador de som profissional. Inclui um estabilizador de velocidade do filme que elimina a "vibração" e o "guincho" reduzindo-os a um nível acentuadamente baixo. O filme normalmente usado é o de inversão fotográfica, mas isto não exclui o emprêgo dos processos negativo-positivo quando se desejam várias cópias.

MERCADO EUROPEU

Segunda-feira reuniram-se em Genebra, ministro do comércio e técnicos procedentes de 37 países, para considerar os efeitos que o Mercado Comum Europeu terá sobre seu comércio e sobre o Acôrdo Geral de Tarifas e Comércio (GATT). A conferência ministerial sobre comércio, a primeira convocada pelo GATT, durará três ou quatro dias, esperando-se que nas sessões particulares sejam feitas declarações de política de governo. O conteúdo de alguns discursos será, provavelmente divulgado pela imprensa. Esta reunião, é parte da 11ª sessão do GATT, que ora está sendo realizada aqui.

♦ A bomba, de fabricação caseira, foi lançada diretamente contra a tribuna onde a ministra do Exterior, Golda Meir, fazia um discurso sobre política internacional com a presença de todo o Gabinete, no parlamento de Israel. A bomba não atingiu o alvo, mas ao explodir feriu o primeiro ministro Ben Gurion, a sra. Meir e o ministro dos Cultos, Moshe Shapiro, este mais severamente. Outros dois ministros, o da Saúde, Israel Barzilai e das Comunicações, Moshe Carmel também sofreram feridos. Moshe Shapiro, entretanto, foi o único que sofreu ferimentos graves no rosto e no peito. O autor do atentado, Moshe Douek, de 25 anos, ao ser detido pela polícia afirmou que encontrava "magoado" com o tratamento concedido pela comunidade Alyah aos novos imigrantes que chegavam ao país. Moshe Douek, contudo, é apontado como um desequilibrado mental que já tentara incendiar um hospital.

TERRORISMO EM ISRAEL!



Educada para defender em qualquer situação sua pátria, a juventude de Israel, inclusive as moças, sabe manejar (e com que eficiência) suas armas. A beleza em Israel não faz bordados. Vai mesmo é para as trincheiras

JORNAL DA REVISTA

ATUALIDADES DO BRASIL E DO MUNDO — REDATOR: AROLDO WALL

Zhukov: queda ou ascensão?

Quase uma semana depois da substituição do marechal Georgi Zhukov do cargo de ministro da Defesa Soviética, os observadores ainda se interrogam sobre o verdadeiro significado do ato do "Presidium" soviético. Trata-se de uma queda, na surda luta pelo poder com o secretário geral do PC russo, ou, ao contrário, como se vem acentuando, Zhukov substituirá Bulganin no cargo de primeiro ministro? Tudo indica, entretanto, que o afastamento de Zhukov do cargo de ministro da Defesa o levará ao posto de primeiro ministro fechando-se, assim, a cadeia de apoios mútuos iniciado em 1952, após a morte de Stalin, quando Khruchev retirou Zhukov do exílio a que fôra submetido na guarnição de Odessa, depois de ter sido considerado o "mais brilhante soldado russo", da II Guerra Mundial. A aliança Zhukov-Khruchev voltou a funcionar quando do expurgo incruento de Molotov, Malenkov e Kaganovitch e desde então tem se solidificado. Portanto, a não ser que tenham ocorrido fatores imponderáveis entre os dois dirigentes russos, tudo leva a crer que a queda de Zhukov significa, apenas, sua ascensão ao cargo de primeiro ministro que seria anunciada às vésperas do 40º aniversário da revolução bolchevista, em novembro.

Contudo, uma outra hipótese para o afastamento de Zhukov vem ganhando corpo desde que o correspondente do jornal comunista italiano "L'Unità" em Moscou, contradizendo um seu despacho anterior, afirmou que Zhukov podia "ser totalmente eliminado" da hierarquia soviética. Essa hipótese decorreria de dois fatores: 1) dissensões entre as relações das Forças Armadas e seus assessores comunistas, já que pela organização soviética o partido comunista é que dá a última



O marechal Rodion Malinovski substituiu Zhukov no Ministério da Defesa. E' antigo soldado do Czar e, nessa qualidade, serviu na I Guerra Mundial. Só em 1941 foi promovido a general do Exército Vermelho

palavra em questões das Forças Armadas. Zhukov teria, então, se insurgido contra essa influência cada vez maior; 2) dos constantes pedidos de Zhukov para uma completa investigação dos crimes do stalinismo que poderiam atingir Bulganin e Khruchev. Esta decisão do ex-ministro de Defesa russo foi observada em seu discurso de Leningrado onde cla-

ramente pediu uma investigação dos abusos cometidos durante a época de Stalin e que os culpados fôssem punidos. De qualquer maneira, como disse Nikita Khruchev na inesperada visita que fez à embaixada turca: — o marechal Zhukov exercerá, brevemente, um cargo de acordo com "sua experiência e suas qualidades".

Ostente em seu lar



O soberbo

10,5 pés



Imperador 57

Sòmente um refrigerador tão amplo lhe oferece tanto conforto!

- Há lugar bastante para guardar ovos, frutas e refrigerantes: 5 prateleiras especiais moldadas na própria porta!
- As verduras e legumes podem ser comprados uma só vez por semana: o Brastemp IMPERADOR tem 2 gavetas bem grandes, próprias para este fim!
- Na gaveta para carnes cabem quilos e quilos de carne fresca — o suficiente, mesmo para famílias numerosas!
- No espaçoso congelador horizontal, além de lugar de sobra para alimentos, sorvetes etc., há 4 gavetas para cubos de gelo.

Brastemp

Um refrigerador de linhas imponentes... e mais econômico em razão de seu tamanho e superior qualidade!

Lembre-se -

Há um Brastemp para cada conveniência. Pense também no Príncipe (6,5 pés) e no Conquistador (8,5 pés).

Brastemp

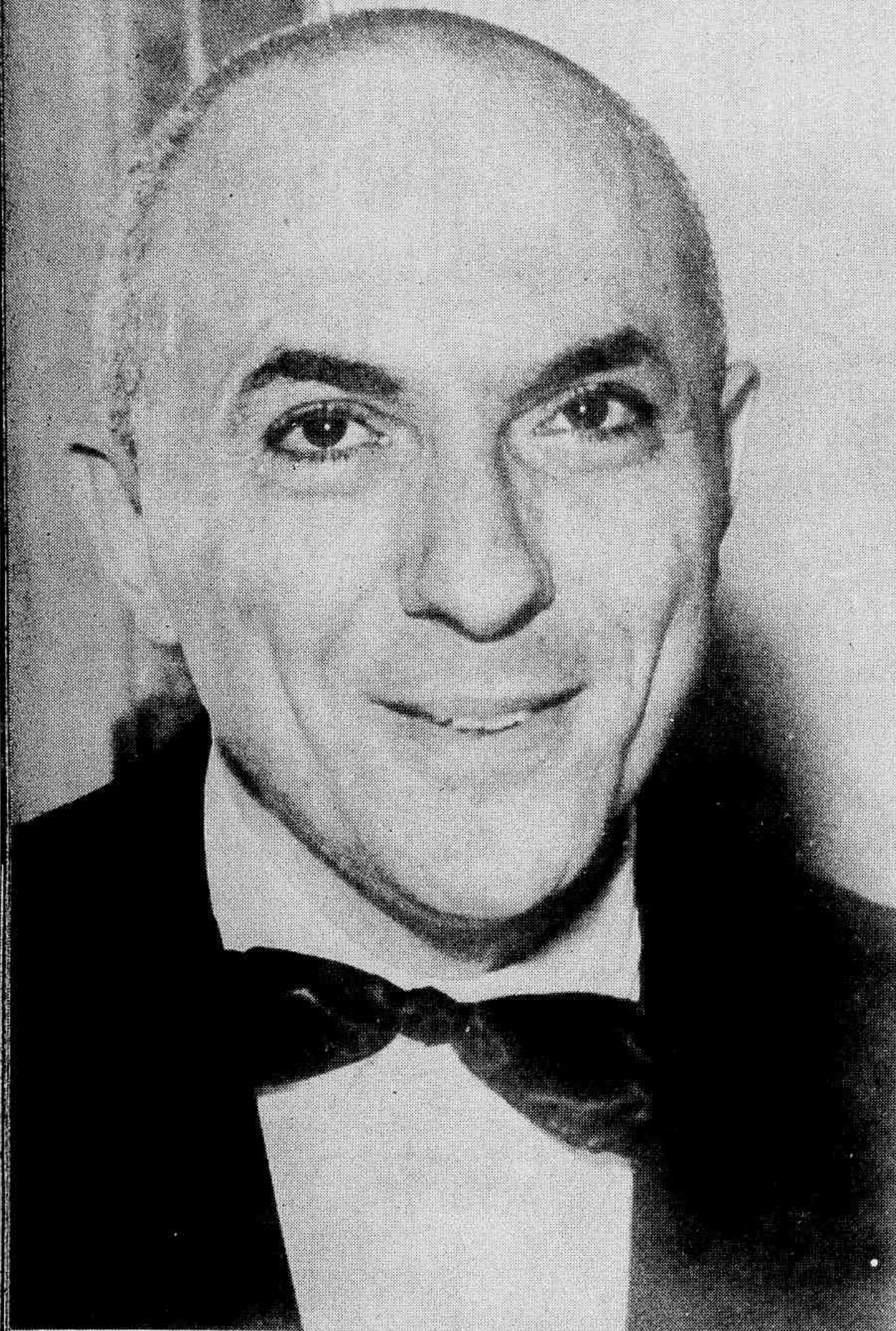
O QUE HÁ DE MELHOR

VÁ AO CONCESSIONÁRIO **BRASTEMP** DE SUA PREFERÊNCIA E ELE FACILITARÁ A SUA COMPRA

Problemas do Brasil vistos por Jorge Chamma

UM INDUSTRIAL QUE FALA FRANCAMENTE —
OS HOMENS DO COMÉRCIO E DA INDÚSTRIA EM
FACE DA POLÍTICA — CONTINGÊNCIAS
E CONTRADIÇÕES DA VIDA
BRASILEIRA

Texto: HAROLDO DAMÁSIO



DADOS BIOGRÁFICOS

◆ O sr. Jorge Abdalla Chamma nasceu em São Paulo, em 21 de outubro de 1910, filho do capitão Abdalla Chamma e da sra. d. Emma Jafet Chamma. Tanto seu pai, quanto seu avô materno, professor Nami Jafet, foram pioneiros da indústria bandeirante e ao trabalho inteligente e construtivo de ambos, São Paulo muito deve de sua situação de Estado líder do Brasil. Jorge Chamma herdou de ambos o espírito empreendedor que veio colocá-lo na posição que hoje desfruta de figura das de maior realce em nossas classes produtoras. De seu avô, professor Nami Jafet, eminente educador e escritor de grande envergadura, herdou ainda o amor aos estudos, que o fizeram profundo conhecedor dos nossos problemas econômicos, sociais e financeiros. Estudou no «Mackenzie College», de São Paulo, transferindo-se depois para a capital da República, onde ingressou no comércio, continuando seus estudos, tendo feito o curso da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Não trocou a carreira que abraçara pela advocacia. Soube, porém, valer-se da cultura adquirida no curso superior para imprimir maior segurança e precisão aos seus negócios. Em 1930 era sócio da firma Coury & Chamma, que, em 1932, passou a denominar-se Coury, Chamma & Cia., em 1939, Jorge Chamma & Cia., em 1944, Organização Têxteis Jorge Chamma S.A. e hoje, Organizações Industriais Jorge Chamma S.A. Em todas as fases, a firma teve a impulsão da inteligência e a operosidade do sr. Jorge Abdalla Chamma. Em 1937 fundou a Sociedade Brasileira de Mineração Ltda., da qual até a presente data é diretor-gerente. Essa sociedade, expandiu-se de maneira notável, explorando jazidas de minérios de ferro e manganês nos Estados de Minas Gerais e de Mato Grosso, sendo que nesse último é arrendatária de jazidas concedidas ao governo do Estado, estando em funcionamento um contrato para fornecimento de manganês aos Estados Unidos da América do Norte, para que as jazidas de Urucum estão sendo modernamente aparelhadas, em obediência a um largo plano de realizações, em que não foi esquecido o bem-estar do operariado, tanto no campo material quanto no intelectual e espiritual. Fundou ainda o nosso entrevistado mais cinco firmas, nos

ramos da indústria têxtil, da mineração, da siderúrgica e imobiliária. Ao Oeste Brasileiro, com a exploração das minas de ferro e de manganês e com a indústria Siderúrgica que ali instalou, em Corumbá, no Estado de Mato Grosso, deu um gigantesco impulso, pois outras atividades vieram a desenvolver-se ali, graças ao incentivo daquelas realizações. Tem realizado viagens de objetivo comercial à Argentina, Uruguai, Bolívia, Estados Unidos da América do Norte e Europa. Em 1950, a convite especial da Panair do Brasil S.A., tomou parte na viagem inaugural da linha Rio de Janeiro-Líbano.

◆ Ligado a tantas e tão prósperas organizações industriais e comerciais, não poderia deixar de ser o sr. Jorge Abdalla Chamma um estudioso dos assuntos econômicos, como tem sido evidenciado em substanciais artigos de sua autoria, publicados em jornais e revistas do Distrito Federal, do Estado de Mato Grosso e de São Paulo. Desses artigos, com impressões de suas viagens, o dr. Jorge Chamma publicou um livro que, sob o título «Por um Brasil Melhor», alcançou invulgar êxito. Tem em preparo e brevemente dará à publicidade, um novo livro de estudos de nossos principais problemas, com o título de «Em Defesa do Brasil», a que, certamente, estará destinado o mesmo êxito. É sócio da Associação Brasileira de Imprensa, Irmão da Imperial Irmandade de N.S. da Glória do Outeiro, sócio proprietário do Jockey Clube Brasileiro e do Automóvel Clube do Brasil, sócio do Touring Clube do Brasil, associado do Sindicato Nacional da Indústria da Extração de Ferro e Metais Básicos, do qual é fundador e foi tesoureiro, possui a Medalha de Ouro do Mérito Libanês, é Grande Oficial da Ordem do Condor dos Andes, da Bolívia, Grande Oficial do Mérito Filantrópico Francês, Membro do Instituto de Cultura Hispânica, de Madri, e tem o diploma de Amigo da Imprensa, conferido pela «Gazeta de Notícias» quando da comemoração de seu 80º aniversário de fundação. Pela segunda vez exerce o cargo de presidente do Clube Monte Líbano, do qual é sócio fundador, proprietário e benemérito.

— «Julgo gravíssimo erro o alheamento dos homens da indústria e do comércio, quanto às questões políticas. Consequências desastrosas têm advindo e advirão sempre para os mesmos, enquanto não se interessarem fortemente pela política, deixando-a ser manejada exclusivamente pelos que dela procuram locupletar-se». — Assim iniciou Jorge Chamma a nossa entrevista, em que procurávamos ouvir uma das mais atuantes figuras das nossas classes produtoras, sobre a intranquilizante situação nacional.

Sabedores que o entrevistado, além de um dos maiores «capitães» da indústria no Brasil, é um intelectual preocupado com a realidade nacional, perguntamos ao autor de «Por Um Brasil Melhor» qual seria a política que conviria aos interesses nacionais, aquela que mais de perto beneficiaria o povo, e tivemos a resposta:

— «A política exercida por aqueles que não estão enfiados nos nossos problemas, vem destruindo o mecanismo da produção, alheando-se de suas necessidades financeiras. A boa política é aquela que incentiva a produção, criando riquezas, proporcionando trabalho e bem-estar a todos, melhorando os transportes, facilitando o crédito, finalmente, impulsionando o progresso, e ninguém melhor para praticá-lo do que aqueles que, por força de exercícios de suas próprias atividades, estão senhores de todos esses problemas, que sentem na própria carne».

◆ **DOMINAÇÃO ESTRANGEIRA** — Últimamente, tem havido muita controvérsia sobre o que é realmente «nacionalismo», vocábulo que a propaganda comunista colocou em plano superior ao «patriotismo», para melhor atender às suas campanhas anti-americanistas e que foi amplamente adotada pelos «caçadores de voto». E, foi justamente sobre essa «psicose de nacionalismo» que vem roendo a economia nacional que pedimos a palavra esclarecida de um brasileiro, que embora comerciando com o estrangeiro tem propiciado ao Brasil, na sua região centro-oeste, um enorme serviço:

— «País riquíssimo como é o Brasil, poderoso geograficamente e demograficamente falando, com nacionalidade definida, não pode nem deve se preocupar com as chamadas «influências estrangeiras». Somos um povo que tem recursos e precisa de meios para se desenvolver e progredir, trazendo, em consequência, a felicidade para os que aqui vivem. Não há mais lugar para a dominação estrangeira. Os exemplos se multiplicam. Países com petróleo a sair por todos os cantos e do tamanho de Sergipe, enfrentam hoje as grandes potências, apesar de terem com elas contratos de exploração petrolífera.

Continuou o sr. Jorge Chamma:

— «Devemos aceitar a cooperação estrangeira, que sempre será benéfica, se pusermos para tratar de nossos interesses pessoais sabidamente probas e capazes. Procura-se criar o complexo de inferioridade no povo brasileiro, como se fôssemos uma republiqueta de duzentos mil habitantes sem caráter».

◆ **O CAPITAL ESTRANGEIRO** — E sobre o emprêgo de capital estrangeiro em nosso país, o senhor acredita que esta seja a grande solução para nós? — perguntamos.

— «Devemos dar toda garantia para aqueles que, vindo aqui empregar seus capitais, levem para seu ponto de origem benefícios que, alcançando cifras de quarenta a cinquenta milhões de dólares anuais, evitam que saia cerca de quatrocentos milhões de dólares, como hoje acontece. Assim agindo é que provamos ser patriotas».

◆ **DESESPERO DOS ASSALARIADOS** — Estávamos na mais serena entrevista, quando de súbito, o conhecido «Rei do Manganês», incisivo e motivado, nos declarou:

— «Em breve espero estarrecer a Nação, com dados que irão provar exatamente o contrário do que espalham sobre certo país amigo os chamados «Nacionalistas», que, por seu espírito medíocre ou intencional, estão levando o Brasil a este estado de quase desespero em que vivem todos aqueles que percebem salários, ou sejam 95% da nação brasileira, e ainda mesmo os que possuem recursos».

Podemos adiantar para os nossos leitores que o sr. Jorge Chamma vem estudando há anos a participação do capital estrangeiro em diversos países de economia incipiente e que tem em seu poder dados oficiais das transformações que, uma vez conhecidas, nos encherão de inveja e tristeza. Também um ponto importantíssimo que o dinâmico homem da indústria dará conhecimento público, trata-se do plano de bolchevização que está sendo executado no Brasil, sob orientação do Kremlin.

◆ **UM CASO PARA O FUTURO** — Jorge Chamma, homem completamente realizado e que se quisesse poderia gozar os frutos de todo o seu próprio esforço viajando pelo mundo sem se preocupar, o resto da vida, é no entanto um entusiasta pelas coisas que dizem respeito ao progresso do país e do nosso povo e isto leva quase sempre a que amigos jocosa-mente como saudação perguntem: «Como vai o Salvador da República».

Soubemos que amigos do sr. Jorge Chamma e o próprio PSD de Mato Grosso, por meio dos seus altos dirigentes, e também os amigos da colônia libanesa estavam pressionando o mais capacitado elemento da colônia para candidatar-se a senador nas próximas eleições e embora ainda falte muito tempo para que isso venha a se concretizar, perguntamos ao nosso entrevistado, qual era a sua reação a tal indicação e soubemos:

— «Amigos meus, numa demonstração de simpatia que muito me sensibiliza, já por várias vezes têm me acenado com a inclusão do meu nome em chapa eleitoral para o cargo de senador. Não obstante o meu ponto de vista exposto no início desta nossa agradável conversa, tenho relutado, devido aos meus múltiplos afazeres, que consomem todo o meu tempo».

Prosseguiu o candidato em potencial a senador:

— «Se os meus amigos entendem como condições necessárias e bastantes para o elevado posto a sinceridade de intenções, a paixão fascinante pelos empreendimentos em que me envolvo, a honestidade de propósitos, o empenho em bem servir à coletividade e o desejo veemente de acertar, posso dizer, sem falsa modéstia, que reúno os requisitos aqui enumerados. Para mim, entretanto, o posto seria de sacrifício. Sacrifícios de interesses pessoais e das minhas organizações, pois dêles teria de extrair o tempo necessário ao desempenho do meu mandato. Entretanto, como entendo que onde começam os interesses da coletividade, devem terminar os nossos, talvez venha a fracassar na minha insistente recusa, se se tornarem maiores os assédios de que tenho sido alvo. Os acontecimentos, no futuro, decidirão esse caso».

Perguntamos ao entrevistado se não temeria, com a evidência de um cargo público, os ataques difamatórios que provavelmente encontraria de seus adversários, motivo porque muitos homens de negócios se afastam da política.

O sr. Jorge Chamma foi curto e sereno em sua resposta:

— «Nada temo, sempre pautei minha vida dentro das normas da honestidade e correção e ademais considero como anti-patriota todo aquele que, divergindo de pontos de vista expedidos por seus patrícios, os combatem por meios difamatórios, ao invés de provarem que estão errados».

◆ **PORQUE O POVO SOFRE** — O sr. Jorge Chamma deu como fatores principais, para que o povo brasileiro sofra cada dia mais, os seguintes: a) falta de centros frigoríficos; b) falta de centros de armazenagem, em geral; c) falta de meios de transportes, principalmente o ferroviário, em caráter quantitativo e econômico; d) falta de uma política de crédito orientada, para incremento dos meios produtores; e) falta de ajuda governamental aos capitais privados para a execução de empreendimentos que a estes, são superiores às suas disponibilidades financeiras; f) aumento da intervenção estatal nos vários setores ligados à produção, aumentando, assim, a queda da produção e de rendimento humano. E, continuou:

— «Como consequência, vemos o país numa deflação, sim, mas dos meios de produção, que nos levará a consequências imprevisíveis, que já se iniciam com as greves de São Paulo, que se poderá alastrar por todo o país, como desejam os bolchevistas estrangeiros e os bolchevistas verde-amarelo».

◆ **PRODUÇÃO EM CÂMARA LENTA** — Muito se tem falado da produção nacional. Há os que acreditam que estamos atravessando um período de intenso desenvolvimento e outros que afirmam estarmos ainda persistindo em sistemas inadequados à realidade nacional dentro do atual panorama mundial. Para saber realmente a verdade, esta verdade que fica do outro lado da cortina esfumacante exercida pela propaganda oficial, inquirimos o pronunciamento do entrevistado que está inteiramente a cavaleiro, para esclarecer. Disse o sr. Jorge Chamma:

— «Estamos com a produção em estado que não acompanha o crescimento demográfico da nação o que, em última análise, significa chegarmos, com certeza, à miséria, apesar de ser a longo prazo».

◆ **GREVE É GRAVE** — Instado a dar sua opinião sobre as greves, suas causas e efeitos, o sr. Jorge Chamma — declarou:

— «As greves são sempre perniciosas e atingem a Nação da forma mais grave, quando esta está atravessando uma fase crítica em seus meios produtivos».

◆ **A SOLUÇÃO** — E' preciso — declarou-nos o sr. Jorge Chamma encerrando a nossa entrevista — acreditarmos mais no Brasil, termos menos medo da suposta influência estrangeira e colocarmos homens probos e de espírito público para a solução dos nossos angustiosos problemas e isto conseguiremos se formos, acima de tudo Brasileiros e Patriotas».

Estava encerrada a nossa entrevista com um dos principais homens da indústria do país e um dos mais atilados empreendedores no setor siderúrgico e de mineração, no último quartel do século do Brasil.

FÁBIO LUCAS

EM 6 RESPOSTAS

Entrevista a Assis Brasil

♦ O jovem escritor mineiro, Fábio Lucas, que assina atualmente uma seção literária no «Estado de Minas» e colabora em alguns jornais do Distrito Federal, é um dos nomes que se vêm projetando da província, ao lado de outros das mais distantes regiões do país. Minas Gerais assiste nos últimos anos a uma verdadeira revivescência de seus valores culturais. E a prova mais concreta do fato é o aparecimento ininterrupto de suplementos literários, revistas e novos escritores de valor. Fábio Lucas acaba de criar, com alguns companheiros de geração, a revista «TENDÊNCIA», que vem despertando um interesse incomum nas rodas literárias, mexendo inclusive com críticos de nomeada, que raramente são «acordados» pelos nossos escritores mais moços, além de diretor de «TENDÊNCIA» é o presidente da Sociedade Mineira de Escritores e

prepara um livro sobre a Sociologia da Arte. Seus companheiros de direção da revista são: Afonso Ávila, crítico e poeta, e está preparando atualmente um novo livro de poemas, «Açude»; Fritz Teixeira de Sales, também crítico e ensaísta, lançou recentemente um livro de poesia, «Geografia da Violência»; e Rui Mourão, romancista de «As Raízes», trabalha no momento num novo romance. É secretário da revista Adonis Martins Moreira e colaboram no primeiro número ainda: José Lôbo, Euryalo Cannabry, Homero Silveira, Osman Lins, Oscar Mendes e Antônio Cândido. Informou-nos Fábio Lucas que no próximo número novos elementos serão incluídos, como o de Eraldo Costa Val, que apresentará um trabalho sobre a lingüística, e o do ficcionista Gaspar Garreto.

1 A repercussão da revista «TENDÊNCIA» dependeu muito do espírito de quem dela se aproximou. Aquêles que se sentiram alistados na «tendência» a receberam muito bem, como é o caso do sr. Nelson Werneque. Do outro lado tivemos a crítica do sr. Otto Maria Carpeaux. Achei o tom de seu artigo um tanto cáustico, azêdo, verineiro, e não esconde a intensão de fazer polêmica. O curioso é que esta não é a tônica profissional deste escritor. É certo que a sua formação cosmopolita é incompatível com uma literatura de termos nacionais. Quanto à crítica de Heitor Martins... é a crítica de um jovem ainda em formação. A revista vai discutir e debater todos os problemas propostos pelos críticos.

2 — Acredito que o movimento literário mineiro nunca teve uma fase de tanta revisão, de tanto inconformismo, de tanta procura de rumos quanto agora. O esforço de todos tem sido no sentido de identificar-se com uma nova estrutura que se está delineando aos nossos olhos. Convém assinalar a atuação universitária em Belo Horizonte, que é intensíssima. A Universidade já patrocinou três seminários de estudos mineiros. Não só a Faculdade de Filosofia como a Faculdade de Direito, têm feito realizar seminários e mesas-redondas sobre os mais variados assuntos culturais. A Academia deu um curso sobre literatura brasileira, com a frequência média de trezentas pessoas, o que veio mostrar o grande interesse do povo pelas nossas letras.

3 — A atividade editorial mineira tem se traduzido através da Livraria Itatiaia, que já lançou livros de Antônio Tôrres, Eduardo Frieiro, Fritz Teixeira de Sales, e apresentará em breve uma coleção de cunho popular, quando serão lançados ensaios de Camus, Sartre, Valérie, etc. Ao lado dessas edições publicarão também ensaios sobre autores nacionais de maior expressão, como Machado, Pompéia e outros. Há ainda uma editora, especializada em livros de Direito, Bernardo Alves. Esta tem a vantagem (talvez seja a única no Brasil) de pagar os direitos autorais adiantadamente. Através da Sociedade Mineira de Escritores, criada pelo historiador Paulo Pinheiro Chagas, pretendemos também publicar livros de seus associados, bem como uma «Revista de Minas».

4 Os escritores novos que mais se destacaram no panorama cultural de Minas Gerais, são justamente aquêles que aparecem nas revistas, de cinema, «Complemento» e «Tendência», são os mais atuantes. Escrevem mais, discutem mais, entre eles alguns já revelam um bom nível de produção. Alguns se especializam: Maurício Leite é crítico de cinema; Frederico Moraes dedica-se às artes plásticas; a crítica literária tem sido feita por Heitor Martins, Afonso Ávila, Fritz Teixeira de Sales, Ana Maria Viegas e Teresinha Alves Pereira. O contem sido pouco cultivado em Minas pelos novos. Neste setor podemos citar o nome de Mário Garcia de Paiva que trabalha muito bem o gênero, e Gaspar Garreto que faz ficção. Entre os poetas citaremos Pierre Santos, Heitor Martins e Ari Xavier.

5 Aos domingos fazemos fila para adquirir em Belo Horizonte o Suplemento Dominical do Jornal do Brasil. Tem tido uma grande serventia para nós, pois nos traz nomes da crítica atual, pondo-nos a par do que é mais moderno. Notamos um certo arrefecimento no tom polêmico do Suplemento. Creio que isso já é devido a uma tomada de consciência, de seus colaboradores, e agora estão apenas realizando. Uma coisa fundamental que vocês estão fazendo, é discutir os problemas técnicos da literatura. Sou daqueles que acreditam que a arte é dez por cento de inspiração e noventa de transpiração. O artista antes de se lançar à feitura de uma obra deve impor-se um programa, que consiste na escolha do assunto e no manejo dos materiais que vão dar expressão a esse assunto. Para vencer a resistência da forma tem que adotar jogos táticos que exigem, evidentemente, preparação prévia.

6 A repercussão do concretismo. Foi grande. Discutiu-se muito. A primeira tendência foi gozar a turma concreta. Depois, lidos os trabalhos teóricos, via de regra muito bem fundamentados, o concretismo ficará como uma bela reação contra a facilidade em que a literatura havia caído. Por outro lado, considero o campo formal dos concretistas muito limitado, de maneira a não me dar a imagem de uma literatura capaz de criar gêneros. O esforço para a eliminação da parte discursiva da produção literária é louvável, mas desde que não caiamos no excesso oposto. Que consiste justamente numa irreverência total para com os hábitos da língua, que ao invés de ter tratamento artístico, merece antes uma destruição completa, para depois sofrer uma moldagem nova e nem sempre correspondente aos objetivos da arte. Presentemente olhamos o movimento com respeito e o surgimento dele nos dá oportunidade de aprender muito, estudar ainda mais, e retirar algumas conclusões.

ei-
stá
ita
on-
io,
ro-
a-
a-
n-
e-
e-
n:

moram
ocrecen
são a
algum
Maurício
lísticas
a, Frit
O conto
odemar
n o gê
Pierre

brizonte
o uma
a atual,
erto an
devido
estão
ondo, é
reditam
ção. O
se um
ateriais
da for-
aração

multo
lidos
atados,
lidade
o for-
r ima-
imina-
e que
verên-
mento
r uma
arte.
dêlo
retirar



QUEM É VOCÊ?

Respostas da prof. FERNANDA BARCELOS

★ **DESLUDIDA... ESPERANÇOSA** — 25 anos, solteira — Seu pai deve ser separado de sua mãe. Você tem sofrido o caso dos dois agudamente. Tem pena de sua mãe, ao mesmo tempo lamenta seu pai. Agora está cheia de ilusões que havia perdido totalmente. Conserve-se assim, acreditando na vida, amando o que é bom, trabalhando e lutando. Não é obrigatório que aconteça conosco o mal que desgraçou o casamento de nossos pais.

★ **XENOS** — 22 anos, masculino, solteiro — Um rapaz de tipo intelectual. Tendências artísticas, introvertido. Se perseverar poderá ser alguém em nosso mundo cultural, Xenos. Pense um pouco em si, procure interessar-se pelos problemas alheios.

★ **LUIZ MMM** — (3.000) 14 anos, masculino — Infância sem alegria, traumatismos morais sérios. Mãe dominadora, pai irritado, nervoso. Você é imaginativo, sensível. Está inseguro e se sente sem importância na família. Predileção pela vovó — proteja-a, seja menos agressivo, tente compreender os seus, Luiz... e será três mil vezes mais querido.

★ **RIBAMAR** — 39 anos, casada (mãe de Luiz MMM?) — Você é um pouco vaidosa, Ribamar. Em certas doses isto convém, mas em demasia prejudica. Sente que o marido a quer separar dos filhos, impede que você se dê mais a eles. Meticulosa em demasia, inteligente, tendências artísticas.

★ **EDUCADINHA** (7 anos — filha de Ribamar, não?) Quando fôr a família assim é melhor pôr num envelope só. Você é uma menina muito boazinha, mas tem ciúmes do irmão mais moço — ou do segundo filho, não? Ficam muito entregues à você e daí a importância que lhe dão no teste.

★ **MELL FRAN JOS** — 22 anos, solteiro — Infância esquisita, família fora dos quadros comuns — avô em lugar do pai, você contra os seus, contra sua mãe, principalmente. Admira sua irmã e sente orgulho dela. Nervoso, agitado, confuso mesmo em face dos problemas da vida. É artista?

★ **WALQUE** — 26 anos, casado. Você, rapaz é casado de pouco, não? Pois ao invés de se pôr ao lado da esposa coloca todo mundo no teste, menos você. A esposa parece viver sob custódia de sua irmã. Não acha conveniente "desmamar" psicologicamente e dar à sua mulher um lar próprio? Viva mais o dois, tenham seu canto secreto — todo casal precisa disto. Você é muito inteligente e precisa ver o problema. Tem capacidade para entender bem.

★ **VEREADOR — ANDRADINA** — 28 anos, casado — Que agressividade, sr. vereador... Nervoso ao extremo. Tem tudo para ser feliz. Ama a esposa, tem filhos como desejava, mas os nervos o dominam e sua falta de controle vai trazer-lhe muitos aborrecimentos. Vá a um médico e cuide de sua saúde. É cuidado para não demonstrar aos outros filhos que prefere a menina...

★ **DANVAS** — 21 anos, casado. Casou-se um pouco cedo, não, Danvas? Em consequência não assumiu ainda inteiramente os ônus do matrimônio. Vive muito ligado aos seus pais. Trate de emancipar-se e dar uma família à sua esposa — vocês dois sem interferências, isto é o ideal.

★ **SOLITÁRIA DO HIMALAIA** — 31 anos, desquitada. Como, geralmente, todas as desquitadas, afastada de seu marido, carente de seu próprio lar, você se sente desajustada em todo ambiente, acha que também não pertence mais aos seus antigos parentes. Já tentou fazer uma revisão das causas de seu desquite? Já tentou ver, num exame de consciência justo e severo por que se desquitou? Se reconhece que as culpas todas pertencem ao marido, busque sublimar, busque objetivos nobres para sua vida. Por enquanto está traumatizada e sem finalidade, Solitária. Leia, faça cursos, dedique ao próximo o que lhe sobra em solidão. E quando se sentir tentada a arranjar outro marido lembre-se de que o abalo emocional que a mulher sente numa situação equívoca não paga a pena do amor que um homem lhe dá em tal situação.

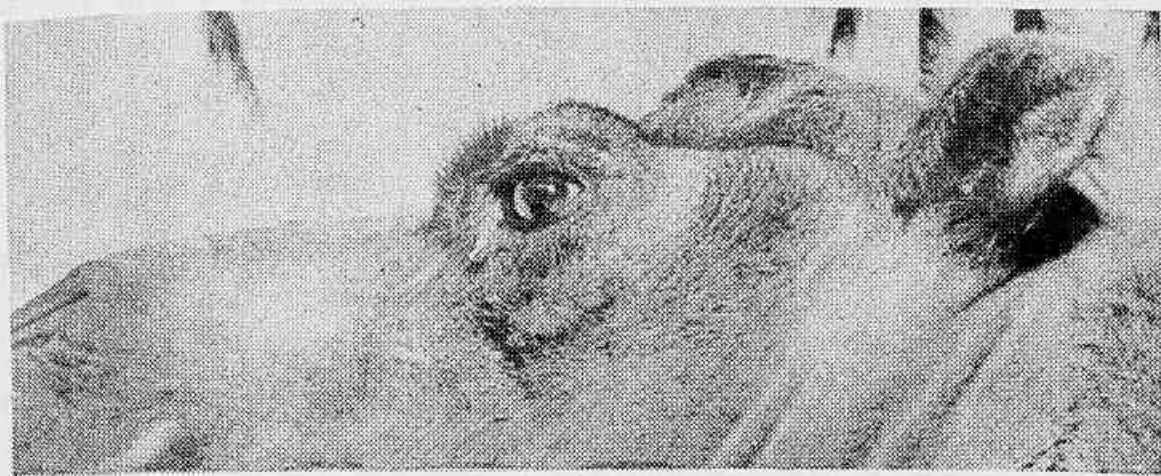
VAMOS FAZER UM TESTE?

QUE ENTENDE VOCÊ DE PSICOLOGIA? — Ponha no parênteses o número que, na coluna da direita, responda ou defina a palavra da coluna da esquerda:

- | | |
|------------------------------|--|
| A — PSICANÁLISE () | 1 — É uma brusca mudança em nosso organismo resultante de uma brusca mudança no meio ambiente. |
| B — AMNESIA () | 2 — Doutrina que adota o método extropeccionista e que acha fundamental a influência do meio na formação da personalidade. |
| C — REFLEXO CONDICIONADO () | 3 — Um movimento muscular que se realiza sem intervenção do estímulo bastando, para tanto, a lembrança do mesmo. |
| D — EMOÇÃO () | 4 — Um dos muitos métodos da psicologia. Este faz apelo aos fenômenos do inconsciente. |
| E — BEMAVIORISMO () | 5 — Esquecimento, falta de memória. |
| F — ABULIA () | 6 — Incapacidade para decidir, falta de vontade. |

Respostas: A-4; B-5; C-3; D-1; E-2; F-6.

PUXE PELO CÉREBRO



1



2

3

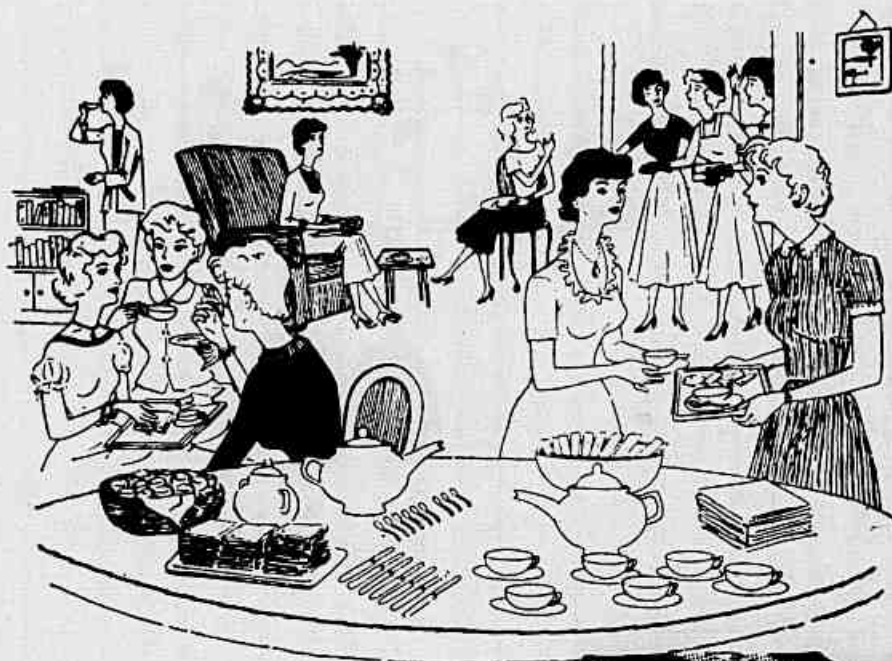


4



◆ Quatro cabeças de animais aparecem nestas páginas. São bichos conhecidíssimos e facilmente indetificáveis de corpo inteiro. Conto 5 pontos para cada resposta certa. Nota zero: faça uma visita ao Zoo. 5 pontos: francamente o seu forte não são os animais. 10 pontos: você ainda não está em condições de fazer uma caçada na África. 15 pontos: um pouco de esforço e você poderá ser guarda do jardim zoológico. 20 pontos: muito bem, você jamais comerá gato por lebre. Respostas: página 58.

Receba... e sirva também!



SEMPRE IMITADO
NUNCA
IGUALADO



açúcar PEROLA

SACO AZUL - CINTA ENCARNADA

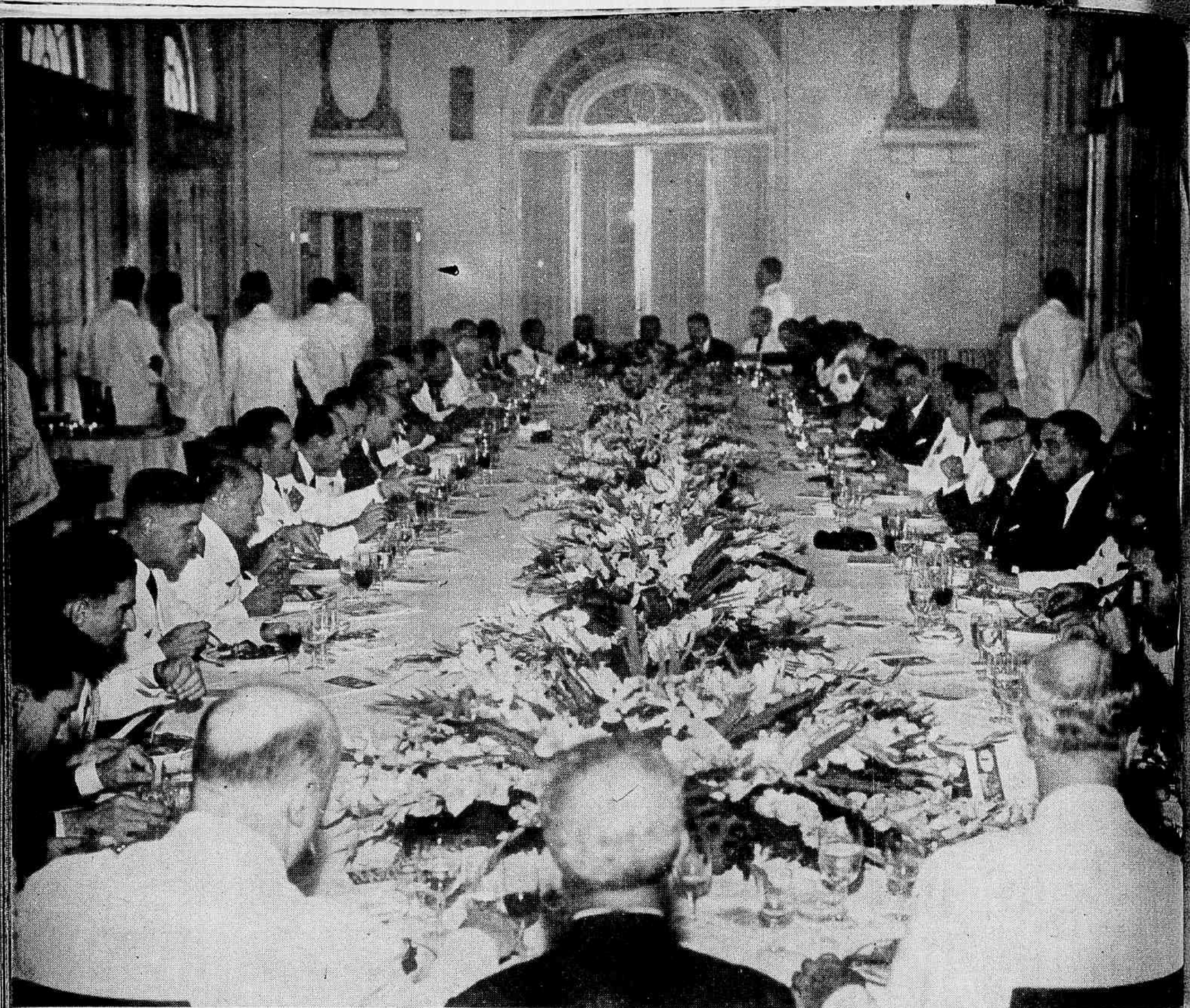
CIÊNCIA ESPÍRITA

É provável que muitos não saibam quem foi o dr. Pinheiro Guedes, cuja projeção no movimento espiritualista vem ainda do tempo do Império. Pinheiro Guedes, médico na Corte, oficial do Exército, foi Senador na República, justamente quando se instalou a Assembléia Constituinte de 1890, que elaborou a primeira Constituição Republicana do Brasil. Era Pinheiro Guedes, nessa ocasião, representante de Mato Grosso, ao lado de Joaquim Murtinho. Da independência de seu caráter e sinceridade de suas convicções é prova o fato de haver Pinheiro Guedes, com Angelo Tarterolli e outros espiritualistas da época, encabeçado uma comissão que foi à presença de Pedro II oferecer uma coleção de obras espíritas ao magnânimo Imperador do Brasil.

◆ Ciência Espírita — prova de início que a Medicina se originou do espiritismo e demonstra a perfeita entrosagem entre o corpo, que o médico trata e o espírito que preside à formação desse corpo, desde a sua fase inicial. Daí a extraordinária vantagem do médico que, possuidor da ciência humana, é também conhecedor da ciência espírita. Nesta ordem de idéias, o dr. Pinheiro Guedes é de uma clareza admirável e se torna irresistivelmente fascinante quando explica, sob a luz da ciência espírita, os fenômenos comumente designados como epilepsia, histerismo, loucura, e outros.

◆ Ciência Espírita — analisa e expõe a origem, a natureza e a evolução da alma humana, a criação das matérias, o papel de átomos e células, a formação dos seres, a força psíquica, etc., uma série de temas interessantes, proporcionando novos e utilíssimos conhecimentos a todos, numa linguagem clara, simples e persuasiva, dirigida mais ao raciocínio do leitor do que às suas próprias crenças e sentimentos religiosos. Assim, vasado em linguagem acessível a qualquer curioso das relações entre a Medicina, ciência materialista por excelência e o espiritismo, Ciência Espírita é valiosa contribuição científica ao estudo do Espiritismo.

NOTA — Ciência Espírita, valiosa contribuição científica ao estudo do Espiritismo, de autoria do médico brasileiro Antônio Pinheiro Guedes, que reservou uma página de honra aos Lentes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Cr\$ 25.00. Cada volume, pelo correio, custa mais Cr\$ 5.00 (cinco cruzeiros). Para o estrangeiro, mais Cr\$ 20.00 (vinte cruzeiros). As remessas deverão ser feitas por vale postal, valor declarado, ordens ou cheque nominal, e nunca em cartas de portes simples, e endereçadas ao Centro Redentor, à rua Jorge Rudge, 119 — Rio de Janeiro.



Aspecto do Salão das Rosas feito durante o almoço oferecido pelo Jockey Club Brasileiro à oficialidade da Força Aérea Brasileira

O JOCKEY CLUB RECEBE A AERONÁUTICA



O presidente Mário A. Ribeiro saúda a Aeronáutica, ladoado pelo ministro Luiz Gallotti, ministro Corrêa de Mello, major brigadeiro Ararigboia e prof. Pinheiro Guimarães.



O major brigadeiro Armando Ararigboia agradece a homenagem do Jockey Club. À esquerda, o senhor Mário Ribeiro

◆ Uma festa muito bonita e muito cordial foi realizada a 20 de outubro último no Hipódromo da Gávea, quando o Jockey Club Brasileiro recebeu a oficialidade superior da nossa Força Aérea, à qual a diretoria da sociedade ofereceu um lauto almoço, servido no Salão das Rosas do Hipódromo, e fazendo cumprir todo um programa em honra daquela ilustre corporação militar, de que se destacava o Grande Prêmio «Salgado Filho», tradicional prova dedicada ao pioneiro civil da Força Aérea Brasileira.

A mesa do almoço, ricamente ornamentada, sentaram-se, da Força Aérea, o ministro da Aeronáutica, major-brigadeiro Francisco de Assis Corrêa de Mello; o chefe e o sub-chefe do Estado Maior, major-brigadeiro Armando Ararigboia e brigadeiro do ar Ismar Brasil; os maiores brigadeiros Reynaldo Carvalho Filho, Vasco Secco, Cunha Machado, Carpenter Ferreira e Raymundo Aboim; brigadeiro do ar Lavanère Wanderley, Anísio Botelho, Theophilo Mendonça, Araripe Macedo, Waldemiro Montezuma, Dario Azambuja, Henrique Fleiuss e Jussaro de Souza; brigadeiros Manoel Castelo Branco, Alves Cabral, Alvim Câmara e Edgard Corrêa de Mello; coronéis aviadores Carlos Alberto de Mattos, Adamastor Catalina, Dionísio Taunay, Francisco Teixeira e Afonso Costa, tenente-coronel Neiva de Figueiredo e capitão Haroldo Melo; e do Jockey Club o presidente, dr. Maria de Azevedo Ribeiro; o 1º vice-presidente, dr. Francisco E. de Paula Machado; o 1º secretário prof. Luiz Pinheiro Guimarães; o 2º tesoureiro, sr. Pedro Camargo, e os diretores e conselheiros ministro Luiz Gallotti, Alberto P. Garcia, Armando Pires, Adayr Eiras de Araújo, Edgard P. Braga, José M. da Fonseca, Bráulio Müller, Carlos V. Portinho, Alvaro Werneck, Ibsen de Rossi, José M. Fernandes, Jayme O. Santos, Humberto S. de Vasconcellos, Luiz Rego, Júlio Moura, José C. de Oliveira, Pedro M. Corrêa e José C. de Miranda. Ao champagne, o presidente do Jockey Club saudou a Força Aérea Brasileira, da qual, disse, «uma tradição nos aproxima desde a criação do Ministério da Aeronáutica». Em nome dos homenageados, falou o major-brigadeiro Armando Ararigboia, que se referiu em conceitos de alto e merecido louvor à figura inesquecível de Lineu de Paula Machado, o saudoso pró-homem do turf, afirmando ainda



O ministro da Aeronáutica fazendo entrega dos troféus aos vencedores do Grande Prêmio «Salgado Filho»



Trocam brindes o ministro da Aeronáutica, major brigadeiro Corrêa de Mello, e o presidente Mário Ribeiro



Os brigadeiros Alves Secco, Ivan Carpenter, Alvim e Cunha Machado na Tribuna de Honra do Hipódromo da Gávea



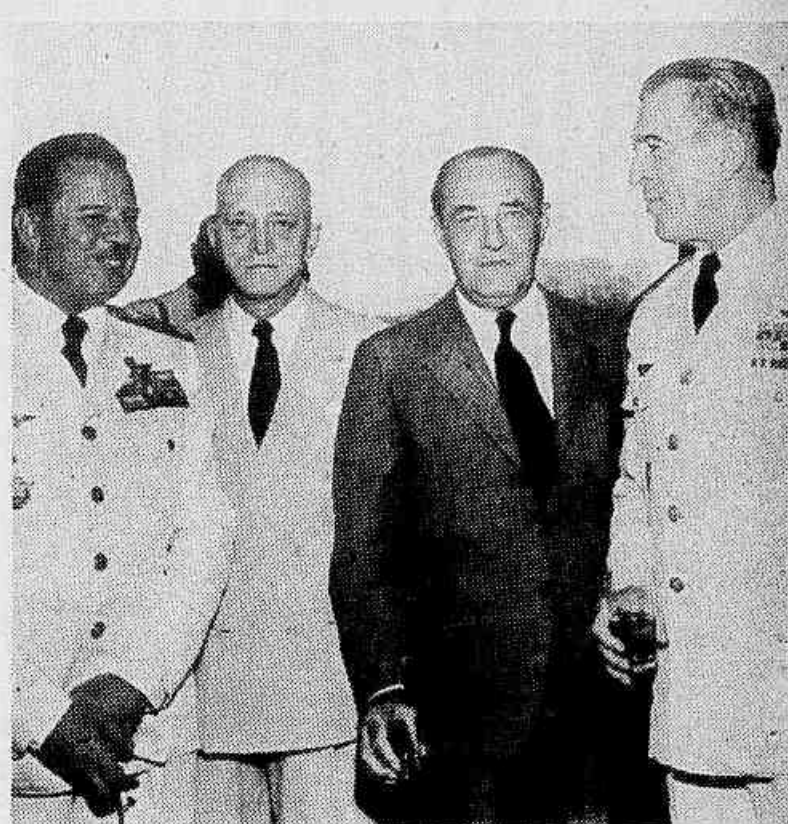
Um momento de palestra entre o dr. Mário Azevedo Ribeiro, o ministro Corrêa de Mello e srta. Yara Cardoso

que «o Jockey Club Brasileiro está sempre presente a todos os acontecimentos da vida nacional».

Após trocados calorosos brindes, passaram todos à Tribuna de Honra do Hipódromo, onde assistiram o desenrolar das provas da tarde. Finda a disputa do Grande Prêmio «Salgado



O dr. Francisco E. Paula Machado agradece ao major brigadeiro Ararigboia as referências feitas a seu pai



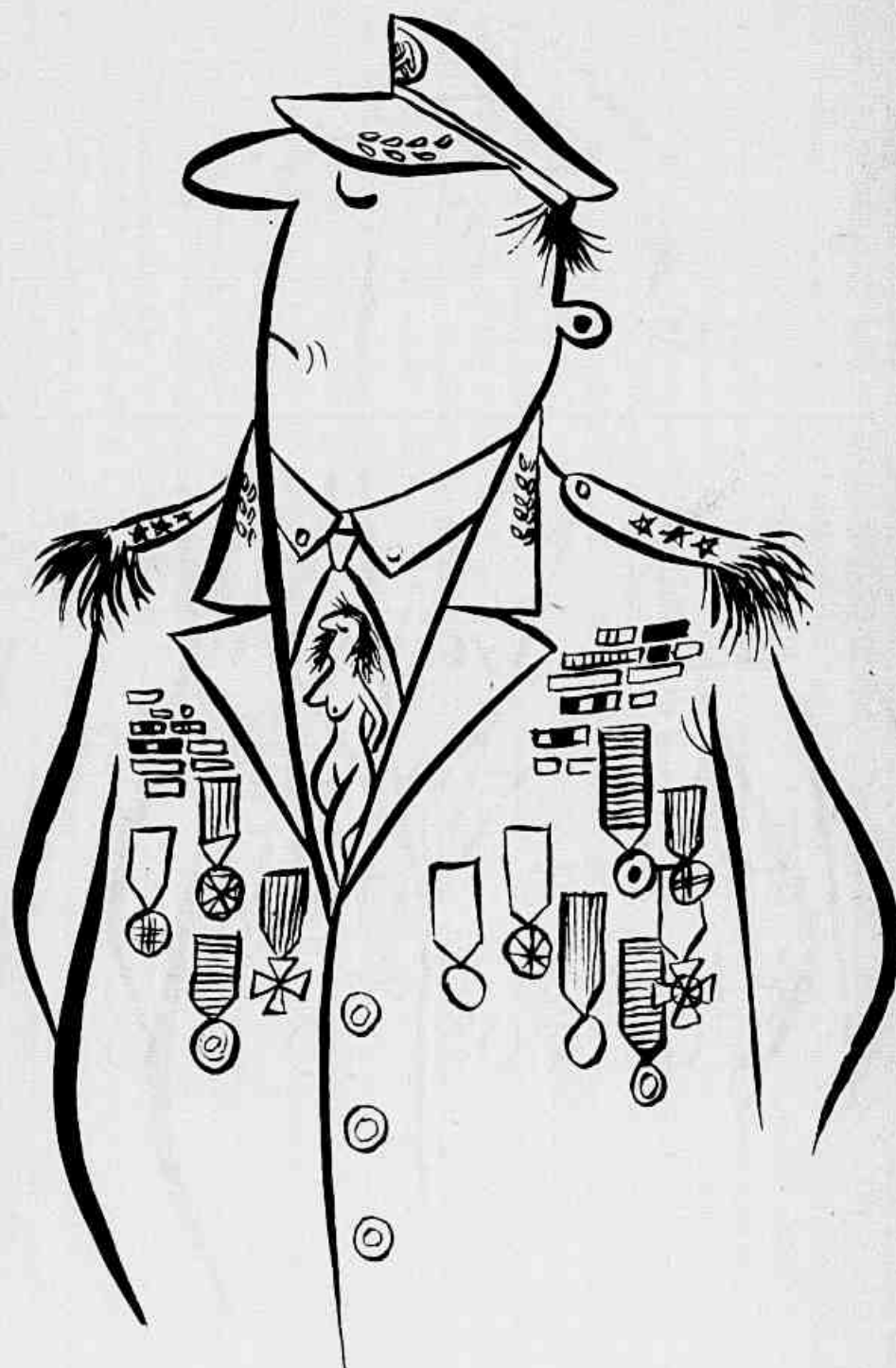
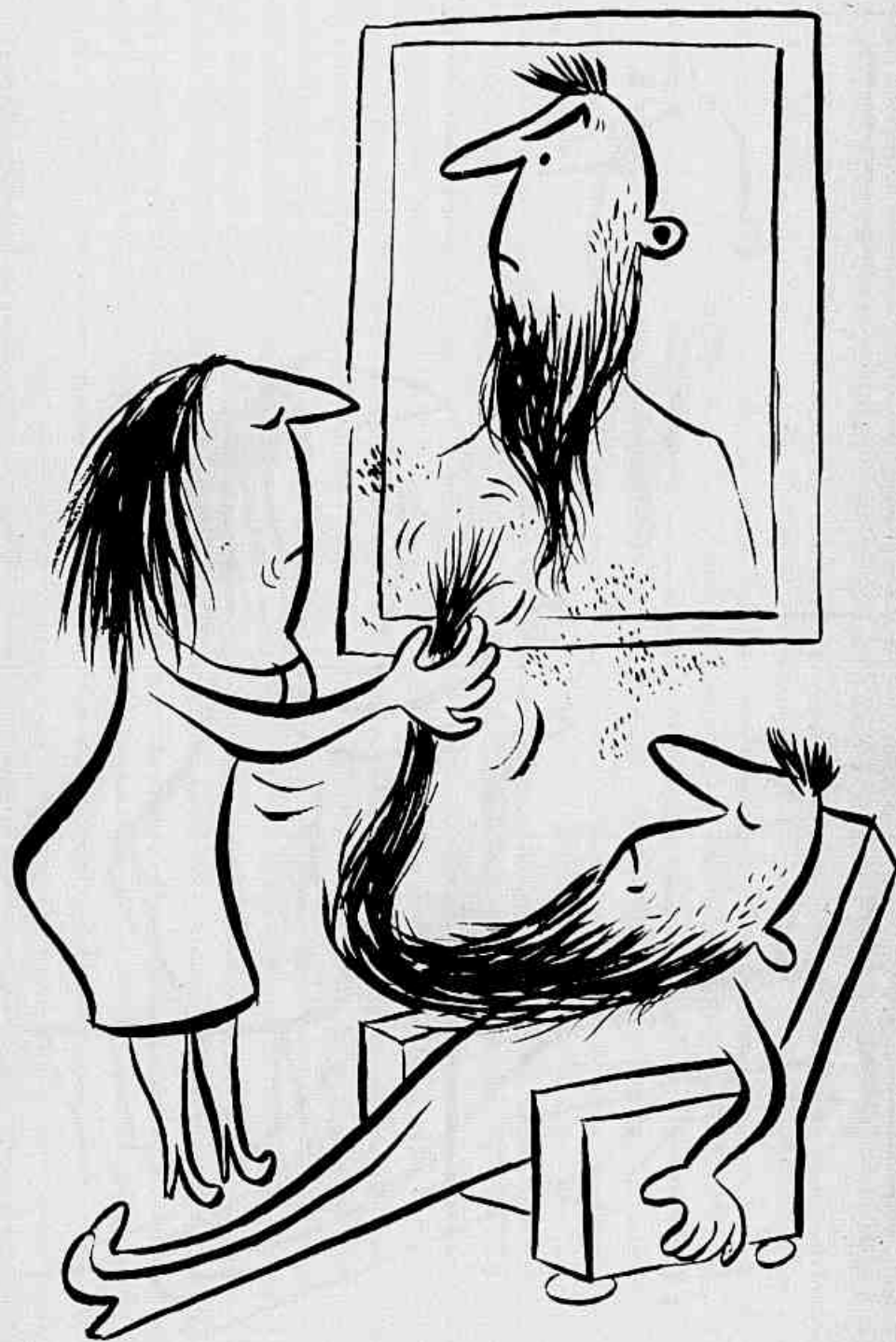
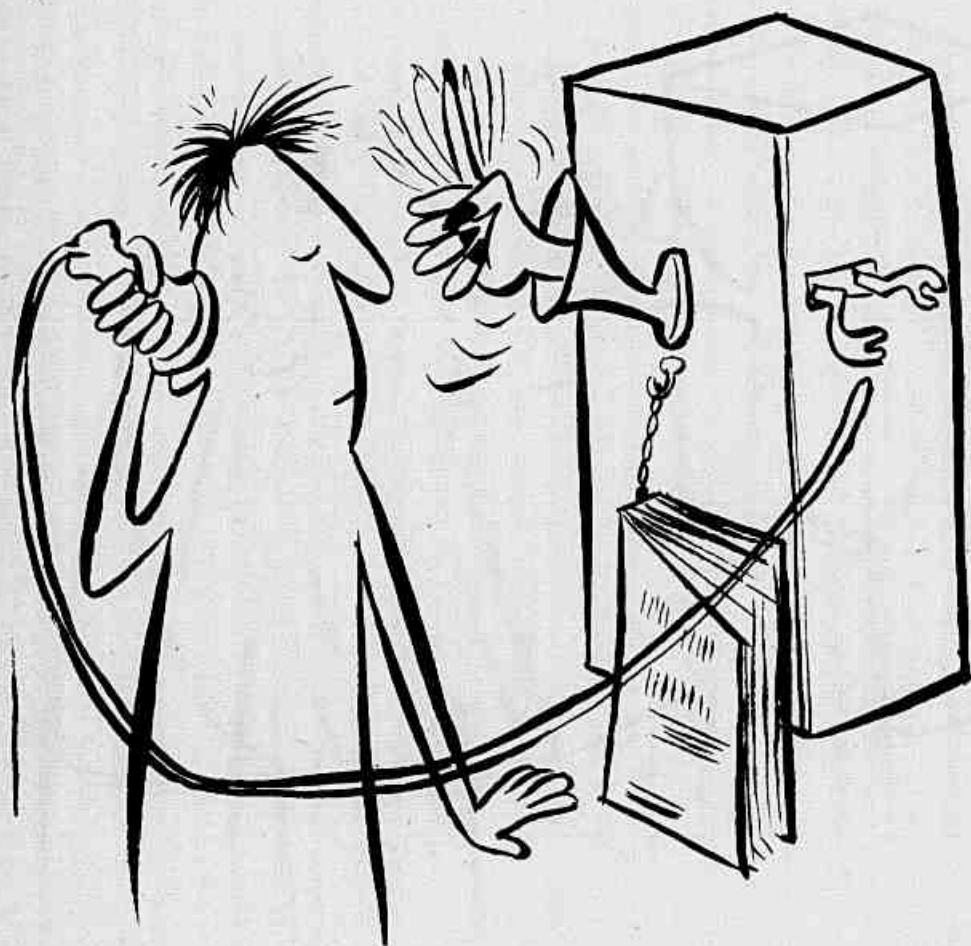
Os brigadeiros Corrêa de Mello e Henrique Fleiuss em companhia dos diretores Júlio Moura e Pedro Camargo

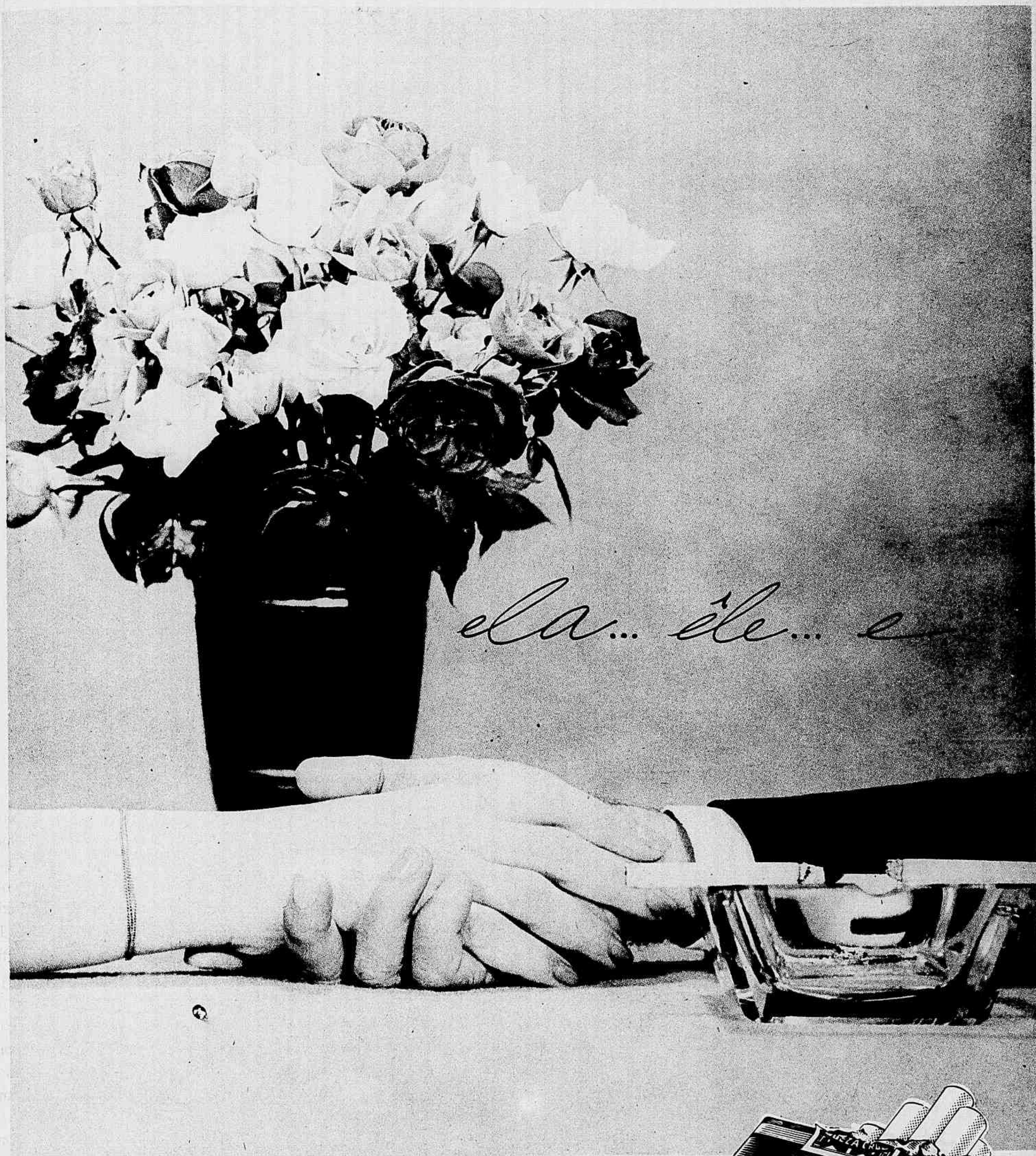


Trocam impressões o cel. Carlos Alberto de Mattos e os srs. ministro Luiz Gallotti e dr. F. E. Paula Machado

Filho», o ministro da Aeronáutica fez entrega, no Salão das Rosas, de custosas e belas taças de prata aos proprietários do cavalo vencedor, representantes do Stud Don Mauricio, e ao tratador e jockey, srs. Cornélio Ferreira e Luiz Rigoni, servindo-se na ocasião uma taça de champagne aos presentes.

ΣΟΥΙ*





ela... ele... e

cigarros

hollywood

uma tradição de bom-gosto

COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ



M-88397



NORMINHA VAI CONHECER O CEARÁ

Texto e fotos de HÉLIO POLINI

Norma não possui apenas, uma plástica bonita. Tem um lindo rosto, é elegante, desfila bem, podendo-se acrescentar-lhe ainda, qualidades artísticas

FOI em Quitandinha que o grande público prestou uma significativa homenagem à beleza e vivacidade da mulher brasileira, aplaudindo vibrantemente uma garôta que desfilava graciosamente pela passarela do Teatro Mecanizado. Isto se deu em 1955, na ocasião em que eram apresentadas as candidatas estaduais que disputavam o título de "Miss Brasil". Apesar de passado tanto tempo, muitos ainda guardam a lembrança da moça que conseguiu arrancar para si, mais palmas do que obtiveram as candidatas ao cetro máximo de beleza nacional. Lógicamente a lindeza a que nos referimos, não era participante de nenhum concurso. A sua presença na passarela, naquele mesmo dia, deve-se ao fato de uma fábrica de maiô ter apresentado um desfile extra, mostrando os últimos lançamentos. E como modelo profissional, ela lá estava, brilhando como sempre.

Naturalmente vocês já sabem a quem nos referimos. Falamos sobre essa moça que é a nossa capa de hoje, freqüentadora assídua do Country, e que se chama Norma Primo.

Norminha, juntamente com seis outras beldades, está de malas prontas para visitar o norte, a convite dos confrades da "Revista do Globo" e do "Lóide Aéreo". Pela primeira vez, irá ver de perto como se dança o frevo pernambucano, e como vivem os jangadeiros nordestinos. A bela Fortaleza é um dos pontos a serem visitados ainda neste mês de novembro. E os cearenses estão aguardando ansiosamente este grupo alegre, para homenageá-lo com uma grande festa, no Ideal Clube.

Norma Primo adora música (qualquer gênero), e tem entre seus maiores prazeres uma boa leitura. A praia, principalmente neste tempo calorento que atravessamos, é um dos seus passatempos prediletos. Atualmente não tem desfilado como modelo. Pretende descansar por uns tempos, a profissão exige muito sacrifício. Obriga a acordar cedo, para a ginástica diária, pois um modelo vive preocupado em manter a plástica sempre em forma. Também quase que não sobrava tempo para aceitar convites e assim Norminha resolveu parar por uns tempos. Praticamente essa morena não tem nenhum sério compromisso sentimental. Certamente possui os seus "flirts", como toda moça, mas nada que cheire a matrimônio, pelo menos ao que parece. Perguntamos a ela se existia e que poderíamos chamar de **homem ideal**, e nos respondeu:

— Não acredito, como também nunca vi, na vida real "Amélia", ou seja, "a mulher de verdade"... Tudo é uma questão de preferência, portanto não poderia existir um **tipo padrão**, digamos assim. O meu preferido teria de ter, aproximadamente, 1,70 de altura, pele clara, cabelos pretos, e simpatia. Qualidades que julgo imprescindíveis em um homem: educação, inteligência, cultura, e ser carinhoso. Principais defeitos: não ser trabalhador, não ter responsabilidade e ser grosseiro. Talvez poucos saibam que Norminha tem qualidades artísticas. Toca muito bem piano, canta, e sabe dedilhar um violão. Portanto, em uma reunião é sempre um sucesso, não somente pelo bom papo que é, ou pela sua irradiante simpatia. Agrada também, por que ela sozinha, pode dar um "show" completo. E é isto exatamente que cearenses e pernambucanos vão atestar e aplaudir.



Norminha prefere o maiô de duas peças. «É muito mais cômodo» — diz ela. E também muito mais agradável a vista — acrescentamos nós...

REVISTA
DA SEMANA



Ir a praia e tomar banho de mar, é uma das coisas que Norma Primo mais gosta. Seus outros divertimentos preferidos, são: dançar, ler, e ouvir boa música.



Myrna gosta do mar e das areias de Copacabana, mas não esquece a padroeira: sempre tem o que pedir a N. S. da Penha

Z

R

D

U

D

Tex

Foto

a l

ma

cu

pro

ra

tro

ROTEIRO DE MYRNA, UMA GARÔTA DIFERENTE

Texto de CESÁRIO MARQUES

Fotos ADIR VIEIRA



NA Penha, Myrna é a professora mais querida da escolinha nº 8 das Pioneiras Sociais. No Meyer, é a aluna mais admirada do seu Colégio Barcelos Costa, onde tem um reinado garantido por toda a primavera de 1957. No Leme, a loira de olhos verdes, é a garôta mais visada e contemplada, por causa de seu bonito corpo, esbelto e bem formado.

Neste roteiro diário, Penha, Meyer, Leme, Myrna Abi Saber, a loira de olhos verdes, deixa o rastro de seus encantos ao mesmo tempo que viaja 3 horas em 10 conduções diferentes, para cumprir uma missão e gozar as delícias do que mais gosta: praia. De manhã, bem cedo, Myrna acorda no Meyer, onde mora, e trata de arrumar-se para trabalhar. Morar no subúrbio, trabalhar e ser bonita é coisa difícil, mas que ela consegue

fazer com sucesso. Com pesada pasta de livros e cadernos corrigidos espera o bonde, depois o lotação que a levará até as proximidades do IAPI da Penha, onde quarenta crianças a esperam.

— Gosto tanto de minha profissão como de passear na praia. Tanto que não vejo diferenças entre atravessar uma cancela da Penha e entrar num bar de Copacabana para tomar sorvete, com alguma colega — diz Myrna, sorridente.

◆ CRIANÇAS FELIZES

Quando Myrna é "dona" Myrna as crianças a respeitam e obedecem. Elas gostam das balas que ganham da professora e choram quando chega o domingo. Myrna, contente repete:



A PROFESSORINHA VIVE DUAS VÊZES NUM SÓ DIA EPISÓDIOS DIFERENTES

— Maravilhosas são as minhas crianças. Estão sempre dispostas a sorrir, mesmo com fome. Por isso é que eu gosto de ir à Penha todos os dias, para ajudá-las.

As 11,30 horas, depois de 4 horas de aula, volta ao Meyer para almoçar. Apesar de estar fazendo regime, come com satisfação tudo que tiver origem turca, adora quibe.

A tarde, Myrna muda de pasta, vai à Cultura Inglesa, onde faz curso e ainda aproveita as horas de folga para ir ao Leme tomar banho de mar. De volta, no Meyer, assiste as aulas boas com frequência e distinção. Joga volei e basquete por seu colégio. A pedido do diretor, está disputando o título de Rainha dos Jogos da Primavera.

♦ DA PENHA AO LEME

Dizendo que o Meyer é bairro e não subúrbio, Myrna gosta de onde mora, mas reconhece que vive duas vidas diferentes em um só dia na Penha e no Leme.

— Primeiro eu presencio e participo de dramas. Cada criança da minha escola é um drama. Algumas nem roupa têm para vestir. Ainda outro dia uma das pequenas me trouxe um bilhete da mãe, redigido em mau português, mas que mostrava perfeitamente todo o sentimento de quem o escreveu.

O bilhete dizia: "Professôra. Minha filha hoje vai sem meias porque não tenho dinheiro para comprar outras e as que ela tinha estão rasgadas. Sou sôzinha para cuidar de três crianças, estou desempregada e peço-lhe que deixe a pequena assistir aula".

— Com o pensamento ainda voltado para as histórias tristes do subúrbio, chego ao Leme para divertir-me. Deito-me na areia, olho as ondas brancas e me esqueço da vida completamente, por alguns minutos.

Moça bonita, como é, Myrna sempre ouve pilhérias e galanteios. Na Penha há sempre quem lhe diga: "Olá querida. Por tua causa eu resolvo qualquer parangolé". No Leme, tudo é mais americanizado: — "Ei, dear. Do you love me?"



— Entre os dois modos de expressar amor, eu prefiro o silêncio. Não é assim que se deve lidar com as moças que passam. Mas acredito que os da primeira fórmula sejam mais sinceros. Os outros falam por falar e aprendem o que dizem como papagaios.

♦ NÃO TEM NAMORADO

A mineirinha Myrna tem 19 anos, 1 metro e 58 de altura, gosta de música, está no Rio e frequenta praia desde a idade de 5 anos embora nunca tivesse morado perto de uma. Gosta do basquete e do volei, embora já tenha praticado hipismo e ciclismo. Seu esporte preferido é o namôro. Mas só tem tempo para "flirt".

— Ademir de Menezes foi o melhor jogador do Vasco da Gama e o Vasco da Gama sempre foi o melhor clube de futebol do mundo — afirma Myrna Abi Saber, a vascaína.

Quando sai da escola e está triste, a loira sobe até a igreja

da Penha. Prefere não rezar, mas se sente reconfortada olhando a cidade de cima: — E' como se tivéssemos mudado de mundo.

♦ DO CARRO AO TREM

Para uma professora que gosta de praia, as dificuldades são enormes. O dinheiro quase nunca é suficiente. Só de condução se gastam centenas por mês.

— Ando de bonde, de lotação, ônibus e trem. As vezes algum rapaz conhecido da praia me dá carona até a cidade. Mas isto acontece lá uma vez ou outra quando a sorte me favorece — diz Myrna acrescentando:

— Sou bem feliz como vivo e gostaria de poder continuar assim por muito tempo. A única coisa que poderá me fazer mudar de idéia é o cansaço, que já começo a sentir no fim do dia, após viajar Meyer-Penha-Meyer-Centro-Leme-Meyer (colégio) e Meyer (casa).





A POSSE DA NOVA ADMINISTRAÇÃO DA CENTRAL DO BRASIL

Depois de empossado no cargo de diretor-superintendente da Central do Brasil, o dr. Luiz Alberto Whately, foi à Sala de Imprensa conversar cordialmente com os jornalistas credenciados junto à diretoria. Neste flagrante vê-se o novo superintendente em companhia dos outros novos diretores e do ex-diretor Jair de Oliveira, em palestra com os jornalistas. À direita, ao lado do nosso companheiro, destaca-se a jornalista Cora Lopes, chefe do Serviço de Divulgação do Departamento de Relações Públicas da Central.

◆ Realizou-se recentemente no Salão Nobre da Central do Brasil, a posse do dr. Luiz Alberto Whately, no cargo de diretor-superintendente da nossa principal ferrovia, hoje integrada à Rede Ferroviária Federal S. A. O vasto salão achava-se repleto de funcionários, políticos e pessoas gradas. Em primeiro lugar falou o engenheiro Andrade Sobrinho que, num belo discurso, se congratulou com o presidente Kubitschek e com o comte. Lúcio Meira, ministro da Viação, pelo acerto da escolha dos novos dirigentes da Central do Brasil, eng. Cristiano Lobão e Heitor Guimarães e a que se vem juntar, nessa hora de esperança e de regozijo o seu primeiro superintendente, dr. Luiz Alberto Whately, pelo seu passado de homem trabalhador, de técnico renomado, que soube tudo realizar, para o bem do Brasil, com o seu entusiasmo e a sua fé nos mais altos empreendimentos de que tem sido investido, como essa estrada de Ferro Brasil-Bolívia, que é um orgulho da engenharia brasileira. Em seguida falou o eng. Renato de Azevedo Feio, presidente da Rede Ferroviária Federal S.A. que felicitou os empossados, augurando-lhes gestão brilhante, tal o valor e a aptidão que vêm demonstrando através de uma longa vida exclusivamente dedicada às ferrovias e que ora se transformam administrativamente para melhor servir ao progresso do Brasil.

Por fim, usou da palavra, visivelmente emocionado, o novo superintendente, dr. Luiz Alberto Whately, que, após várias considerações em torno do ato do governo organizando a Rede Ferroviária Federal S.A., disse, quase ao término de sua brilhante oração:

«Não somos dos que vêem nas soluções formais, elementos mágicos de salvação. Mas força é convir que a Rede Ferroviária Federal S.A. a que está integrada a Central do Brasil, deixa de ser uma solução formal para se apresentar como um caminho já trilhado pela experiência brasileira

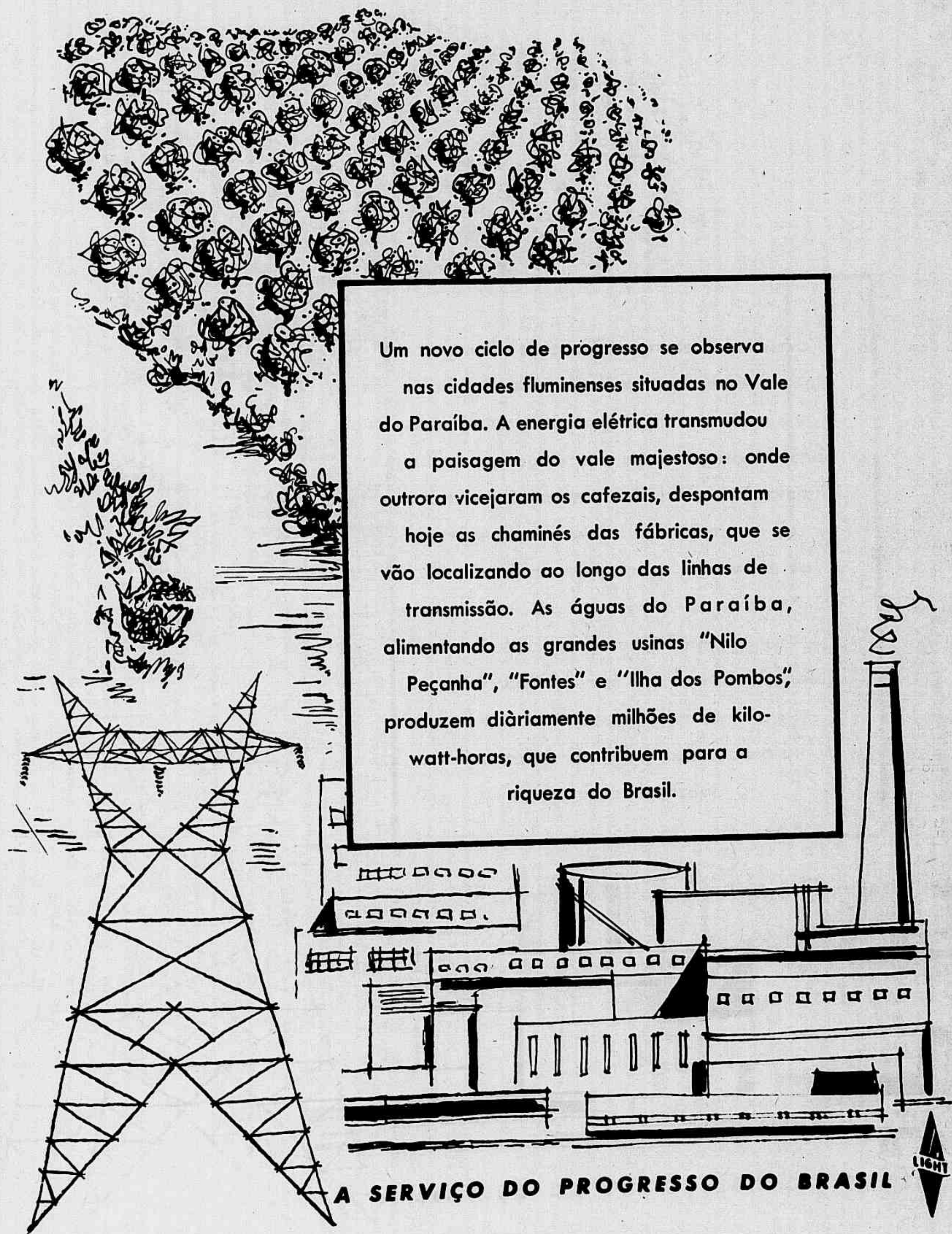
de organização e administração das sociedades de economia mistas, no campo dos serviços de utilidade pública. A Companhia Siderúrgica Nacional, de Volta Redonda, a Companhia Vale do Rio Doce e a Companhia de Transportes Coletivos, da cidade de São Paulo, da qual já fui diretor-superintendente, são exemplos bastante convincentes».

Logo após a sua posse, o dr. Luiz Alberto Whately fez questão de fazer uma visita à Sala de Imprensa, onde se demorou por mais de trinta minutos, em palestra com os jornalistas credenciados. Disse o dr. Luiz Alberto que entrou para a Central com a diária de cinco mil réis, em 1909, tendo trabalhado primeiro na Estação Marítima. Palmilhou todos os postos. Pode desde já afirmar que a grande vantagem que encontra na Central é o próprio pessoal, todo devotado ao serviço, como esses denodados maquinistas e trabalhadores da linha que pelo dever, árduamente cumprido, tudo sacrificam do seu bem-estar em bem da segurança da coletividade, em suas constantes viagens, de casa para o trabalho e para os seus afazeres, pessoal esse que ele desejaria ter abraçado também em sua posse. Não tenciona fazer transformações radicais na Central, mesmo, porque, esse aspecto pertence mais ao presidente da Rede. Congratula-se com os jornalistas pelos seus trabalhos de amor ao Brasil e ele mesmo sente-se feliz em ser jornalista, sócio dos mais antigos da ABI. Sobre a Estrada de Ferro Transcontinental falou sobre o significado da mesma na vida dos povos sul-americanos, e, como ex-diretor da Estrada Corumbá a Santa Cruz de La Sierra, exaltou o significado da empresa, em plena crise européia. Cita Euclides da Cunha, que foi um precursor da expansão ferroviária Intercontinental. Terminando sua visita cordial, declarou que a meta de sua vida tem sido sempre o entusiasmo e que assume, com seus companheiros, os destinos da Central, que há de vencer, nessa nova fase.



O dr. Andrade Sobrinho saúda os novos diretores da Central no ato de sua posse, a que compareceram, entre outras pessoas de destaque, o diretor da Rede Ferroviária Federal, dr. Renato Feio, os senadores Alencastro Guimarães e Caiado de Castro, o dr. Ottolmy Stranss, representante do ministro Lúcio Meira, o cel. Janary Nunes, presidente da Petrobrás, e a jornalista Cora Lopes. À direita: outro aspecto da posse, notando-se entre os presentes, os diretores da Rede Ferroviária Federal S.A., o representante do ministro da Viação, dr. Ottolmy Stranss, e o coronel Naldir Laranjeiras, administrador da E.F. Leopoldina

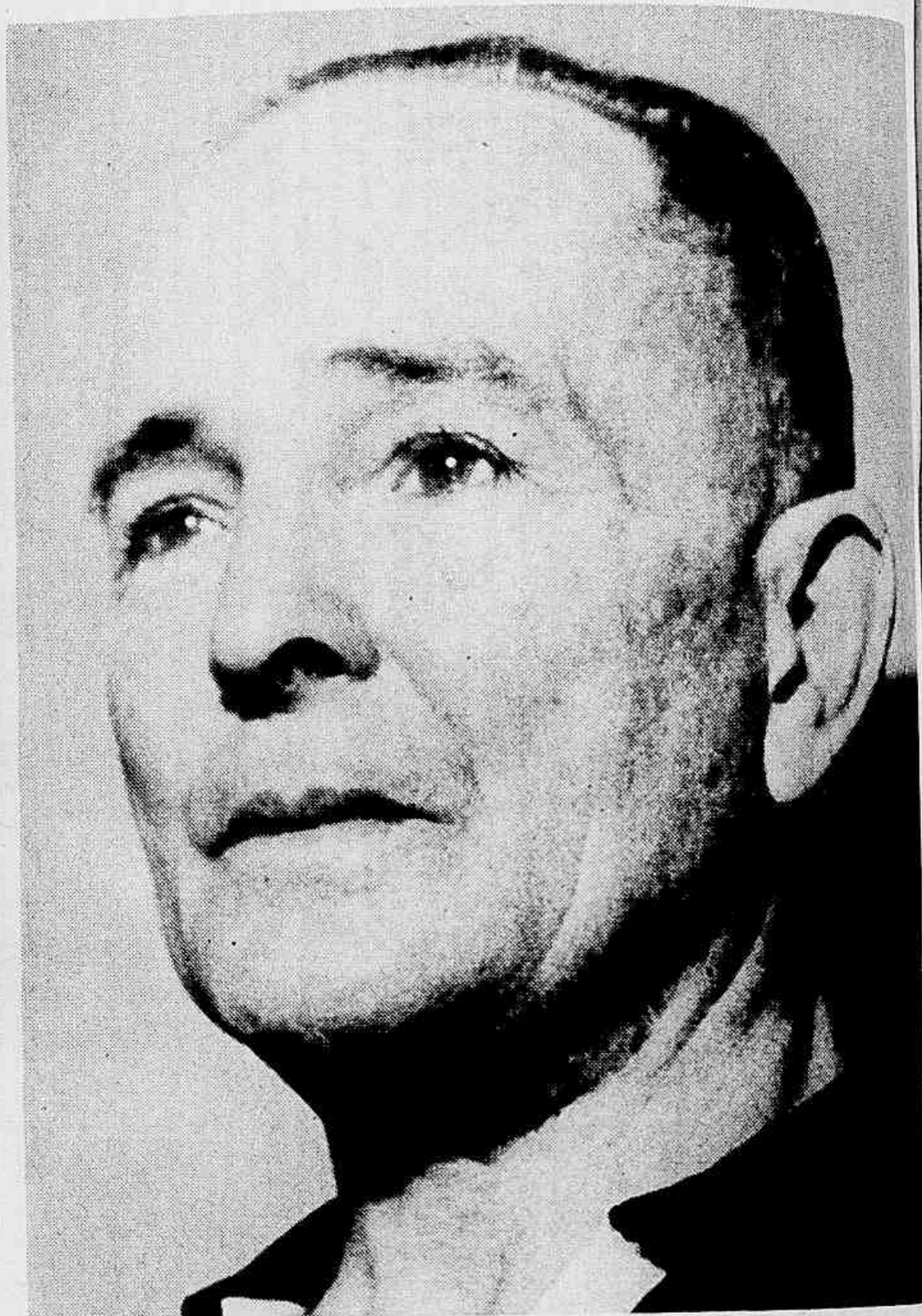
ONDE OUTRORA VICEJARAM OS CAFEZAIS...





ALÉM DA DERROTA, PRISÃO

O gal. Juarez Távora, que surpreendeu o país com uma votação maior do que lhe prognosticavam inclusive seus partidários, conheceu também a prisão, depois da experiência da derrota. E não disse mais



EX-CRAQUE SILENCIA

Também resolveu calar (até melhor oportunidade, dizem) o almirante Benjamim Sodré, que foi ídolo das forças da oposição e que conheceu a prisão por discordar da posse do atual governo

ENQUANTO ALGUNS QUEREM PRORROGAÇÃO OUTROS PREFEREM ENCURTAR MANDATOS

CONTINUAS CRISES POLÍTICAS E ECONÔMICAS (ENTRELAÇADAS) FAZEM PREVER QUE O MEIO DO PERÍODO PRESIDENCIAL SERÁ O PONTO INICIAL DOS ACONTECIMENTOS FUTUROS

NÃO podem ser contados nos dedos das mãos os acontecimentos que, noutras circunstâncias políticas, poderiam ser considerados absolutamente normais e que assumem proporções de crise no quinquênio do sr. Juscelino Kubitschek. Vários deles ameaçaram gerar o descontrolê, com a total ausência de medidas que se impunham para frear o desgoverno.

Nessas horas, o presidente era invariavelmente pilhado fora da sede do governo, em andanças aéreas pelo país. E entre ir e vir, perdia-se um tempo precioso: o tumulto e indecisão dos mais altos órgãos geravam a impressão de regime anárquico. Não deixa de ser oportuno lembrar que, ao instalar-se a 31 de janeiro de 55 o governo que durante a campanha eleitoral era a sigla JJ, os adversários dos srs. Kubitschek e

Goular
mais p
legitim
Dizic

Não
Pedro
públic
quand
o «sus
mara
Pedro
— H
E' de
Mas
sorrir
do se
cido
tava
e o q
voltar
nômio
tamos
do a
não
quer
enun
qual

Se
foi p
posto
mite
des
da A
testo
impe
segu
Ha
Mas
de
de b
a vo
Qua
dun
part
a q
Se
ousc
pale
Sod
par
prom
A
rád
da

C
cla
qu
ine
liti
pai
mo
sã
C
les
no
vê

Goulart vaticinavam poucos meses de duração para os empossados mais por força dos fatos de 10 de novembro, do que mesmo por qualquer legitimidade de um pleito que não pode sequer ser contestado. Dizia-se, então, que governo II queria dizer de janeiro a junho.

DE JANEIRO A...

Não se cumpriu a profecia negra, atribuída pelos juscelinistas ao sr. Pedro Aleixo, líder da UDN mineira e «cunhado» do presidente da República (embora nem por isso lhe perdoe qualquer falta). Dizem que, quando passou o último dia de junho, um prócer pessedista, que vivera o «suspense» da possível queda, telefonou ao antigo presidente da Câmara e quase o desacatou no desabafo. Ao que lhe respondeu o sr. Pedro Aleixo:

— Houve um engano do astrólogo que lê o horóscopo presidencial. É de janeiro a julho...

Mas, também não foi em julho. O sr. Juscelino Kubitschek (conseguiu sorrir com mais naturalidade depois da data) viu chegar o primeiro ano do seu quinquênio e comemorou o feito com corpo e alma. Tinha vencido — acreditava JK — a fase mais difícil, no que (convenhamos) estava meio enganado, pois se algumas escaramuças, como Jacareacanga e o quebra-quebra dos estudantes quase fizeram o sr. Juscelino Kubitschek voltar para Minas, no primeiro ano, as perspectivas sombrias para a economia e outros fatos (sobre os quais o silêncio oficial mostra como estamos mal servidos de governantes) começaram a complicar seu segundo ano de administração. E já hoje os mais otimistas kubitschekeanos não chegam a dizer, como réplica pelo janeiro a junho, que governo II quer dizer janeiro a janeiro mesmo... Por prudência, os autores desses enunciados de conteúdo cabalístico nem mais se aventuram a falar em qual ano vai se dar a passagem do governo atual ao seu sucessor.

POLÍTICA E ECONOMIA

Se a crise que marcou todo o primeiro ano do governo Kubitschek foi política (manifestações de protesto e de rebeldia contra a posse imposta), a do segundo ano tem sido eminentemente econômica e não permite previsões sobre como e se chegaremos ao fim do ano sem dificuldades piores do que as atuais. Em 56, mal o governo se instalou, os rapazes da Aeronáutica saíram-se com Jacareacanga, para não deixar sem protesto a posse imposta à revelia do pronunciamento da Justiça Eleitoral, impedida de julgar a dúvida que sobre a lisura do pleito levantara o segundo concorrente.

Houve um instante em que se acreditou que o governo viria a baixo. Mas, não veio. Pouco depois, os estudantes promoviam demonstrações de descontentamento por causa do aumento dos preços das passagens de bonde, e — apanhado de surpresa fora do Catete — JK não se dignou a voltar ao Rio. Continuou o fim de semana fora da sede e do governo. Quase caiu, em consequência. Um simples protesto estudantil quase redundou em coisa mais grave, se bem que a demonstração de força por parte do Exército tenha feito muita gente lembrar-se então dos limites a que deve restringir-se quem governa.

Seguiu-se a fase das prisões e dos processos dos líderes militares, que ousavam discordar da legalidade do atual governo, através de qualquer palavra tornada pública. Pena Bôto (duas vezes), almirante Benjamim Sodré, Juarez Távora, general Amarante, Guedes Muniz, Ivano Gomes, para lembrar apenas alguns, já pagaram com a prisão por terem ousado pronunciar-se.

A essa altura, assistimos também ao arrolamento da liberdade no rádio e na televisão, o que fez com que diminuísse o número de prisões daí por diante, porque um homem reduzido à mudez não pode falar.

MANIFESTAÇÕES NOVAS

O segundo ano — com o silêncio imposto e já acreditando (como proclamou no discurso de comemoração, ao soprar a primeira vela no bôlo quinquenal) ter pacificado o país, a crise econômica que comprova a ineficácia das medidas tentadas pelo governo II — superou a crise política e gerou alguns fatos que são manifestações novas na vida do país. O próprio desemprego, que jamais existiu entre nós, avança de modo a causar apreensão às autoridades, que embora negando extensão ao fato não podem mais escondê-lo.

O recuo do governo no caso do trigo — para relazer as bases menos lesivas para nossa economia o arreglo escandaloso — como aconteceu no ano passado no caso dos minerais atômicos, comprovou que o governo não é firme nem em suas decisões.

A marcha da fome foi outra manifestação que, embora não se tendo concretizado, marcou uma fase diferente no processo de luta das classes produtoras rurais.

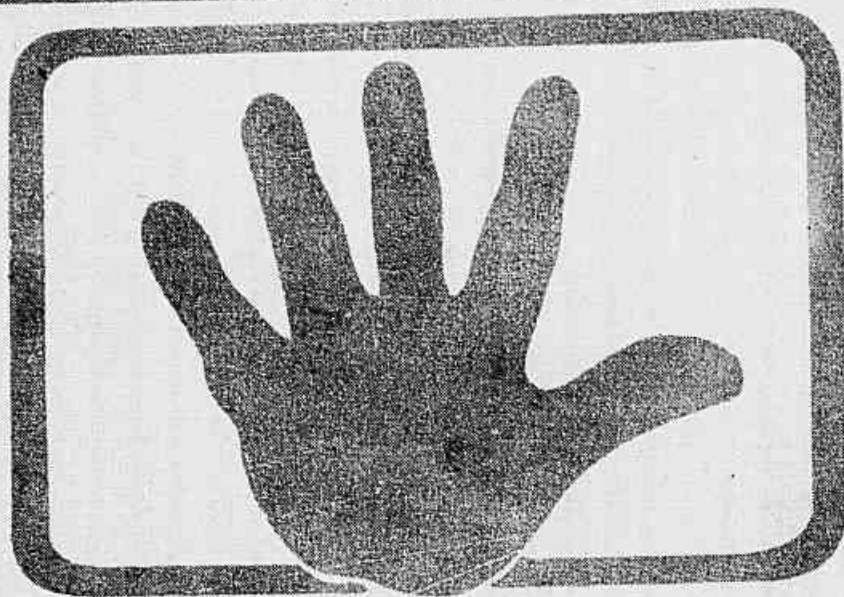
CONCLUSÃO

Mas, nem só esses fatos — desemprego, greves (como a de São Paulo, com meio milhão parando a capital do Estado), dissídio, movimentação sindical por melhoria de salário como nunca se viu antes no país — comprometem o futuro imediato do governo e chegam a ameaçar o próprio regime: episódios como os de Alagoas e do Paraná, nos quais a violência e as medidas extremas se fazem necessárias, indicam que será uma temeridade alguém querer adivinhar o que vai ser o terceiro ano do governo do sr. Juscelino Kubitschek. Por isso acreditam os observadores da política brasileira que a metade do mandato do atual chefe do governo — a cumprir-se em meados do próximo ano — será o ponto crucial dos fatos que se vão suceder até 1960, marco teórico das eleições presidenciais, que alguns pretendem prorrogar com os mandatos parlamentares, mas que outros, talvez mais sófregos, gostariam de antecipar.



ANTES E DEPOIS

Antes da promoção, o almirante Pena Bôto falava mais contra o governo. Depois continuou contra, mas falou menos. Prefere concentrar seu fogo contra o comunismo



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»

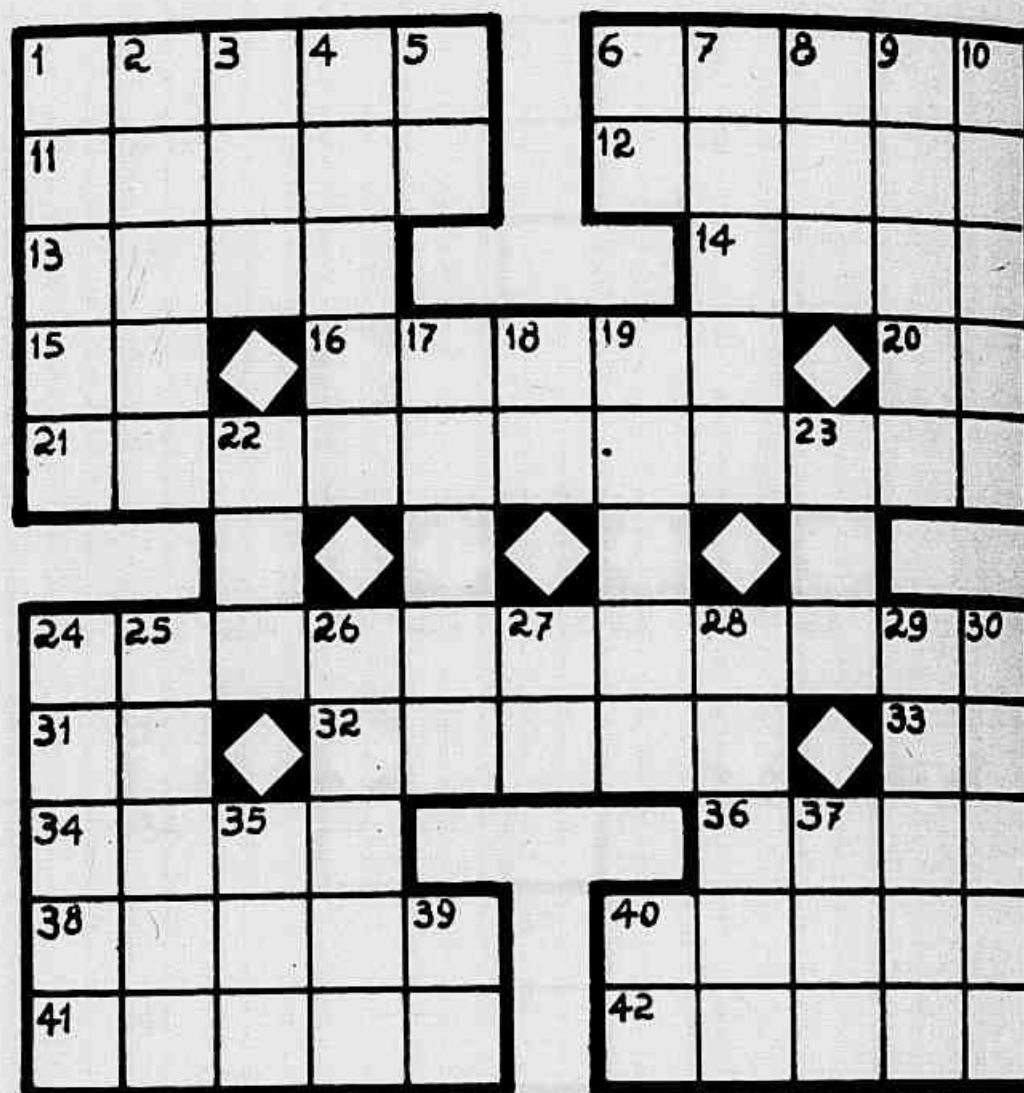


APRENDA A DANÇAR

Chá-chá-chá — Dois e Um — Guaracha — Bolero —
Marcha — Rumba — Swing — Samba — Tango —
Mambo — Baião — Chôro — Valsa — Fox — em ape-
nas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino For-
naciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já
em 8ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que
permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem pro-
fessor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Pos-
tal, 649 — São Paulo, Cr\$ 110.00. — Encontra-se também
à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo.
O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado
de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs.
à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 —
São Paulo.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 6



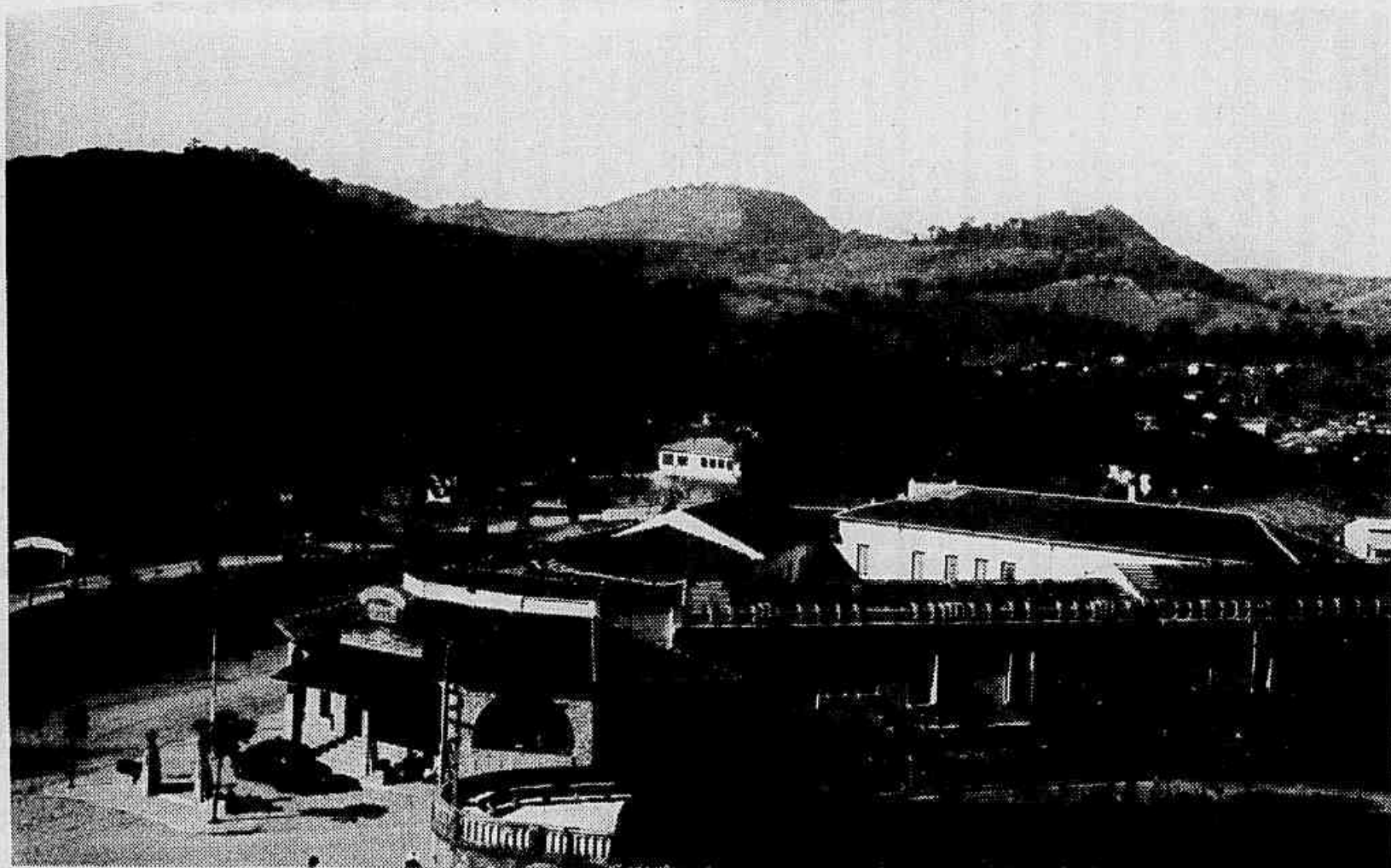
Q. Tanek - Rio

♦ **HORIZONTAIS:** — 1. Embriagar-se — 6. Obstinar-se —
11. Novilha de dois anos — 12. Vaso para onde se ordenha
o leite — 13. Elemento latino que exprime a idéia de "céu"
— 14. Calçada — 15. Nota musical — 16. Côr de carmin —
20. Variedade de melão — 21. Susceptível de transmissão
por alienamento — 24. Parte da armadura destinada a pro-
teger a região superior dos braços e os ombros (pl.) — 31.
Símbolo do metal de pêso atômico 197,2 — 32. Registro de
lembranças — 33. Fidelidade — 34. Magistrado tunisiano —
36. Governador de província em Marrocos — 38. Bramir —
40. Macaco da América Meridional — 41. Deserto africano
— 42. Matracas.

♦ **VERTICAIS:** — 1. Agrupamento regular de cristais har-
momorfos da mesma espécie — 2. Praia — 3. Infortúnio —
4. Nome de mulher — 5. Símbolo do rádio — 6. Árvore da
Ásia — 7. Elemento grego designativo de grande — 8. Ma-
lha redonda, de côr diferente, no pêlo da rês — 9. Espécie
de palmeira — 10. Ornato que representa um florão na di-
visão das abóbadas e na junção das nervuras — 17. Átomo
que adquiriu um ou mais electrons — 18. Símbolo do cálcio
— 19. Exerci influência — 22. Planta japonesa — 23. Mangar
— 24. Indivíduo barrigudo (pl.) — 25. Sairá frequentemente
à rua — 26. Vaticinar — 27. Loureiro do Japão — 28. Planta
crucífera — 29. Deseja ardentemente — 30. Cambão a que
se atrelam duas ou mais juntas de bois — 35. Mágoa — 37.
Lisonja — 39. Décima letra do alfabeto grego — 40. Divin-
dade greco-romana.

Soluções até o dia 3 de dezembro

ETERNA PRIMAVERA



Vista parcial de ÁGUAS DA PRATA e do GRANDE HOTEL PRATA.

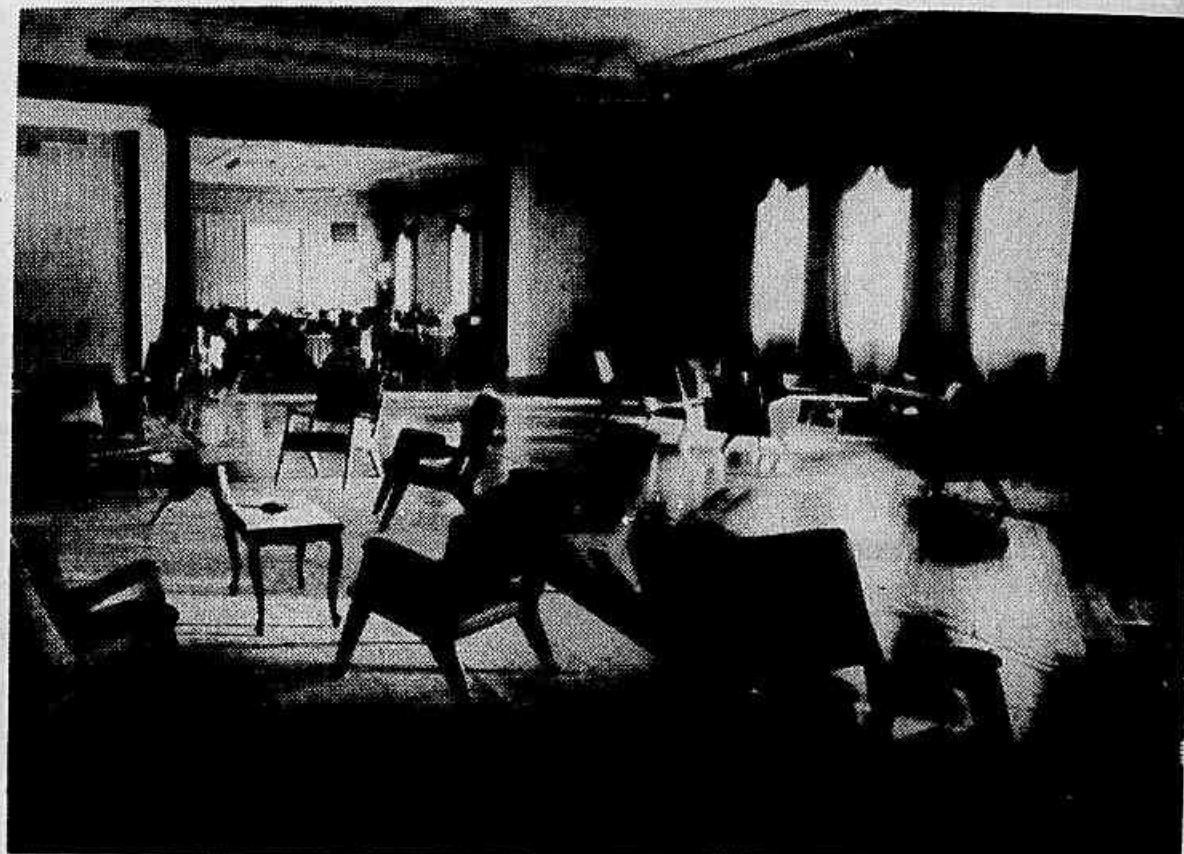
♦ Águas da Prata goza de um clima privilegiado em todos os meses do ano. Encastada num escrínio de verdura, pródiga em águas miraculosas, de temperatura primaveril mesmo na estação invernos. «ÁGUAS DA PRATA» é o recanto bucólico e maravilhoso para os doentes e para aqueles que precisam de retemperar energias gastas no bulício dos grandes centros urbanos. Situada a 818 metros de altitude, a estância de «ÁGUAS DA PRATA» é considerada por eminentes clínicos como superior à célebre Vichy, em França, pela presença dos sulfatos em suas águas generosas, sem rival na cura das moléstias do estômago, intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e poderoso auxiliar no tratamento da gôta.

AS DÁDIVAS DA NATUREZA, JUNTOU O HOMEM O CONFORTO DUM GRANDE HOTEL, MODERNO, FAMILIAR E ACOLHEDOR, O

GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece instalações confortáveis — apartamentos com banheiro ou simples quartos — e uma alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

DESCONTOS de 20% NOS MESES DE MAIO A JUNHO E DE AGOSTO A DEZEMBRO



Parte da acolhedora varanda, lugar preferido pelos hóspedes. À direita, aspecto do Salão de Festas, comunicando-se com um dos grandes refeitórios.

Reservas de aposentos: «Exprinter», Av. Rio Branco, 57-A, Tel.: 23-5361 e outras agências de Turismo, ou diretamente com o Hotel pelos telefones 20, 29 e 4, Águas da Prata, Est. S. Paulo. ♦ ÁGUAS DA PRATA é servida pelo ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Panair Nacional Transportes aéreos e Estrada de Ferro da Mogiana.

SATÉLITES (DE VERDADE)

GIRAM AO CONTRÁRIO

E NENHUMA TEORIA

JUSTIFICA (PLENAMENTE) O FATO

UMA REBELDE «FAMÍLIA» QUE ESCANDALIZA OS ASTRÔNOMOS E PÕE POR TERRA BEM URDIDAS TEORIAS COSMOGÔNICAS — OS MISTERIOSOS ANÉIS DE SATURNO: CONVITE À PROPAGANDA — DOIS GÊMEOS E A DESCOBERTA NO PAPEL — NENHUM PLANETA VALE O MUNDO QUE VIVEMOS

Texto de ALVARES DE SA



NA verdade, o conhecimento a respeito dos remotos "parentes" da Terra (de Júpiter em diante) é sem dúvida muito difícil mas os astrônomos têm conseguido saber muita coisa a respeito deles. Mergulharam os telescópios na profundidade do espaço, fizeram cálculos complicados e chegaram a descobrir planetas antes mesmo de os terem visto. Não há muitas esperanças de visitar essa "parentela" tão arredia e inacessível. Conhece-se porém muito de seus hábitos e modos de ser.

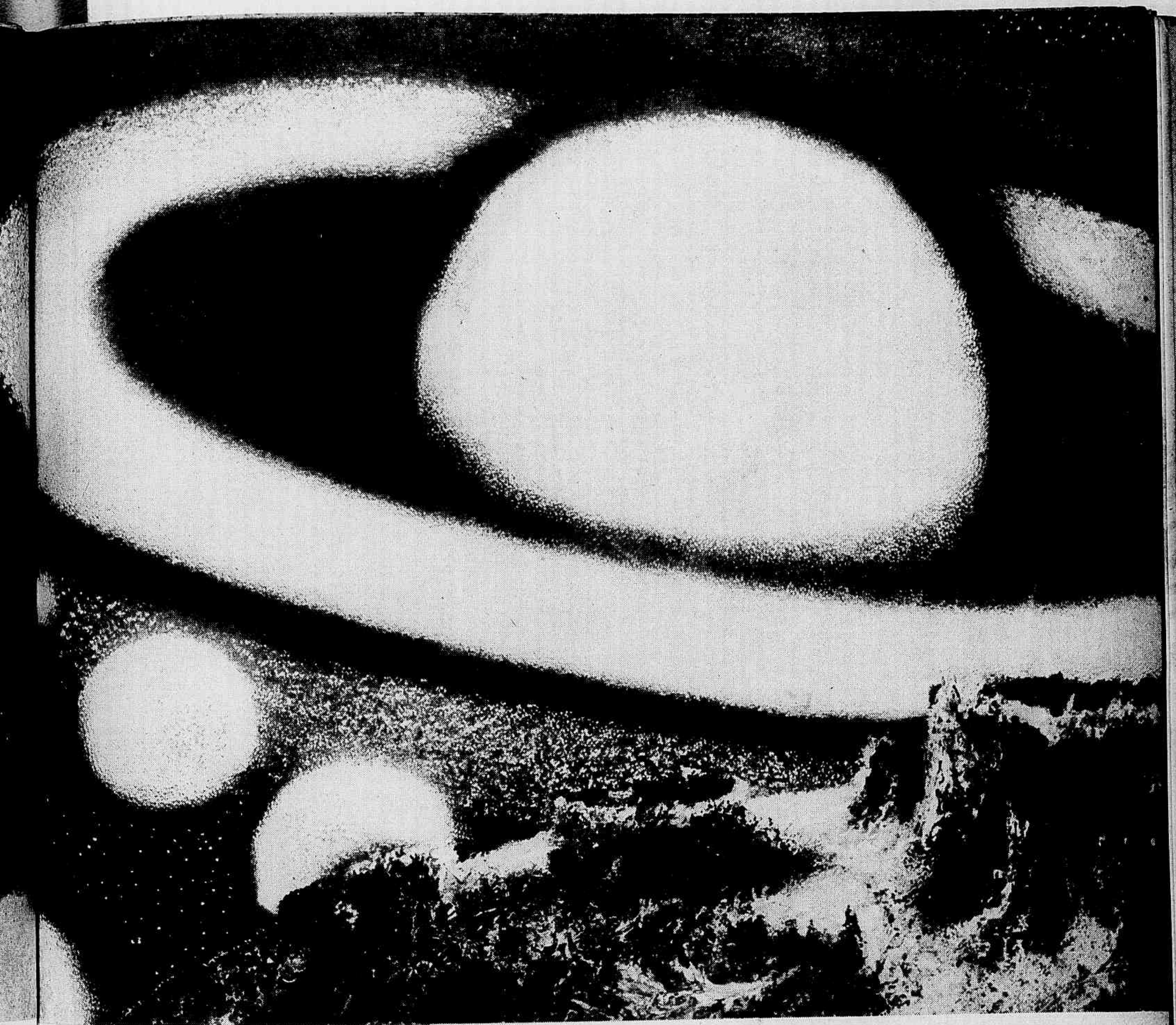
Júpiter, por exemplo, a despeito de sua distância da Terra (cerca de 600 milhões de quilômetros) tem sido sondado indistintamente. O seu enorme tamanho (diâmetro quase 12 vezes maior que o da Terra) permite vê-lo até mesmo com um simples (e bom) binóculo. Mesmo assim, mal armados, podemos apreciar diversas particularidades que até hoje intrigam os estudiosos do sistema solar. No belo disco dourado, iluminado pelo Sol, são visíveis faixas e manchas de coloração variada, modificando-se continuamente. Uma delas (a Grande Mancha Vermelha) há cem anos vem sendo observada na sua vagarosa mas persistente perigração. Ora avança, ora recua, movimentando uma quantidade enorme de matéria.

TAMANHO NÃO É DOCUMENTO — Apesar de suas dimensões colossais, Júpiter não é "pêso-pesado", sendo formado em grande parte pelo elemento químico mais leve que se conhece: o hidrogênio. Sob forma livre ou combinado com o nitrogênio e o carbono, formando amoníaco e gás metano (aquele mesmo que provoca aqui na Terra tremendas explosões nas minas de carvão). Assim, a atmosfera de Júpiter seria constituída de metano, no qual flutuariam espessas nuvens de amoníaco (sob a forma de pequenos cristais. Sendo o metano e o amoníaco, substâncias incolores, como explicar a variegada coloração da superfície do planeta? A hipótese mais aceita fala de impurezas metálicas o que torna mais complicada tal atmosfera. Um ambiente, como se vê, muito pouco próprio à vida que nós conhecemos.

ESCANDALO NOS CÉUS — Na família joviana, encontramos o primeiro dos escândalos celestes que tantas dores de cabeça dão aos astrônomos. Júpiter tem uma prole de onze satélites. Os quatro maiores (com os poéticos nomes de Io, Europa, Ganimedes e Calisto) são visíveis com qualquer luneta de pouco aumento. Foram descobertos pelo grande Galileu e cor-

respon
sexto e
quenin
vo, por
trógrad
do mov
bem co
— E
constat
Havi
como e
para t
aceitas
nos ac
liar a

OUT
(perto
sistem
"herét
"Uma



respondem (em massa) à nossa Lua, a primeira. O quinto, o sexto e o sétimo satélite nada apresentam de anormal. São pequeninos e giram a distâncias apreciáveis do planeta. O oitavo, porém, é a primeira "ovelha negra": gira em sentido retrógrado, isto é, ao contrário do movimento dos outros satélites, do movimento de rotação do próprio Júpiter e dos demais e bem comportados planetas na sua translação em torno do Sol.

— Escândalo! murmuraram (estupefatos) os astrônomos ao constatarem o fenômeno. Como seria possível tamanha heresia?

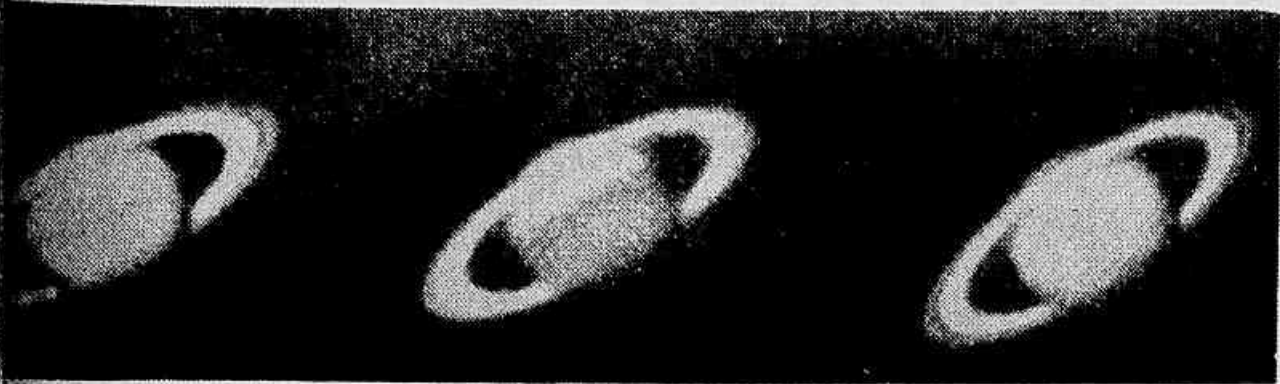
Havia mais, porém: o nome era também "transviado", bem como o décimo primeiro. Diversas teorias foram arquitetadas para tentar explicar tão estranho comportamento. Todas elas aceitas com maiores ou menores reservas, enquanto os pequenos acompanhantes de Júpiter continuam calmamente a desafiar a persistente mas longínqua argúcia humana.

OUTRO GIGANTE, OUTRO ESCANDALO — Perto de Júpiter (perto é maneira de dizer...) fica a órbita de outro colosso do sistema solar: Saturno. Oito satélites, um dos quais também "herético" (Phoebe). Mas, sobretudo os famosíssimos anéis. "Uma peculiaridade que só Saturno apresenta" poderia anun-

ciar uma agência saturnina de turismo. "As formações mais planas e relativamente mais delgadas que se conhecem no universo", afirmou um astrônomo.

Os anéis são constituídos por milhões de pequenas partículas, cada uma girando qual diminuto satélite. E as faixas vistas cá da Terra apresentando modificações coloridas de rara beleza. No entanto, os efeitos de sombra dos anéis sobre a superfície de Saturno devem ser muito mais espetaculares. Pena não possamos apreciá-los. Nem disso há esperanças. A temperatura de Saturno, no "verão", é no máximo de cento e dez graus abaixo de zero e lá a atmosfera é tão nociva quanto a do seu vizinho Júpiter.

DOS GÊMEOS — Caminhando mais para fora no sistema solar, mergulhando a fundo no espaço, vamos encontrar outros três planetas. Dois, bem grandes e tão parecidos que poderia ser chamado de gêmeos: Urano (visível a olho desarmado em noites límpidas) e Netuno. O terceiro é Plutão, girando a uma distância média de seis bilhões e seiscentos milhões de quilômetros do Sol, pequenino, isolado, frígido e árido, quase perdido para a observação humana. As descobertas de Netu-



Os famosos anéis de Saturno, nas melhores fotografias feitas até hoje (foto Lowell Observatory). Milhões de partículas girando em torno do planeta como minúsculo satélite apresentam-se em faixas coloridas de impressionante beleza. Uma exclusividade (no sistema solar) do planeta Saturno



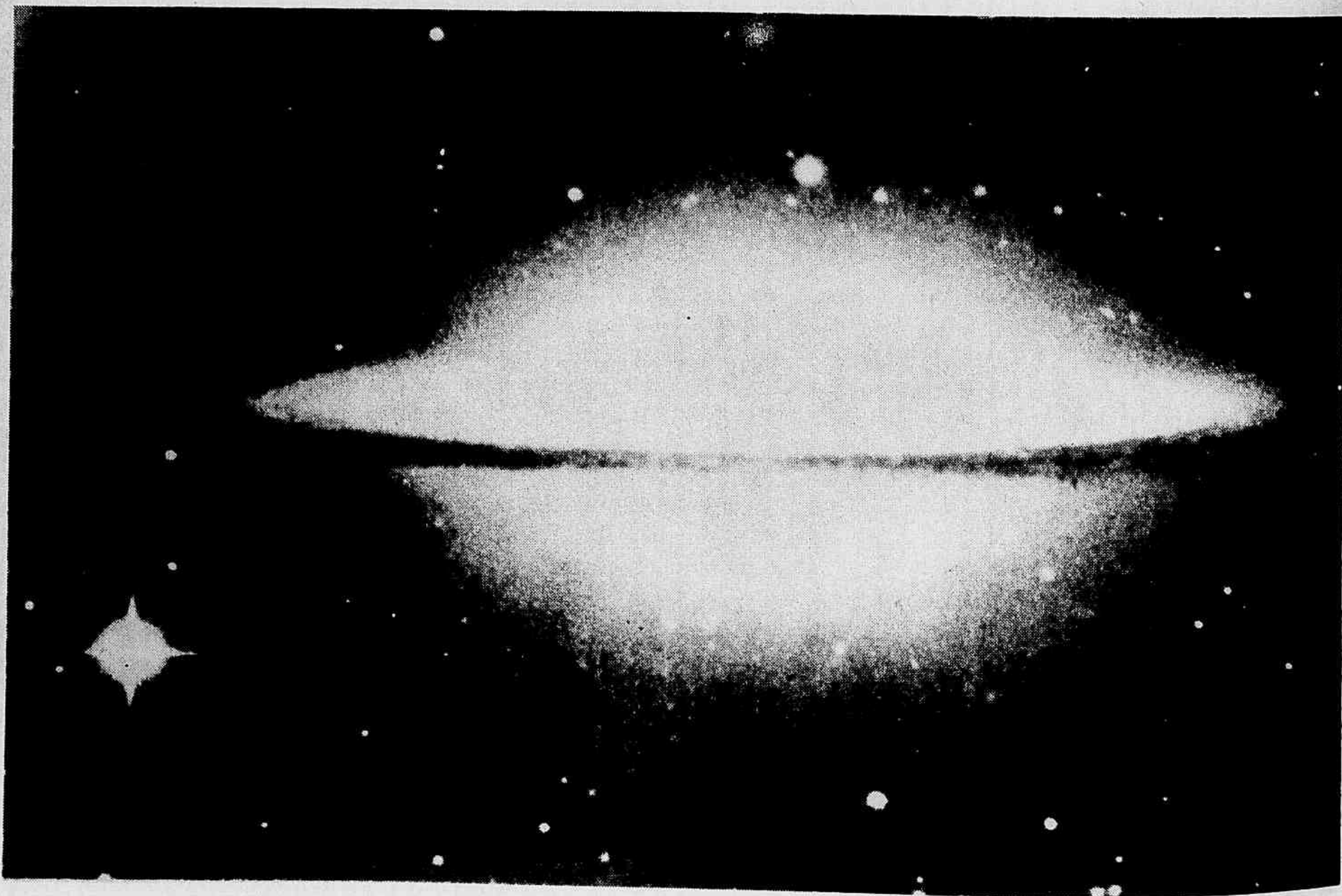
no e Plutão constituem um dos maiores feitos da astronomia e motivo de justa glória para seus autores: o jovem (22 anos) francês Leverrier e o norte-americano Lowell. Leverrier à base de cálculos intrincados (era matemático) conseguiu apontar a existência de um novo planeta. Marcou inclusive a data, a hora e o local em que o mesmo poderia ser surpreendido com um telescópio. O astrônomo alemão Galle seguiu as indicações e viu Netuno pela primeira vez. Lowell repetiu a proeza e descobriu Plutão.

SATÉLITES DE VERDADE...

Urano tem cinco satélites, quatro dos quais seguem a linha estranha dos "hereges" de Júpiter: são também retrógrados. Com um (dos dois) de Netuno fica completo o grupo dos nove heterodoxos que se recusam a entrar nos esquemas previstos pela maior parte das teorias cosmogênicas sobre a formação do sistema solar.

ONDE MORAR? — Com êsse rápido passeio pelos diversos membros da família do Sol é possível indagar: haverá melhor lugar que a Terra para o homem habitar? A resposta é um não contundente.

Em Plutão seríamos enregelados e asfixiados. Em Netuno ou Urano ainda seríamos envenenados. Em Saturno e Júpiter além de todas essas calamidades ficaríamos esmagados sob a ação da gravidade. Em Vênus a temperatura não é má. Mas o que iríamos respirar? Em Mercúrio seríamos irremediavelmente torrados. Ficamos com Marte. E com a Lua. No primeiro teríamos uma tênue atmosfera, mais os rigores de um clima polar. Na Lua nenhuma atmosfera e um severo bombardeio de meteoritos e radiações ultravioletas. De qualquer forma, lugares um tanto inóspitos. O que será levado em conta pelos futuros próximos viajantes interplanetários.



A observação dos profundos espaços do Universo oferece deslumbrantes surpresas. O homem, com uma persistente «embora longínqua» argúcia tem descoberto segredos aparentemente indevassáveis

SOCIEDADE

Por JEFF THOMAS



A sra. Sarah Kubitschek patrocinou: no comité de honra as embaixatrizes da França e da Itália, além de um grupo de senhoras do «high-society»

NO GOLDEN ROOM

FESTIVAL DA MODA DE 1957

SOCIEDADE



O manequim Maria, quando desfilava com a rica coroa que pertenceu a imperatriz Josefina

Festival da moda de 1957

◆ Tivemos no dia 23, uma «soirée-snob» muito internacional no «Golden-Room» do Copa. Logo que subi as senhoriais escadas do Copacabana Palace, previ que uma promoção de grande categoria começava a acontecer. Não me enganei, pois o Rio de Janeiro elegante viveu uma de suas grandes noites, em matéria de desfile de modas. Era os tecidos Matarazzo-Boussac, desfilados na passarela por famosos manequins internacionais, lançando as últimas criações

Fotos V. VASCONCELOS

REVISTA DA SEMANA — 48



Sra. Josephine Jordan, a mais fascinante

ESSA promoção teve o alto patrocínio da sra. Sarah Kubitschek, tendo no comitê de honra as embaixatrizes Bernard Hardion, da França e Blasco Lanja D'Ajeta, da Itália, e como «patronesses» um grupo de senhoras do estado-maior do «high-society» carioca, sendo essa noite em benefício das Obras das Pioneiras Sociais. Casas brasileiras de alta costura como: Vouge, Rosita, Scarlet (em São Paulo) e Laís (no Rio), apresentaram criações exclusivas para a ocasião. No setor internacional estavam: Dior, Jaques Heim, Lanvin, Castilho, Jean Pottou e De Rouch. Peças modernas e históricas de Van Cleef & Arppels, também transitaram pela passarela. A coroa usada pela Imperatriz Josefina foi uma das belas jóias apresentadas



O colunista e sra. Carla Herzfeld



O senador Artur Bernardes dança com a sra. Otávio Guinle



O elegante sr. Eduardo Bahout e a fascinante Maria Eudóxia Gualberto

◆ **MAIS DE 150 MINUTOS DUROU O DESFILE** — O desfile que estava programado em duas partes, teve longa duração, ou seja: «mais de 150 minutos». Primeiro foram apresentados os manequins nacionais, seguidos dos italianos, com modelos apresentados pela S.A. I.R.F. Matarazzo. Finalmente vieram os esperados manequins franceses, que fizeram grande sucesso. Um fato curioso aconteceu nessa ocasião, quando a última criação de Christian Dior, um exótico modelo negro era destilado pelo manequim France Nixon (que funciona em sua Maison em Paris) e era o mais aplaudido, o célebre «poeta da moda» falecia em Montecatini, na Itália. Foi inesperada a morte do criador do «new look»,

a alta costura mundial está enlutada com a sua perda.

◆ **A MAIS FASCINANTE** — Eram em quantidade as mulheres fascinantes, presentes no «Golden-Room». Tive a idéia de escolher, então, a mais fascinante de todas. Consultei alguns «experts» no assunto, e o nome mais indicado foi o da sra. Spitzman Jordan, que além de fascinante é possuidora de rara beleza e elegância. Acho que fui muito feliz nessa escolha. Agora que se aproxima o fim do ano, já estou com minha lista das «Dez mulheres mais

fascinantes do Brasil» quase pronta. A sra. Jordan, é forte candidata.

◆ **UMA PROMOÇÃO DAS «PIONEIRAS SOCIAIS»** — Como já frizei, essa promoção foi em benefício das «Pioneiras Sociais». A primeira dama do país está de parabéns, pois essa festa pode ser apontada como uma das mais importantes já realizadas nos últimos tempos no Rio. O nosso «high-society» esteve todo presente, tendo o «Golden-Room» e o salão de festas ficado totalmente lotados.

Até a próxima.

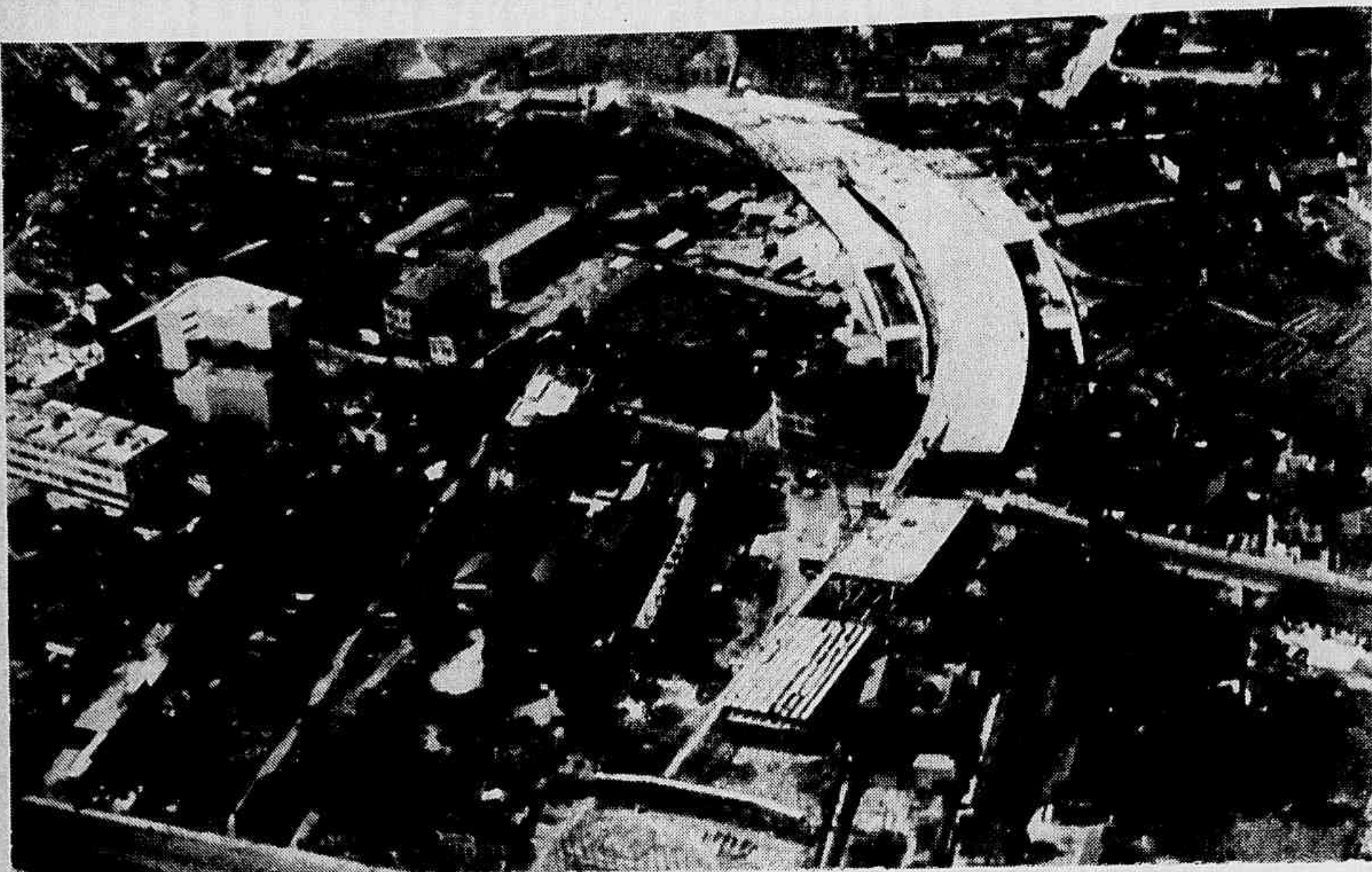
Estou diariamente com vocês no vespertino «A Noite».



O «business-man» Ricardo Jafet e a senhora Célia Singery



O sr. Hime e a senhora Evinha Monteiro de Carvalho



**VIADUTO DE
MADUREIRA
OBRA
MONUMENTAL**

♦ O prefeito Negrão de Lima visitou recentemente em companhia do dinâmico e operoso diretor do Departamento de Estradas de Rodagem, dr. Adolfo Aguiar, e de jornalistas especialmente convidados, inclusive o representante desta revista, as grandiosas obras do Viaduto de Madureira que estão sendo executadas por aquele importante Departamento do serviço público municipal e cuja conclusão está prevista para setembro de 1958. Com 1.200 metros de extensão e quatro rampas de acesso, uma largura total de 20 metros, o Viaduto de Madureira será a maior

obra de arte em concreto protendido da América do Sul. Passando sobre os leitos da Central do Brasil e da Linha Auxiliar, permitirá a ligação direta entre os subúrbios de Madureira, Cascadura, Irajá, Penha, Rocha Miranda, Pavuna e Jacarepaguá. A primeira fotografia aérea do Viaduto de Madureira, acima estampada, dá bem idéia da grandiosidade da obra que o DERDF vem realizando sob a direção do competente engenheiro dr. Adolfo Aguiar.

RIO DE JANEIRO POÇOS DE CALDAS LINDOIA SERRA

Sempre às suas ordens!

NEGRA AGUAS DA PRATA BELO HORIZONTE



**EXPRESSO
BRASILEIRO**

SÃO PAULO SANTOS SÃO VICENTE

JUNDIAÍ CAMPINAS RIBEIRÃO PRETO SOROCABA

SÃO PAULO RIO DE JANEIRO BELO HORIZONTE

Av. Ipiranga 885 - Fone 34-1395 | Pça. Mauá (Estação Rodoviária) Fone 23-3912 | Rua Oiapoque 276 - Fone 4-9060

PASSE SUAS FÉRIAS NAS BERMUDAS

Por ZOA SHERBOURNE

Ilustração de E. SHOOK

ÊLE era um homem indicado para o serviço. Ninguém olhava para ele duas vezes.

Durante diversas vezes por semana ele podia ser visto caminhando pela rua em seu curioso andar arrastado, tendo sob o braço a pequena valise escura.

Ocasionalmente um dos rapazes inteligentes do escritório chamava a atenção de J.P. para o risco terrível que estava correndo, deixando que o velho John levasse consigo todo aquele dinheiro.

— E se alguém o abordar?

— J.P. sorria então por traz de seu charuto e dizia:

— Ninguém o fará. Pense um pouco, ele parece por acaso um homem que leva trinta a quarenta mil dólares com ele?

E' claro que não parecia. Ele tinha o aspecto do que realmente era; um simples, modesto e sério guarda-livros.

Agora, quando John atravessava dirigindo-se à ala de estacionamento para alcançar seu carro, tinha uma expressão preocupada. Não devido ao dinheiro que levava; nunca pensava muito nisso, que era parte de seu trabalho — entregá-lo ao banco e receber em troca o protocolo em seu livro. Não, o que preocupava-o era sua esposa, Gladys.

Ela se mostrara extremamente aborrecida por causa de suas férias aquele ano. Parecia a John que merecia umas duas semanas para fazer uma pescaria e descansar num chalé junto a um lago de águas plácidas, onde poderia deixar de lado o despertador, sem precisar barbear-se todos os dias...

No ano passado cancelara sua viagem de férias devido às despesas com o casamento de Margy, sua única filha, e era bem natural que Gladys desejasse um bonito casamento para ela. Mas no outro ano fôra a nova lareira... e no anterior a operação de Gladys... cada fim de ano surgia alguma coisa.

John dirigiu o carro em meio ao intenso tráfego. Na metade do percurso passou pelo Edifício Union e pensou com sentimento de culpa na carta da companhia de seguros. Já era a terceira que recebera declarando que sua apólice estava lamentavelmente atrasada. John sentiu também uma espécie de satisfação perversa, que era ao mesmo tempo

um castigo — Gladys lhe dera o dinheiro para esse pagamento há um mês atrás. Um automóvel acabava de deixar uma vaga e John, com um suspiro resignado, manobrou seu carro para lá.

LEVANDO a valise embaixo do braço, John saiu do veículo e encaminhou-se para o edifício, onde uma agên-

cia de viagens fôra aberta, e hesitou um momento, seus olhos fixos nos cartazes vermelhos: "Passe suas férias nas Bermudas!" "Visite o encantador Lago Louise!" "Conheço o belo Vale do Sol!"

Num impulso aproximou-se do balcão onde o atendeu um rapaz. O preço de uma passagem para as Bermudas era de pasmal.

(Cont. na página 58)



O homenzinho olhou ansiosamente para cima e disse calmamente: —
Eu estava pensando o que fazer com este relógio e esta dentadura...

Literatura e arte

JOSE ROBERTO TEIXEIRA LEITE



Padre Antônio Vieira

♦ EM «MÚSICA do Parnasso», de Manuel Botelho de Oliveira, encontramos a seguinte quadrinha, parte de um poema jocoso:

De todo o corpo República
O dinheiro é nervo vívido,
E sem ele fica lânguido,
Fica todo bellissimo.

E, com efeito, todo debilíssimo é como anda, do ponto de vista financeiro, nosso pobre Brasil. O que mostra que Botelho de Oliveira, além de ser o primeiro poeta nacional com obra publicada (e logo em quatro línguas...) era também profeta, e dos melhores.

♦ JOAQUIM NABUCO, que entrou para a Diplomacia sem concurso, por iniciativa do Barão de Cotegipe, e que foi eleito deputado graças a amigos, como ele mesmo diz, em «Minha Formação», em nada fica diminuído por esses dois fatos: porque, merecedor de dois favores sem os quais sua vida evidentemente não teria sido o que foi, soube confirmar, posteriormente, seu merecimento, não desmentindo as esperanças dos que o auxiliaram. O triste, o verdadeiramente lastimável, é merecer favores e depois de dar a conhecer, claramente, que não se estava preparando para recebê-los.

♦ POR FALAR em Nabuco, e em «Minha Formação»: nada há, a nosso ver, nesse livro excepcional, melhor do que o capítulo XXV, dedicado à memória do Velho Barão de Tautphoeus, mestre do autor — um Sócrates perdido nos Trópicos. E — interessante: enquanto Tautphoeus, germânico

CRÔNICA

VÁRIOS ASSUNTOS

de origem, se apaixonara perdidamente pelo Brasil, por sua natureza, ali por suas instituições, Nabuco, seu discípulo, pôde mais tarde escrever a seguinte frase: Às vezes me distraio a pensar que povo eu salvaria, podendo, se a humanidade se devesse reduzir a um só. Minha hesitação seria entre a França e a Inglaterra», etc. Do Brasil, nem palavra...

♦ O PRIMEIRO cabotino da Literatura Brasileira foi, seguramente, e segundo as últimas pesquisas levadas a cabo por Cândido Jucá Filho, o governador pernambucano Jorge d'Albuquerque Coelho, autor do «Naufrágio, que passou Jorge Dalbuquerque Coelho, Capitão, & Governador de Pernambuco», obra seguida de um longo poema, a «Prosopopeia, dirigida a Jorge Dalbuquerque Coelho, Capitão e Governador de Pernambuco, noua Lusitania, etc.» — outrora atribuída a um hipotético Bento Teixeira, ou Bento Teixeira Pinto. Jorge d'Albuquerque Coelho, em 1601, escreveu um poema para (celebrar a própria coragem; trezentos e cinquenta anos depois, o poeta (menor) Paulo Bonfim organiza uma «Mesa Redonda» para que elogiem sua obra poética. Como podem reparar, o processo avacalhou-se...

♦ A AUDACIOSA imaginação do padre Antônio Vieira impeliu-o a, em alguns sermões, ir de encontro mesmo a certos preceitos da doutrina cristã, criando-lhe por vezes embaraços com a própria Autoridade Religiosa à qual se submetia. Veja-se esse trecho do Sermão chamado «do Sacratíssimo Sacramento» (Lisboa, 1645): «O primeiro inventor (ninguém se espante do que digo) o primeiro inventor da traça ou desenho do mistério da Eucaristia foi o demônio. Quando o Demônio tentou a Eva, disse-lhe assim. Comei do pomo vedado, porque no dia em que comerdes ficareis como Deus. Eis aqui o mistério da Eucaristia, não só quanto à Eucaristia, se não também quanto aos efeitos.» Com essa, o próprio diabo não se deve conformar...

OS LIVROS

★ POESIA

JOSE KLEBER: «Praia do Sono» (Livraria São José, Rio de Janeiro, 1957. 79 páginas).

OUTRO LIVRO de poeta estreante, editado por Carlos Ribeiro, é esse de José Kleber: ainda não-lo mostra muito apegado a velhos temas poéticos, até mesmo a velhas técnicas poéticas. Ao jovem poeta ainda faltam as qualidades de um artista acabado — qualidades que não se pode, de resto exigir em um estreante. Convém todavia que Kleber atente no ritmo de seus poemas: em «O Sobrado», por exemplo, escrito em versos que pretendiam ser livres, a cadência é a tradicional, em decassílabos, algumas vezes distribuídos em duas linhas, doutras continuada por uma ou duas sílabas neutras: «Nada mudou: / os muros desfolhados, a pintura desbotada / e um rastro de silêncio pelas pedras». «Nada mudou: os muros desfolhados», e um rastro de silêncio pelas pedras; dois decassílabos, um distribuído por dois versos. O ritmo moderno é totalmente outro. Quanto à temática, os motivos marítimos são os mais numerosos — e isso porque Kleber, nascido em Parati, criou-se praticamente à beira-mar. Mas na segunda parte do livro («Cotidiano»), e na última («Certeza»), outros temas aparecem: os cidadãos, o poema social, em «Entrevista», etc. Poemas, todos eles, sem grande importância, muitos sem importância alguma.

★ CONTOS

EDILBERTO COUTINHO: «Contos-II» (Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco. Recife, 1957. 85 páginas).

DE INÍCIO, uma alusão ao aspecto pouco convidativo do livro, composto em tipos antiquados e defíceis à leitura. Em seguida, passemos propriamente aos contos do jovem Edilberto Coutinho. Quer-nos parecer que esse livro vem sendo tratado, por parte da crítica nacional, com

grande benevolência. Não vemos, em Edilberto, as qualidades que por exemplo no prefácio Gilberto Freyre apregoa: não o vemos essa afirmação que o sociólogo de Apipucos proclama, nem o colocamos na linha de Machado de Assis, como o autor de «Casa Grande e Senzala». Para nós, Edilberto Coutinho é apenas mais um contista, com alguns achados aqui, outros acolá, mas geralmente escrevendo contos antiquados, na forma e no espírito, num momento em que a busca de novos meios de expressão é a única via possível a ser palmilhada. Todas as palavras, evidentemente, já foram ditas: resta, agora, dizê-la de uma maneira diferente, ou então calar. Entre as qualidades de Edilberto, é justo porém que se realcem seu português bem escrito, e seus dons poéticos, capazes de impregnar sua prosa de uma suave substância de natureza lírica. As ilustrações de Reynaldo Fonseca são fracas.

★ ENSAIO

DIVERSOS: «Lasar Segall» (Museu de Arte de São Paulo, São Paulo 1957. 64 páginas).

ESSE LIVRO — de boa feitura gráfica, contendo inúmeras reproduções de trabalhos de Segall, muitas em cores, e excelentemente impressas é uma homenagem póstuma ao grande pintor russo (naturalizado brasileiro) Lasar Segall, nascido em Vilna em 1891 e falecido em São Paulo em agosto. Foi realizado tendo como ponto de apoio uma monografia de Bardi, publicada em 1952, e servirá para ponto de partida de uma obra definitiva sobre o artista dos «Navios de Emigrantes», a ser terminada breve em São Paulo. Traz uma Tábua Biográfica de Segall, uma Bibliografia Essencial, uma vasta série de Depoimentos (entre os quais o mais longo e importante é justamente o de P.M. Bardi, extraído de sua monografia sobre Segall acima aludida), e sobretudo reproduções de obras gravadas e pintadas desse importante artista expressionista, reproduções essas que nos traçam um roteiro seguro de toda a carreira artística de Segall.

O CASO FLÁVIO DE CARVALHO

COMO E' do conhecimento de todos, as obras de Flávio de Carvalho apresentadas ante o júri de seleção da IV Bienal de Arte de São Paulo foram tôdas elas cortadas, por motivos ainda não de todo explicados. À época, o artista protestou, até de maneira exuberante — maneira que não demoramos a condenar, por nos parecer que um júri, de vez que aceito pelos artistas, deve ter suas decisões acatadas pelos mesmos, quando erradas inclusive. Agora, o delegado norte-americano à IV Bienal, Alfred Barr Jr., homem de reconhecida competência, um dos diretores do Museu de Arte Moderna de Nova York, vai e compra, dêsse mesmo Flávio de Carvalho considerado indigno de figurar na mostra de Ibirapuera, dois desenhos de poderosa inventiva: o retrato do psiquiatra Carvalhal Ribas — que aqui reproduzimos, para os leitores — e um da série «Mulheres». Flávio de Carvalho, portanto, não conseguiu entrar na IV Bienal como expositor, mas de ora em diante terá obras na maior coleção de arte contemporânea do mundo — êsse fabuloso Museu de Arte Moderna de Nova York, onde até agora, ao que saibamos, apenas outro brasileiro — Portinari — tinha tido acesso.

PESSOAS, COISAS E FATOS

GENARO DE CARVALHO acaba de enviar dez tapêtes para Zurich, na Suíça, a fim de participarem da mostra «Visões dos Trópicos». *** DEVERÃO, BREVE seguir para a China os dois jovens gravadores agraciados com bolsa de estudos no Salão «Para Todos», que agora se encerra. *** DESDE PRINCÍPIOS do mês, uma das principais atrações da cidade, do ponto de vista artístico, é o «Salão do Mar», organizado por Antônio Olinto, diretor do S. de Documentação do Ministério da Viação. *** CHEGARÁ BREVE ao Rio a mostra «Dez Anos de Pintura Italiana», que, organizada em Veneza, está percorrendo há meses as capitais sul-americanas. *** «Lasar Segall», chama-se o álbum publicado há algumas semanas pelo Museu de Arte de São Paulo, em memória dêsse grande artista falecido a 2 de agosto passado. *** NOVA GALERIA de arte em Copacabana: a de Sérgio Camargo, a ser inaugurada com uma quádrupla exposição.

AS PESSOAS



Olegário Mariano

OLEGARIO MARIANNO, entrevistado por um jornalista a respeito dos satélites artificiais e das novas possibilidades que êles vinham abrir ao homem, afirmou que o céu era para os pássaros e para as estrelas, para as nuvens e para outras coisas mais ou menos líricas da mesma espécie... Uma lástima de entrevista. *** CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, êsse ano, foi convidado a fazer parte do Júri de Premiação dos vários prêmios distribuídos anualmente pela Prefeitura do Distrito Federal. Segundo o autor de «A Rosa do Povo», êsse concurso é um absurdo, a começar pelo Júri — três membros apenas, para julgar poesia, ensaio, ficção, o diabo. Depois, as peças inscritas estão abaixo da crítica, e as obras premiadas são, em geral, medíocres. Por todos êsses motivos, Drummond votou pela não atribuição, em 1957 corrente, de nenhum prêmio da

P.D.F. aos candidatos inscritos. Seu voto foi vencido. *** VIVALDI MOREIRA é o novo diretor da Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional. *** MANUEL BANDEIRA tem escrito da Europa crônicas deliciosas, que deverão ser reunidas em volume. *** CIRO PIMENTEL, Milton de Lima e Souza e Milton Godoy Campos serão os julgadores dos originais concorrentes ao Prêmio Paulo Sérgio, instituído há tempos pelo Clube de Poesia de São Paulo. *** GIBSON LESSA, premiado êsse ano pela P.D.F. (50 mil cruzeiros — setor «Ensaio») pelo seu livro «Universo Fantasma», eivou seu livro, que aspira a ser um trabalho de cunho filosófico, de expressões de um mau gosto absoluto, de trivialidades chocantes, as quais, por si só, bastam para que o prêmio jamais lhe tivesse sido concedido. Enfim... *** LEONIDAS HEGENBERG, no último número da «Revista Brasileira», traça interessante paralelo entre Graciliano Ramos e Dostoiévsky. Bom estudo. *** «LIÇÕES DE ABISMO», de Gustavo Corção, foi traduzido para o holandês há alguns anos, e se constituiu mesmo em «best-seller» na Holanda; agora, sob o título «Lezioni dell'Abisso», será editado na Itália, na famosa coleção «Il Grapolo». Enquanto isso, a «Descoberta do Outro» acaba de ser publicada na Inglaterra («My Neighbour as myself»), e está sendo igualmente traduzida na Argentina. ***

A CANOA DOS DOZE

Eram doze na canoa,

na canoa que virou.

A noiva ficou com o noivo,

o noivo ficou na proa.

Os remos rasgavam água
respingando sal nas roupas.

Doze remos furam água,

doze gritos de alegria.

Eram doze na canoa,

na canoa que seguia.

O noivo segura a noiva

na cintura e na mão fria.

Doze remos furam água,
embora rugisse o vento.

Voltar seria melhor?

Adiar o casamento?

Eram doze na canoa,

na canoa que indecisa

não sabia se voltava,

se parava, se seguia.

Doze remos furam água,

negras nuvens, ventania,

onda forte e sufocante,

doze vozes não se ouviam.

Eram doze na canoa,

na canoa que virou.

A noiva ficou com o noivo,

e tudo o mar carregou.

José Kleber



MILTON DACOSTA: SEM DA T



É

um apartamento de dois pintores, no quarto e último andar de um edifício em Copacabana, sossegado, isolado, cheiro de tinta e quadros, presos nas paredes, enfileirados num canto, outros em formação.

No atelier de Maria Leontina a claridade da manhã penetra de manso, de silêncio, de ausência, os tubos de tintas ensaiando a espera da pintora «Maria encontra-se em S. Paulo» diz Milton Dacosta. Milton é um rapagão, de início meio acanhado, meio desconfiado, fugindo para dentro de si mesmo. Calças americanas, camisa colocada num descuido agradável, íntimo. Vem logo servir um café, a empregada não está «sem Maria aqui, não tenho jeito para dirigir...»

Pela voz de Dacosta a presença de Maria Leontina se faz sentir em cada canto da casa. Nas estatuetas de santos perfiladas na janela da sala, numa gaiola aprisionando dois pássaros que uma chave poeticamente maiúscula faz ganhar movimento e gorjeios mecânicos.

— E' gosto de Maria, e meu também.

E as frases repetidas de Dacosta «Não reparem a arrumação, sem Maria aqui...»

Milton lóge às perguntas, ou por outra, atravessa êle um período de amadurecimento, no qual se mede palavras e opiniões. E' necessário não falar levianamente e êle sabe disto. Já em seu próprio atelier procurando recortes de jornais, catálogos que falem por si mesmo.

— Você não leve a mal, mas é que em certas ocasiões não se tem realmente o que dizer. Há momentos em que se gostaria de ficar mais a sós, trabalhar mais consigo mesmo.

Sôbre pintura acha que não se deve estar julgando com frases sôltas, deixa aos críticos a vez de se pronunciar «há sempre o perigo de julgamentos apressados e o meu lugar é aqui no meu trabalho».

— Você tem algum método especial? Hora certa?

— Trabalho, simplesmente, diariamente, mas sem preocupações de horário. Junto à sua mesa de trabalho, duas fotografias de jornal estão prêsas à parede. Numa delas uma menina em pose, tranqüilamente sentada, Milton não sabe quem é, aponta para a outra e exclama:

— E' uma beleza de fotografia, não é mesmo?

E não existe outra forma de explicar as presenças da menina em pose, nem do gesto suspenso no ar de uma moça em trajes antigos a entrar num bonde.

«SE VOCÊ NASCE PARA A PINTURA, VOCÊ FAZ PINTURA»

Calmamente recostado entre almofadas, já sem certas desconfianças, dificuldades iniciais de quem não tem muita vontade de ser focalizado.

— Entrevista é sempre caso complicado... Nem sempre sabemos o que dizer.

Não gosta de ajustar conversas. Êste compromisso de falar não está em sua maneira de ser.

— Creio ser assim com tôda gente. Se alguém me diz: «Vamos conversar?» não sai nada.

E Milton rompe uma gargalhada. E' forte e repentina, como o seu modo de se exprimir. Rompe numa frase ou numa série delas, de repente se cala, se isola. Há um certo receio de não ser compreendido ou de se explicar mal. De vez em quando a exclamação: «Será que estou me expressando direito!»

— Sou um homem como outro qualquer. Gosto de tudo, cinema, teatro, passeios... Mas se você nasce para a pintura você faz pintura.

♦ MILTON NÃO E' HOMEM DE DATAS

— Em que ano você nasceu?

E êle reage como um mocinho apanhado em flagrante.

— Sabe que me pegou desprevenido?

Veio de Niterói, mas não gosta de pensar muito nisto. Tem família, irmãos e sempre que possível vai visitá-los.

DATAS, SEM PRAIA E SEM MARIA



Lá em baixo a paisagem sugere um quadro. A dureza geométrica da cidade de concreto parece estar presente no desenho esquemático do pintor

— Mas isto não importa, irmãos todo mundo tem. Não é mesmo?

O tempo para Milton Dacosta corre de maneira diferente, sem datas e sem horários prefabricados. A importância da coisa em si é que vale. E a sua forma retraída de se dar em conversa é resultado deste desejo natural de isolar-se um pouco, dar outro tanto de satisfação própria.

◆ PINTOR TEM FAMA DE BRIGÃO

— Talvez eu tenha sido um pouco brigão. Mas as coisas passam... Hoje não quero saber de mais nada — diz Milton Dacosta, assim como se dissesse — Eu quero é sossego!

Hoje ele se encontra mais voltado para o que de essencial encerra. O importante é ter um plano, trabalhar uma idéia, pesquisar, depurar, pintar.

— Pintor tem fama de brigão, não é mesmo? Mas isto deve ser na primeira fase, as primeiras iniciações, depois ele se acalma...

Há pouco contato com outros pintores. Mais em exposições.

Não existe ponto de encontro, acabou-se o «Vermelhinho»... Em São Paulo o ponto de encontro é no chamado Soc. Amigos da Arte, mas não vão só pintores...

◆ TEORIA NÃO FAZ PINTURA

— A pintura é o meu meio de expressão, minha profissão. Mas não sou fanático de pintura.

E Dacosta perde um pouco o seu ar calado. Fala depressa, não fica no mesmo lugar muito tempo. Ora senta, levanta, procura nova posição, puxa um cigarro, fuma.

— Ninguém diz o que é pintura, ela não é limitada. Não é só cor, ou espaço, composição, é mais do que isso. Deve ser a projeção de nós mesmos. Ela não pode ser só técnica. A técnica tem que obedecer a um compromisso interior de expressão. A pintura está em relação direta com a maneira própria de cada qual senti-la.

NÃO SE AVISTA O MAR, MAS ELE ACHA "DIVERTIDO" A CALÇADA COM SEU MOVIMENTO LÁ EMBAIXO

O contato direto entre tintas e telas, eis uma realidade para Milton Dacosta.

— Teoria não faz pintura, ela pode vir depois. Um homem já satisfeito com as coisas feitas, apresentadas diante de seus olhos, não pode fazer arte. E' por isso que imitam às vezes tão bem o que a natureza criou em sua volta. Não vão além, não transformam...

♦ O IMPORTANTE E' PINTAR SEM PENSAR EM ISMOS

Milton não quis dar opiniões sobre o concretismo. Para ele tudo é pintura, é um meio de expressão própria e a cada artista cabe dar satisfação direta.

E quanto ao concretismo: — Talvez eles acreditem se encontrar mais perto da pintura. Eu hoje nada mais quero dizer, a única solução é pintar. Acho muito cedo para julgamentos.

— O concretismo deixa a pintura «num bôco sem saída»?

— Não, em absoluto. Cada artista tenta e sabe encontrar seu caminho certo.

♦ QUANDO E' DIFÍCIL A ESCOLHA ENTRE DOIS

Na Itália Milton conheceu Morandi, quando de sua viagem a Europa em 50, 51.

— O Mário mandou-me procurá-lo. Morandi é simples, muito simples.

O prêmio atribuído a ele na Bienal foi bem merecido, é triste somente ter um Chagall para pensar... E' difícil uma escolha entre os dois. Enfim, só um pode ganhar.

— Que tal a representação brasileira?

— Houve uma certa tendência para o concretismo. A representação brasileira era mais concretista. E cortaram muita coisa que devia e não devia. As vezes é preferível um pouco de tolerância, pois o que é bom pode escapar.

Milton Dacosta considera sempre de importância uma Bienal. Para um melhor conhecimento, contato não só em relação ao público como aos pintores em geral.

— A pintura aqui evoluiu bastante, não resta dúvida. Mais clima, liberdade, compreensão. Muito maior a compreensão do público junto aos pintores modernos. Voltando-se há uns 10 ou 15 anos quais as divulgações existentes? Nenhuma, pode-se dizer. Hoje o público encontra-se muito mais esclarecido.

E assim as Bienais contribuem bastante, informam, divulgam, buscam tradição. Mesmo «cortando» mal, mesmo inundada. Aliás, este fato não trouxe grandes prejuízos — esclarece Dacosta.

— A parte mais prejudicada foi a de teatro, cenários, maquetes... Quanto aos quadros foram retirados a tempo.

— Como foi você representado?

— Em 5 quadros, composições.

— E a crítica, que acha dela em geral?

Milton dá um sorriso, julga que a crítica está para a pintura assim como a pintura está para a crítica.

— Estamos em fase de formação cultural, é portanto natural uma certa falta de unidade.

♦ UMA PARTIDA DE SINUCA E' SEMPRE APRECIADA

Milton mora em Copacabana mas não frequenta praia. Falta de tempo? Não se trata disto exatamente, pois há sempre tempo para o que se quer fazer — diz ele. Talvez no entanto, encontre dificuldade em harmonizar, servir a várias coisas, uma ou outra é sempre sacrificada. Mas para uma partida de sinuca existe sempre ocasião. Franz Weissmann e Krajcberg são dois amigos sempre bem recebidos, e entre eles e os tacos, embora não tratem de pintura, o colorido não está ausente. Desde a composição das bolas em formação de jogo até o verde da mesa de bilhar.

Milton Dacosta acorda cedo, às vezes quase não dorme, lê pouco, gosta de Drumond, Fernando Pessoa e cita uma jovem poetisa para a qual ilustrou um livro de versos — Lélia Coelho Frota. Fala nela, de sua mocidade e com o livro entre as mãos percorre as páginas e os cinza e branco de suas ilustrações.

— Maria lê mais do que eu.

Milton prefere ouvir música, há maior disponibilidade. Não possui ainda muitos discos, vendeu vários dos antigos discos os quais estão sendo substituídos por long play. Há mesmo ao acaso, um deles em cima da eletrola, uma peça musical de Vivaldi.

Milton começou na E. Belas Artes, mas por pouco tempo. Pinta desde

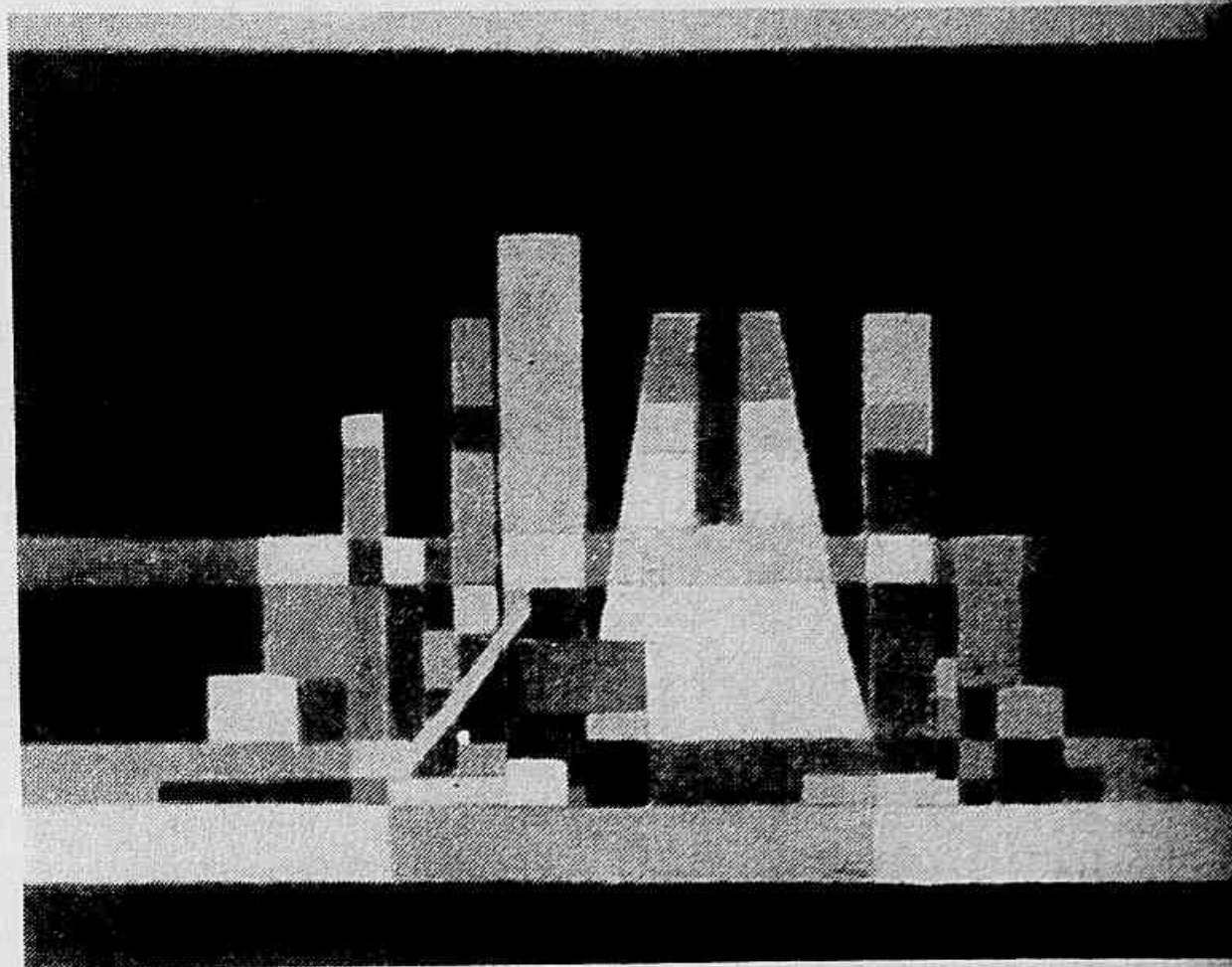
33, mas parou, abandonou a pintura e depois de um certo período voltou. Fêz parte do Núcleo Bernardelli, conheceu lá Pancetti e estudaram juntos. Hoje, depois de participar de diversas exposições, prêmios e viagens, ele é Milton Dacosta sem preocupações de correntes, escola, ismos e etc. Fêz duas viagens, E. Unidos, Europa. Casou-se em 49 — isto encontrado num recorte de jornal, que explicou melhor, o que ele em datas, não consegue se lembrar.

Segall e Volpi duas grandes fortes admirações.

De religião vai bem, sem ir a igreja.

— Quem não tem religião é que precisa ir a igreja. Não é mesmo? No fundo sempre existe um certo compromisso com Deus.

E assim fica Milton num domingo de sol, num apartamento no quarto andar, que não avista o mar, mas que por ser o último possui um isolamento precioso. E' o Milton sem datas, sem praia, sem Maria...



Cada vez mais apurado em traço e composição, Milton Dacosta é, hoje em dia, um pintor cuja categoria encontra poucos pares.



CURSO DE JORNALISMO

(POR CORRESPONDÊNCIA)

MODERNO, PRÁTICO E EFICIENTE MÉTODO NORTE-AMERICANO — RESULTADOS IMEDIATOS

APRENDA, EM SUA PRÓPRIA CASA, COMO SER JORNALISTA

PREENCHA E ENVIE-NOS HOJE MESMO O CUPÃO AO LADO.

INSTITUTO TÉCNICO PROFISSIONAL

CAIXA POSTAL Nº 10 — COPACABANA — RIO DE JANEIRO —

Solicito enviar GRÁTIS o folheto sobre o Curso de Jornalismo

Nome
Rua Nº
Bairro Caixa Postal
Cidade Estado

Envie Cr\$ 5,00 em selos para as despesas

INSUFICIÊNCIA HEPÁTICA

YAKAITAMIN

INTOXICAÇÕES

ANEMIAS

YAKAITAMIN

COMPLEXO INJETÁVEL

INSTITUTO BIOLÓGICO DO RIO DE JANEIRO, LTDA.
CAIXA POSTAL Nº 1.202

Loção XAMBU

DA BELEZA E VIGOR AOS CABELOS CONTRA A CASPA E CABELOS BRANCOS EXITO GARANTIDO



A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON»

Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50

LEIAM

EU SEI TUDO

REVISTA MENSAL

PREÇO CR\$ 10,00

PASSE SUAS FÉRIAS

(Continuação da página 51)

— O que pode fazer, meu senhor, — observou o jovem — é ir até as docas e conseguir passagem num dos cargueiros ou barcos pequenos. Os companheiros de viagem não são lá essas coisas, mas conseguem chegar às Bermudas... eventualmente... há barcos para lá quase que todos os dias...

John ali ficou por algum tempo em muda contemplação de uma fotografia onde um pescador segurava um enorme salmão. E sentiu a pressão da valise sob seu braço contra o corpo.

Trinta mil dólares. Ora... com todo esse dinheiro poderia viver como um verdadeiro rei para o resto de sua vida! Afastou-se lentamente e, no saguão, enquanto procurava no quadro o número do andar da companhia de seguros, ouviu o estrondo. O desastre fôra a dois quarteirões adiante mas John acorreu para lá juntamente com todo mundo. Evidentemente ambos os carros estavam sendo guiados a tremenda velocidade porque haviam colidido espantosamente. Em minutos estavam envoltos numa nuvem de fogo e fumaça.

ALGUNS guardas conseguiam manter afastados os espectadores. John conservava-se entre eles, ouvindo os comentários. Ninguém percebeu quando ele apanhou a dentadura do chão. Pensou consigo que com certeza esta fôra atirada longe na hora da colisão e pertencia provavelmente a uma das vítimas... então seus olhos fixaram-se incrédulos sobre outra coisa. A licença que jazia no chão era sua... era a placa de seu próprio carro!

Enfiando a dentadura no bolso, John procurou as chaves do carro. Não estavam com ele. Deixara-as no automóvel. Ficou na ponta dos pés e olhou bem para os carros incendiados. Mesmo através o lençol de fumaça percebeu algo familiar nas linhas de um deles.

John abrindo caminho entre a multidão foi encostar-se à parede de um edifício próximo. Sua mente etrabalhava intensamente. E pensava: — Eu não paguei a apólice, assim não existirá nada de ilegal a respeito. Há o seguro do carro, é claro, e Gladys poderá recebê-lo. Pode ir morar com Margy... ou arranjar um emprego...

Só em imaginar Gladys levantando-se ao som de um despertador, sentiu uma grande satisfação...

Bombeiros trabalhavam ativamente nos carros... uma ambulância estava ali próximo, à espera.

Recordou-se que a identidade era estabelecida em acidentes dessa natureza, quando os corpos estavam queimados sem possibilidade de reconhecimento, por placas de licença, dentaduras, relógios, anéis, alianças...

Já o que restava dos carros havia sido rebocado e a multidão se dispersara, mas o homenzinho continuava encostado à parede do edifício, lembrando a cena do desastre com mórbido interesse. Um dos guardas aproximou-se dele de cara fechada.

— O senhor tem alguma coisa com o caso?

O HOMENZINHO parecia aliviado e murmurou com dificuldade:

— Estava pensando o que fazer com isto. — E mostrou os objetos que tinha na mão — Encontrei-os na rua logo depois do acidente.

— Huum... dentadura... um relógio. Essas coisas auxiliarão na identificação. Terei de levá-las para chefatura. — E olhou para John esperando algum protesto de sua parte, mas ele entregou-os na mão do policial com decisão. E ainda — a valise preta.

Havia algo de novo em seu andar, enquanto afastava-se na direção do cais. O dinheiro que não fôra para sua apólice de seguro fazia um bom volume em sua carteira. Não era muito, mas serviria para mantê-lo por algum tempo enquanto procurava o que fazer.

J.P. estava absolutamente certo; ele não parecia um homem que levaria uma grande soma de dinheiro. E tampouco parecia um homem que pensava quanto tempo levaria para conseguir uma nova dentadura depois que chegasse às Bermudas.

Respostas de Puxe pelo Cérebro (pág. 25): 1) Camelo; 2) Avestruz; 3) Esquilo; 4) Canguru.

Ludmila Lundakova foi, com muita justiça, considerada a mais bela disputante do II Campeonato Mundial Feminino de Basquetebol. Recebeu muitos presentes, foi das mais fotografadas, e deixou uma verdadeira legião de fãs brasileiros...

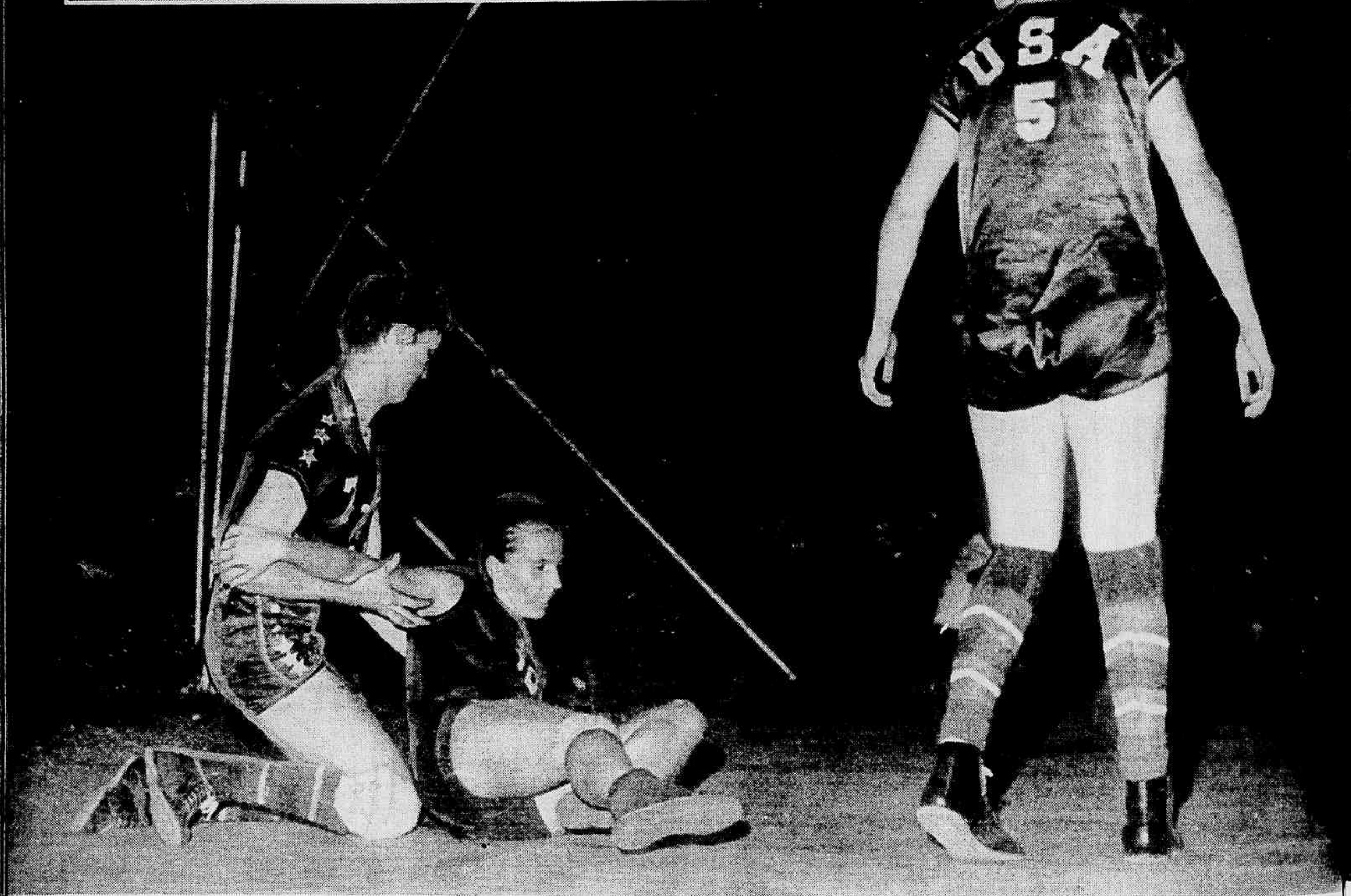


Texto e fotos de
HÉLIO POLITO

**NA BATALHA ESPORTIVA (COM SALPICOS
POLÍTICOS) OS ESTADOS UNIDOS LEVA-
RAM A MELHOR SÔBRE OS RUSSOS**



A ESPECTATIVA QUE PRECEDEU AO JÓGO



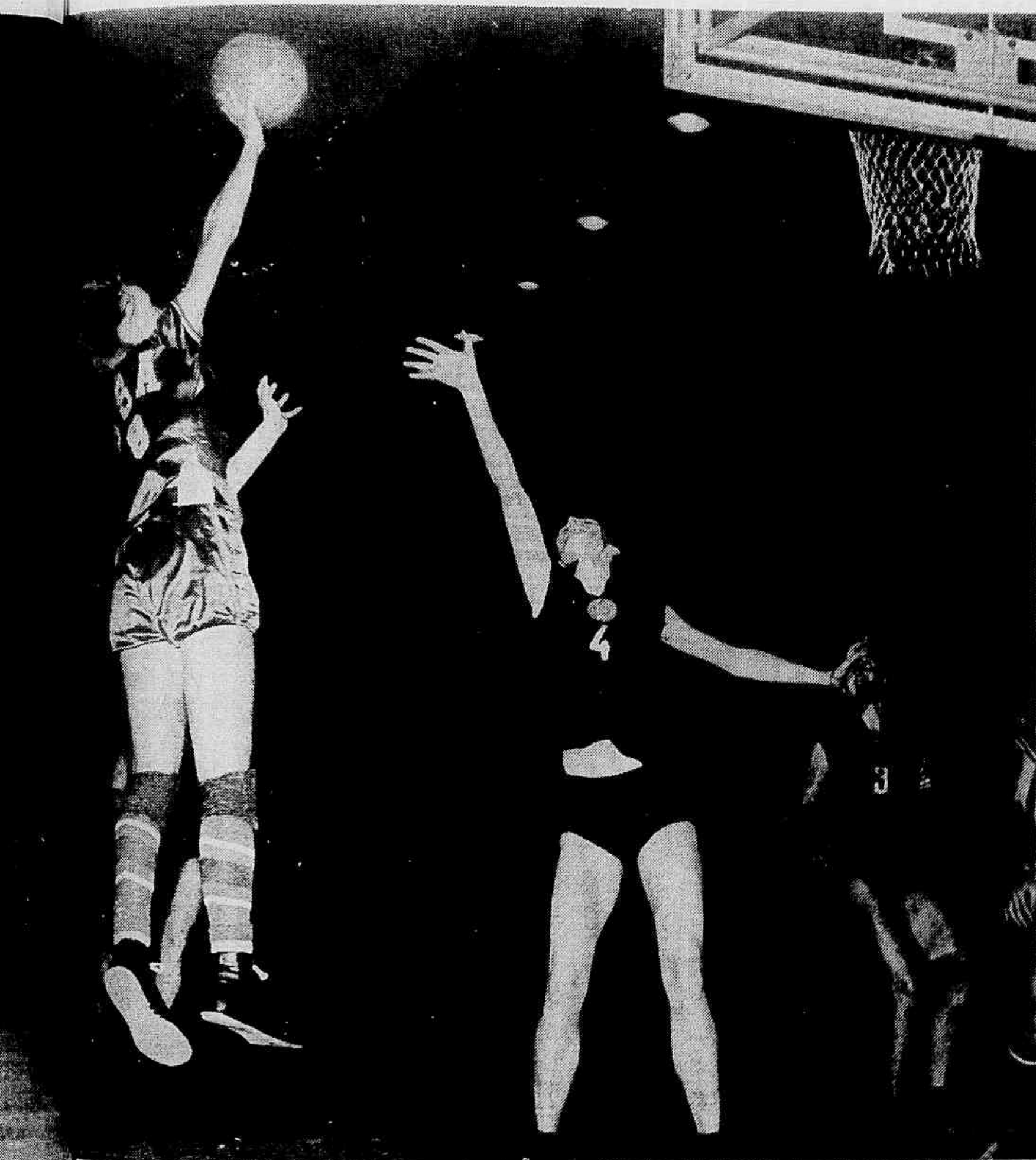
A representação de basquetebol norte-americana que venceu após um jogo disputado palmo a palmo contra as soviéticas, como podemos ver no flagrante acima. Muitas vezes, no ardor da partida, jogadoras de ambos os lados, reboaram no tablado. Na foto, «Joãozinho» socorre uma russa

DOZE países (Austrália, Paraguai, Chile, México, Hungria, EE.UU., Cuba, Tchecoslováquia, Argentina, Peru, Rússia, Brasil) participaram do II Campeonato Mundial Feminino de Basquetebol, que durante mais de uma semana foi o assunto preferido dos desportistas cariocas. E o interesse que despertou foi amplamente justificado, pois alguns jogos foram realmente sensacionais. O quadro do Brasil, apesar das críticas de alguns comentaristas mais apressados, não decepcionou em absoluto. Muito ao contrário. A nossa representação chegou mesmo a assustar alguns dos favoritos, como aconteceu no jogo que enfrentamos o forte quinteto da U.R.S.S. Bastaria talvez mais sangue frio e um pouco de "cancha" em partidas internacionais, para nos levar a um resultado mais satisfatório do que obtivemos. De qualquer maneira aprendemos bastante. As verdadeiras "estrêlas" do basquete feminino, nos deram a oportunidade magnífica de observar a moderna téc-

nica universal. E de tudo isto, certamente os nossos técnicos tiraram lições proveitosas, que muito nos ajudarão de futuro. Pelo menos é o proveito que se espera.

◆ As últimas partidas realizadas no sábado, 26, foram precedidas de enorme expectativa. Principalmente o segundo encontro da noite, em que reunia os dois grandes rivais políticos, Estados Unidos e Rússia. E sob este aspecto, talvez mais que o esportivo, devem ter entrado na quadra do Maracanãzinho, as representações dos EE.UU. e da U.R.S.S., nos parecendo, e também na maneira de torcer do público, que ali defrontavam-se duas ideologias difíceis de uma conciliação. Inegavelmente a recente conquista russa (satélite artificial) veio abrandar a repulsa natural dos brasileiros aos soviéticos, simpatia esta acrescida pelo descontentamento pela sessão de Fernando de Noronha aos americanos. Assim, até os torcedores dividiram as suas preferências, olhando o encontro sob o aspecto de po-

ÓGO RÚSSIA E EE.UU. JUSTIFICOU-SE AMPLAMENTE. GRANDE PARTIDA.



Durante todo tempo do encontro o enorme público vibrou com a técnica das disputantes. A marcação foi serrada e tôdas as «chances» eram infalivelmente aproveitadas pelas contendoras

lítica internacional. E o que não dizer então do estado de espírito das jogadoras em luta? No final, como todos já sabem, as norte-americanas conseguiram a supremacia do marcador (51x48) que lhe garantia assim a conquista do título máximo.

♦ Brasileiras e tchecas também ofereceram um bom espetáculo ao público que superlotou totalmente as dependências do Ginásio Gilberto Cardoso. Tivéssemos mais calma e certamente teríamos conquistado para as nossas côres a honraria da terceira classificação. Pois durante quase todo tempo o Brasil comandou a liderança do marcador, que terminou empatado no período regulamentar. Foi exatamente na prorrogação que nos faltou fôlego e fibra, para levar de vencida o adversário. Em todo caso não existe motivo de queixas, pois tivemos uma apresentação digna de registro. Afinal, a verdade é que ninguém esperava tanto do Brasil.

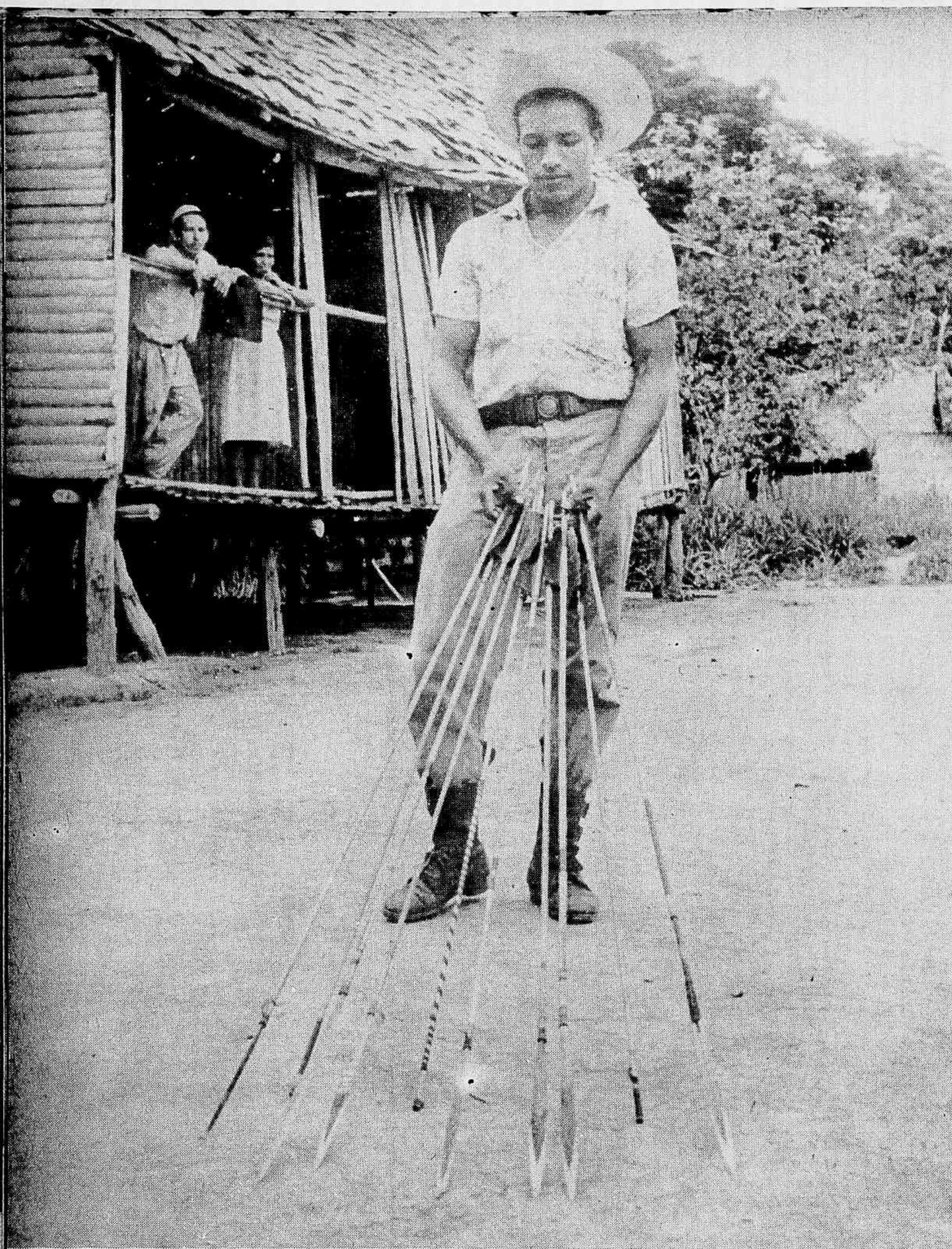


Dayse de Aquino, «madrinha» do quadro brasileiro, pode, nestas três fotografias, mos-



trar o que foi o sofrimento da torcida brasileira no último jogo com as tchecoslovacas





GUERRA NA SELVA

♦ Os índios "Pacaas Novos" declararam guerra aos brancos, por causa do tenente Fernando. Dizem os correspondentes dos jornais que se encontram em Guajará-Mirim que vai correr sangue. Pode ser que sim, pode ser que não. Mais provavelmente, não. Em todo o caso, o soldado José Monteiro, da 6ª Cia. de Fronteira, mostra (na foto) as flechas que os índios poderão disparar contra os correspondentes dos jornais...

Sumário

Ano 57º - Nº 45 - Rio de Janeiro - 9-11-1957

♦ REPORTAGENS

A morte cobra sua taxa.....	3/6
Maysa (que não é mais Matarazzo) trocou.....	10/14
Fábio Lucas em 6 respostas.....	22/23
Norminha vai conhecer o Ceará.....	30/34
Roteiro de Myrna, uma garôta diferente.....	35/37
Satélites de verdade.....	44/46
Milton Dacosta, sem datas, sem mar, sem Maria.....	54/57
Na batalha esportiva.....	59/61

♦ SEÇÕES

Crônica (Eneida).....	7
Humorismo: Olati.....	8/9

Egberto.....	28
Ambrózio.....	63
Jornal da Revista.....	15/18
Quem é você?.....	24/25
Política.....	40/41
Palavras Cruzadas.....	42
Sociedade.....	47/50
Conto.....	51
Literatura e Arte.....	52/53
Último Flash.....	62

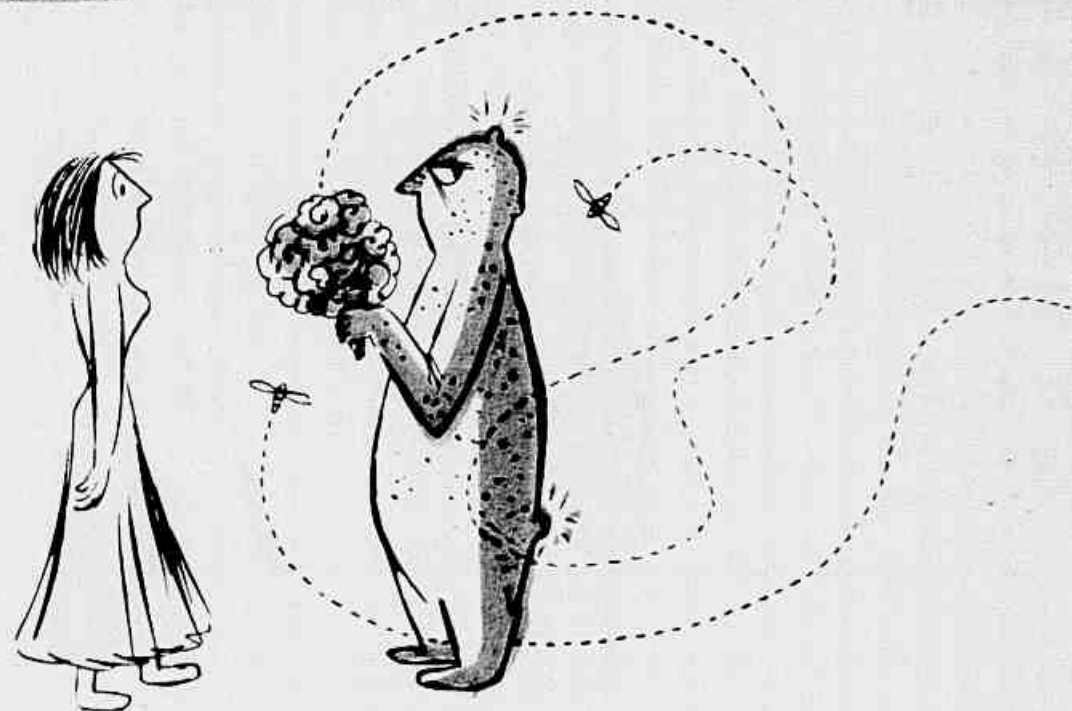
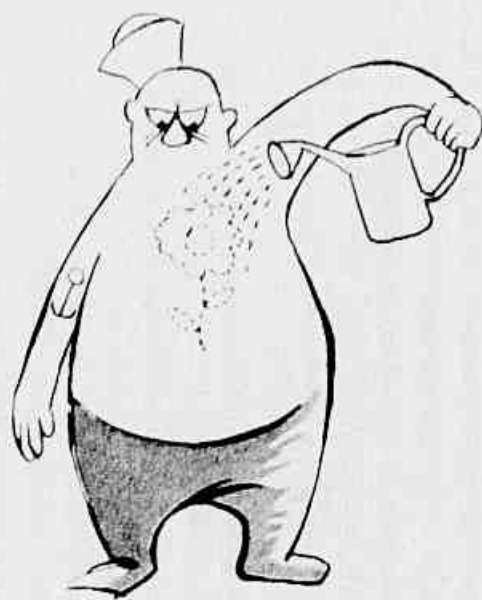
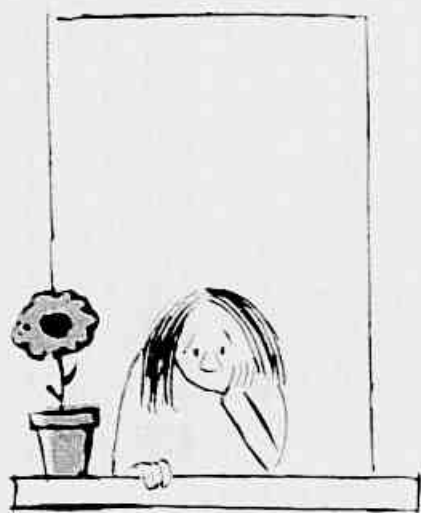
Este número consta de 64 páginas.

♦ CAPA

Norma Primo, uma das mais simpáticas moças da sociedade carioca, em foto a cores de Hélio Polito.



AMBRÓSIO

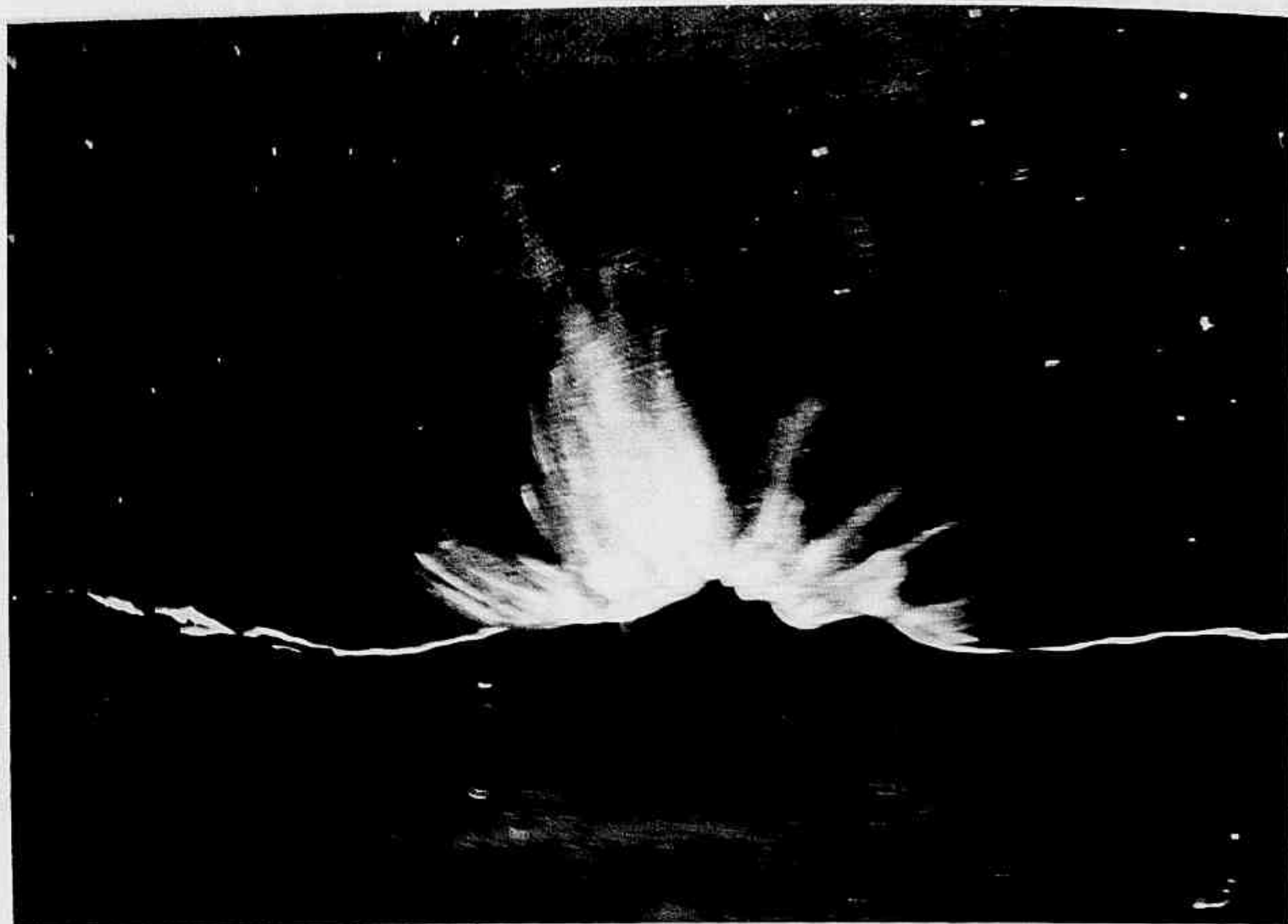


ALMANAQUE EU SEI TUDO

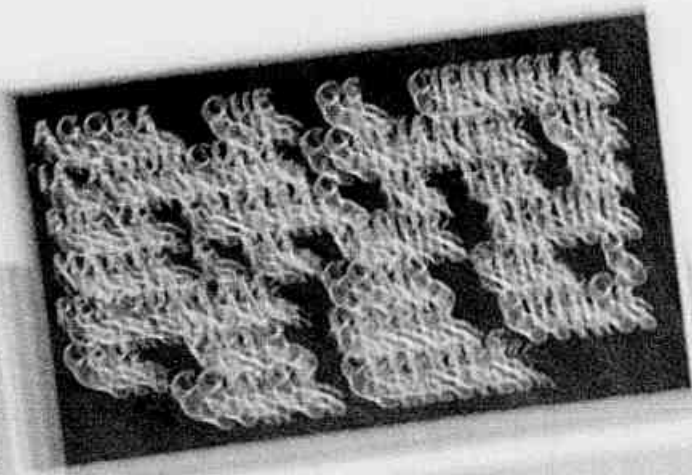
PARA 1958

EDIÇÃO EM PRÉPARO

MARAVILHAS DAS PAISAGENS CELESTES



NOVOS DETALHES SOBRE O SATELITE



O ALMANAQUE EU SEI TUDO, EM PRÉPARO, COM MUITO MAIS DE 100
PÁGINAS, COM ILUSTRAÇÕES E DETALHES SOBRE O SATELITE
DO SATELITE SATELITE SATELITE SATELITE SATELITE SATELITE